



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Gabriela Pedroni

Percorrendo alguns caminhos da antropologia feminista mexicana

Florianópolis

2020

Gabriela Pedroni

Percorrendo alguns caminhos da antropologia feminista mexicana.

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de mestra em Antropologia Social

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Miriam Pillar Grossi

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pedroni, Gabriela

Percorrendo alguns caminhos da antropologia feminista
mexicana / Gabriela Pedroni ; orientador, Miriam Pillar
Grossi, 2020.

136 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Antropologia Feminista. 3.
História da Antropologia. 4. Feminismo Mexicano.. I. Pillar
Grossi, Miriam. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.
III. Título.

Gabriela Pedroni

Percorrendo alguns caminhos da antropologia feminista mexicana.

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof^a. Dr^a. Antonella Maria Imperatriz Tassinari
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Dr^a. Alinne de Lima Bonetti
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Vinicius Kauê Ferreira
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Antropologia Social

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof^a. Dr^a. Miriam Pillar Grossi
Orientadora

Florianópolis, 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as mulheres que sedimentaram o caminho antes de mim, por toda a herança que me deixaram. Agradeço às bruxas, putas, loucas e sapatonas de ontem e de hoje. A todas elas que lutaram sempre, que transformam o pessoal, o individual, cada lugar pelos quais elas passaram. Aquelas que são insubmissas, que romperam as correntes e as amarras. As que morreram. As que vivem. As que escreveram, as que cantaram, as que falaram. As que ousaram ser o que não podiam ser. As que foram além do seu tempo. As que conheci agora e as que ouvi falar desde pequena. As feministas históricas e as feministas que caminham ao meu lado. As que alargaram as normas, as que romperam com elas. As que queimaram sutiãs, as que queimaram pneus, as que queimaram delegacias, as que queimaram. As cinzas não foram em vão. Sou feita de cinzas. Das suas cinzas. Renascemos delas sempre mais forte.

Agradeço a CAPES por essa pesquisa em específico, que só pode ser realizada porque tive recursos públicos na forma de bolsa durante todo o meu mestrado. Agradeço em relação recursos públicos do projeto de pesquisa *Direitos Humanos, Antropologia, Educação: experiências de formação em Gênero e Diversidades* que participei. Mas estendo esse agradecimento de um modo mais geral para a educação pública no Brasil. Sou fruto dela. Desde a pré-escola até aqui. Foi através desse modelo de educação que convivi com as mais diversas estudantes brasileiras. Em tempos de golpes de estado e de combate às universidades, reafirmo aqui a importância desses espaços para a formação intelectual do Brasil. É um agradecimento por toda a minha trajetória acadêmica que só foi possível diante de um cenário de qualidade inestimável de professoras que fazem da educação pública possível e democrática. Agradeço ainda a Universidade Federal de Santa Catarina, local de ensino de qualidade, de extensão engajada e de pesquisa séria e crítica. Essa universidade que me acolheu e que me deu condições de conhecer outros espaços acadêmicos, através de financiamentos para que eu pudesse viajar para Mendoza, na Argentina, para Brasília e Minas Gerais, e, claro, para o México.

Agradeço ao Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS). A esse espaço institucional que me construiu e desconstruiu. É um espaço físico apertadinho e

lotado. E foram nesses computadores, cadeiras, livros e impressoras que pude ter um *teto só meu* para escrever. Mas principalmente agradeço às pessoas que dele fizeram parte e que me trouxeram amor. Sim, essa dissertação foi construída com o amor das pessoas que estiveram do meu lado em todos esses momentos. Por isso, gostaria de agradecer à Leonardo de Miranda Ramos, que foi meu companheiro em todos os espaços que circulei no mestrado, colega de turma e de orientação, foi meu amigo e guia espiritual por esse processo, me aconselhando, me acolhendo, me ouvindo. Agradeço à Marines da Rosa pela paciência, pelas leituras de meus textos, pela inspiração constante com sua escrita, com sua pesquisa, com sua paixão pela antropologia e pelo seu campo. À Alexandra Eliza Vieira Alencar que foi uma segunda orientadora do mestrado, com sua calma e tranquilidade me fez entender que o mestrado é apenas uma fase da formação e que o autocuidado deve ser constante em nossas formações acadêmicas, além de ter me brindado com sua presença e suas reflexões teóricas que contribuíram para a compreensão de que outras relações acadêmicas são possíveis de ser pensadas e exercidas. E um agradecimento a todas as pessoas que neste período passaram pelo NIGS.

Agradeço às professoras que fizeram parte do meu processo formativo durante o mestrado. Em primeiro lugar gostaria de agradecer minha orientadora Miriam Pillar Grossi. É comum a ver passando com uma cestinha pela universidade, nela estão alimentos para as nossas muitas reuniões. Conto isso porque entendo o alimento como uma demonstração de carinho, cuidado e afeto. Além do alimento físico, ela me forneceu um alimento intelectual, político e social. Foi através da sua orientação que me transformei e mergulhei em minha formação. Seu suporte marcou a minha trajetória e o meu olhar sobre a antropologia.

Agradeço ainda à professora Fernanda Cruz Rifiotis, que me auxiliou no projeto de pesquisa que elaborei para a seleção deste mestrado. À professora Ilka Boaventura Leite, pelos ensinamentos nas disciplinas e por contribuir com minha pesquisa na banca de qualificação. À Simone Lira da Silva, que também compartilhou seu olhar a respeito do meu trabalho nessa banca. E a todas as professoras que tive a oportunidade de conhecer na Universidade Federal de Santa Catarina.

Agradeço a minha família que me apoiou em todas as etapas desse mestrado. A minha mãe, Zeli Luiza da Silva, que é uma inspiração para mim. Por todo o cuidado e preocupação comigo durante essa fase e em toda a minha vida. Por me entender e aceitar. Finalmente posso dizer que terminei meu trabalho, pergunta que ela fazia quase todos os dias. Agradeço ao meu pai, Ademir Pedroni, pela paciência e suporte nessa caminhada. Por todo o amor e cuidado, no Brasil e no México. Agradeço às minhas irmãs, que são também minhas amigas mais próximas. Giovana Pedroni que compartilhou a casa e presenciou todas as loucuras do meu dia a dia nesse mestrado. Me acalmou nos momentos de desespero. Me acolheu em abraços raros e sem jeito. E Vitória Pedroni que sempre digo que é meu projetinho, minha mini-feminista.

Queria agradecer à Raquel Engler de Moraes. Foi ela que fez as malas que me trouxe para Florianópolis. Que me apoiou em todas as etapas do mestrado. E que dizia que eu conseguiria passar por tudo antes mesmo de eu tentar. Ela foi, por um bom tempo, A mulher da minha vida. *I Always Remember us this way*. Queria agradecer à família que eu escolhi. Às minhas amigas. Elas são meus pilares. Fazem-me forte quando eu caio. Me buscam no fundo quando faltam forças. Minhas malas já estão carregadas de saudades antes mesmo de partir. À Matilde Quiroga Castellano, minha argentina preferida, que foi meu braço direito nessa pesquisa, a todas as revisões de traduções para o espanhol, ela foi minha companheira, minha terapia, meu riso. À Tatiele Mesquita Corrêa queria agradecer pelas maravilhosas horas que passamos juntas. Ela foi minha calma, minha escuta e minha fala. à Isadora De Assis Bandeira pelas horas de áudios trocadas e companheirismo em todo o mestrado. Tenho apenas uma palavra para ela: Gratidão! À Sabrina Melo Del Sarto pelo carinho nos momentos difíceis de escrita e pela leitura atenta da minha escrita. Agradeço à Taís Cangussu Galvão Alves, que conheci no México e que dividimos sonhos de retorno a esse país. Inestimável os momentos que passamos juntas e as conversas para tentar entender um pouco mais desse país que nos cativou. Agradeço à Marlúci Ferreira Alves Branco pelo acolhimento e compreensão. Pelos dengos em meus períodos de ansiedade com a escrita. Agradeço à Eduarda Valim Pereira que aqueceu meu coração nos últimos meses de escrita. Agradeço às minhas antropólogas porto-alegrenses preferidas, Caroline Silveira Sarmiento e Pâmela Iris Mello da Silva. Agradeço à Lilia Aparecida Francisca da Silva que mesmo sem me conhecer

pessoalmente se dispôs a dividir seus aprendizados com uma mestranda em fase final de escrita e me auxiliou com os mapas.

O mestrado e essa dissertação foram frutos de relações acadêmicas e pessoais. Foi um trabalho coletivo que permitiu a realização da minha formação intelectual. A escrita é um processo individual, muitas afirmam. Em certa medida é sim um processo solitário. Mas é também um processo coletivo. Porque o diálogo constante com colegas e amigas foi construindo esse processo de escrever. Às vezes apagado das histórias da antropologia, a produção de conhecimento não é realizada de modo individual. Aqui, deixo evidenciado que essas palavras foram frutos das diferentes relações que foram estabelecidas nestes intensos dois anos.

*Levo na mala todos os beijos
Os "boa viagem"
O choro trancado
Os "eu te amo" no olhar
Os olhos castanhos da Raquel me prometendo mudanças
A minha mãe sacudindo feliz minhas mãos e com lágrimas nos olhos
A conversa com minha vó
As piadas do Júlio
A viagem monossilábica com meu pai
O abraço contrariado da Vitória emburrada
E o abraço tranquilo da mana*

*Sinceramente
Vai ser difícil ficar longe*

*(Diário de Campo. Dia 16 de março de 2019. 05h48min.
Aeroporto Salgado Filho. Porto Alegre/RS)*

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo compreender a constituição e o desenvolvimento da antropologia feminista no México. Trata-se de uma etnografia, que foi realizada durante três meses na Cidade do México e em San Cristóbal de Las Casas, e teve como instrumento preponderante a observação participante da vida acadêmica mexicana e entrevistas com quinze antropólogas feministas mexicanas. O seguinte texto reflete sobre este campo de conhecimento, apresentando as antropólogas escutadas e os caminhos percorridos nessas cidades como forma de fazer circular teorias produzidas no Sul Global. A dissertação se aprofunda em dois aspectos dessa antropologia que chamo de "adjetivada": suas relações com os movimentos sociais e seu desenvolvimento dentro do campo acadêmico. A pesquisa evidenciou o compromisso de transformação social presente nessa forma de fazer antropológico, bem como as inovações que traz para a antropologia como um todo através de categorias que integram o engajamento com os grupos estudados com a produção de conhecimento acadêmico.

Palavras-chave: Antropologia Feminista. Feminismo. México.

ABSTRACT

This work has as objective understand the constitution and the development of feminist anthropology in Mexico. This is an ethnography, which was carried out for three months in Mexico City and San Cristóbal de Las Casas, and had as a predominant instrument the participant observation of Mexican academic life and interviews with fifteen mexican feminist anthropologists. The following text reflects on this field of knowledge, presenting the anthropologists heard and the paths taken in these cities as a way of circulating theories produced in the Global South. The dissertation delves into two aspects of this anthropology that I call "adjective": its relations with social movements and its development within the academic field. The research showed the commitment to social transformation present in this anthropological way of doing things, as well as the innovations it brings to anthropology through categories that integrate engagement with the groups studied and the production of academic knowledge.

Keywords: Feminist Anthropology. Feminism. Mexico.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo comprender la constitución y el desarrollo de la antropología feminista en México. Se trata de una etnografía, que fue realizada durante tres meses en la Ciudad de México y en San Cristóbal de Las Casas, y tuvo como instrumento preponderante la observación participante de la vida académica mexicana y entrevistas con quince antropólogas feministas mexicanas. El siguiente texto reflexiona sobre este campo de conocimiento, introduciendo las antropólogas escuchadas y los caminos recorridos en esas ciudades como forma de hacer circular teorías producidas en el Sur Global. La disertación profundiza dos aspectos de esa antropología que llamo de "adjetivada": sus relaciones con los movimientos sociales y su desarrollo dentro del campo académico. La investigación evidenció el compromiso de transformación social presente en esa forma de quehacer antropológico, bien como las innovaciones que trae para la antropología como un todo, a través de categorías que integran el compromiso con los grupos estudiados y la producción de conocimiento académico.

Palabras-clave: Antropología Feminista. Feminismo. México.

Sumário

INTRODUÇÃO	15
Isso que chamam de antropologia feminista	16
A árvore desta dissertação	20
CAPÍTULO 1. REFLEXÕES METODOLÓGICAS.	24
Como cheguei a esse objeto de pesquisa	25
Viajando para o México através dos textos	34
Pisando em solo mexicano: a observação participante	35
As entrevistas como aproximações da realidade da Outra.	39
Uma antropóloga no México: subjetividade e trabalho de campo	42
CAPÍTULO 2. MÉXICO E SEUS CAMINHOS.	46
Começando a caminhada	51
Mary Goldsmith	51
Elsa Muñiz	54
Verônica Rodriguez Cabrera	55
Maria Guadalupe Huacuz Elías	56
Martha Rebeca Herrera Batista	58
Yanina Avila Gonzalez	59
Laura Raquel Valladares de la Cruz	60
Outro circuito pela cidade do México	61
Martha Patrícia Castañeda Salgado	61
Marcela Lagarde	62
Jahel López Guerrero	64
Mercedes Castro Espinosa	64
Montserrat Salas	65
A longa viagem para o sul do México	66

Marisa Ruiz Trejo	67
Juana Ruiz Ortiz	68
Mercedes Oliveira Bustamante	68
E toda jornada tem um final	70
CAPÍTULO 3. ANTROPÓLOGAS EM MOVIMENTO(S).	72
As raízes da antropologia feminista	73
Os grupos de autoconsciência	78
Os galhos no movimento feminista urbano	84
Os galhos no Movimento de Mulheres Indígenas	92
<i>Antropologia sob demanda</i>	97
CAPÍTULO 4. CIÊNCIA, UMA CARTA EM DISPUTA.	102
O feminismo a partir da academia	106
Os programas de formação feministas	113
Os elementos simbólicos dessa disputa	120
Ativismo universitário	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
Os caminhos que não foram trilhados	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	130

INTRODUÇÃO

No Sul no Brasil e no Norte da Ilha, enquanto tomava um chá de camomila quente, escrevendo em meu diário de campo, que se tornou "minha melhor amiga", percebi qual era a pergunta que orientava minha pesquisa. Já fazia dois meses que eu havia voltado do México. Estava, há algumas semanas, tentando organizar e reorganizar todo o material de campo que eu trouxera na bagagem: os livros, as entrevistas, os diários de campo, as anotações. Em uma longa conversa por telefone com minha amiga argentina, Matilde Quiroga Castellano, contei o que estava pensando para a minha dissertação. Ao falar, pensei que havia organizado ainda mais as minhas ideias. Por isso, sentei na escrivaninha e peguei o diário de campo. Depois de organizar os capítulos, fazer um planejamento inicial, me perguntei: *mas quando eu vou fazer a discussão sobre o que é antropologia feminista mexicana?* Então, eu parei e olhei para as minhas anotações e rabiscos e percebi que toda a minha escrita é para responder essa pergunta: entender o que é antropologia feminista mexicana.

Assim, a presente dissertação é uma tentativa de resposta a essa pergunta, a partir do que observei e do que me contaram aquelas que fazem, cotidianamente, a construção deste campo teórico, acadêmico e político. Foi através do contato com algumas antropólogas feministas mexicanas que comecei a entender um pouco mais sobre essa *antropologia adjetivada*: suas perguntas, suas práticas e as trajetórias que fazem com que ela esteja presente e pulsante no México.

Se você ficou instigada com essa pergunta (e tiver um tempo), eu convido-te a conhecer um pouco do México e das mexicanas através do meu olhar, do meu caminhar, do meu escutar, da minha escrita. Vou tentar te contar um pouco do que vivi nesses três meses no México, um pouco das histórias que escutei, mas também vou apresentar um pouco das minhas interpretações sobre o que vivi. Não te prometo verdades, nem uma história completa, te ofereço apenas o relato parcial, incompleto e eminentemente inconcluso do que é, em minha análise, a antropologia feminista mexicana. Então, se você

quiser saber a resposta dessa pergunta, convido-te a ler o que essa jovem antropóloga latino-americana elaborou para respondê-la.

Isso que chamam de antropologia feminista

Dentro do campo da antropologia, vem se consolidando, cada vez mais, uma adjetivação da antropologia, reivindicada por muitas feministas: a *Antropologia Feminista*. Até pouco tempo atrás, poderíamos dizer que a *antropologia feminista* era incipiente e que apenas poderiam ser caracterizadas como *feministas* as antropólogas, as sujeitas, as pesquisadoras, mas não a antropologia enquanto disciplina. Atualmente, podemos dizer que há uma mudança nesse sentido, que perpassa algumas reflexões teóricas sobre essa nova denominação (BONETTI, 2018). É essa antropologia adjetivada no contexto mexicano que é o foco desta dissertação.

A antropóloga Martha Patricia Castañeda (uma das teóricas que contribuiu com esta dissertação também como interlocutora) propõe a diferenciação entre “investigações com perspectiva de gênero” e “investigações feministas”. Para a autora, as primeiras utilizam a categoria de gênero em suas pesquisas, reconhecendo o sistema de sexo/gênero, mas não questionam os poderes estabelecidos. Já a análise com “perspectiva feminista” utiliza a investigação com o propósito de modificar as situações de dominação, isto é, como parte da desigualdade de gênero para desmontá-las (CASTAÑEDA SALGADO, 2013).

Entendo que os postulados trazidos pela antropóloga mexicana convergem com o que a autora Alinne Bonetti escreve a respeito do caráter político da *Antropologia Feminista*:

Com isto, chegamos, inevitavelmente, às considerações sobre a natureza política dessa Antropologia, outro elemento fundamental para a delimitação do campo. O seu caráter político, presente na aparição recorrente da proposta de luta por projetos e coalizões politicamente significativos nos textos consultados – como a proposta de se ter um

conhecimento produtivo politicamente levantada por Deborah Gordon (1993) e Ono (2003) –, recoloca no seu horizonte teórico a noção de engajamento como uma característica que lhe é inerente (BONETTI, 2011, p. 63).

Entendo por *Antropologia Feminista* essa forma de produção de conhecimento, engajada com mudanças sociais que perpassam, principalmente, as opressões sofridas pelas mulheres em diferentes contextos culturais. Tal articulação entre antropologia e feminismo constituiu um campo científico desde a década de 1970, trazendo preocupação na explicação da questão da mulher¹, passando, a partir dos anos 2000, a se autodeclarar como *Antropologia Feminista*.

Esta denominação se faz possível por motivos históricos, políticos, sociais e acadêmicos. Historicamente, o feminismo passou a ganhar força e aceitação social porque houveram décadas de debate público sobre as opressões sofridas pelas mulheres. Assim, tornou-se menos estigmatizado dizer-se feminista, denominação que, na década de 1970, era um rótulo desafiador. Desta forma, foram elaboradas bases políticas e sociais que permitiram, atualmente, que essa autodeclaração passasse a ser aceita nos grupos sociais e nos espaços acadêmicos.

É importante notar que, teoricamente, o feminismo trouxe contribuições que extrapolaram os círculos fechados de produção de tal conhecimento. No campo da antropologia, tratar das questões de gênero passou a ser algo aceito e compreendido. Ademais, muitas contribuições teóricas que foram feitas por antropólogas feministas passaram a compor os cânones da antropologia, de uma forma geral (STRATHERN, 2009; MOORE, 1991).

Podemos remontar a esta antropologia engajada com as transformações da sociedade. Em relação às opressões de gênero, desde o final dos anos 1960 houve outras denominações no interior do campo antropológico. No gérmen do que é hoje a *Antropologia Feminista*, tivemos nos anos 1970/1980 a *Antropologia da Mulher*, que

¹ Como exemplo desses trabalhos ver: ROSALDO e LAMPHERE, 1979; ORTNER, 1979; HERITIER, 1996; RUBIN, 1993.

seguiu existindo com a denominação *Antropologia de Gênero*, produzida no final dos anos 1980/início dos anos 1990. Tais denominações foram usadas tanto na antropologia brasileira quanto na antropologia mexicana (GROSSI et al., 1989).

No México, segundo a análise de Patricia Castañeda (2012) temos quatro antropólogas feministas, que são representativas da constituição deste campo de estudos: Marta Lamas, Marcela Lagarde, Mercedes Oliveira e Lourdes Arizpe. Seus trabalhos com influências do feminismo global também passaram a trazer contribuições para a antropologia mexicana como um todo nos anos 1970/1980. De modos distintos, introduziram a *Antropologia da Mulher* no México, dialogando com a teoria antropológica e e mais especificamente através do diálogo entre marxismo e feminismo, no trabalho de Marcela Lagarde, ou ainda, através das questões das opressões sofridas pelas mulheres indígenas, no trabalho de Mercedes Oliveira.

Se no Brasil a profusão da denominação *Antropologia da Mulher* ocorreu no interior do campo antropológico a partir da criação de núcleos de pesquisa a respeito da temática (BONNETTI, 2018), percebo que, no caso mexicano, essa produção ocorreu de maneira interdisciplinar com outras áreas de conhecimento, através da institucionalização dos estudos feministas e pela criação de programas de pós-graduação interdisciplinares. No interior da antropologia, se constitui através da criação de linhas de investigação nos programas de pós-graduação em antropologia permitindo às estudantes produzirem teses sob orientação de antropólogas feministas.

No texto *O Conceito de Gênero: Um Novo Coração de Mãe Nas Pesquisas Sobre Mulher (1989)*, as autoras, Marilda Gonçalves da Silva, Miriam Pillar Grossi, Sônia Malheiros Miguel e Sônia Weidner Maluf, apontam que a utilização do conceito de gênero, nos anos 1980, trouxe um viés interdisciplinar para a *antropologia da mulher*, visto que é um conceito utilizado por diferentes áreas. As autoras apontam para o risco, naquele momento, de que nele se incorporasse tudo e todos, sem critérios. Entendo que esse risco, apontado no final da década de 1980 no Brasil, acabou se tornando realidade para a antropologia mexicana. Ao mudar a designação para uma *Antropologia do Gênero*, muitos pesquisadores e pesquisadoras passaram a fazer parte desse campo sem, com isso, continuar a tradição feminista de engajamento político social na produção desse

conhecimento. Apesar disso, a *Antropologia do Gênero* ainda estava composta por pesquisadoras que faziam o que chamo de *antropologia feminista*.

Sem dúvida, nas últimas décadas, a produção antropológica feminista teve uma propulsão crescente e difundida nos dois países. Não é mais possível nominar todas as antropólogas feministas que contribuem com esse campo, em razão da vastidão de trabalhos que são realizados dentro dessa área e que se formaram a partir dessa perspectiva. Ademais, muitas pesquisadoras utilizam, em maior ou menor grau, as contribuições que a antropologia feminista propiciou para embasar suas investigações.

Apesar dessa maior aceitação da antropologia adjetivada, não são todas as antropólogas que se dizem *feministas*. E, ainda, existe algo de particular em relação a essas pesquisadoras feministas. A minha hipótese, que irei defender neste trabalho, é de que, ao adjetivar essa antropologia, a forma de fazer esse conhecimento é alterada. Se uma das características das antropologias latino-americanas é o engajamento com os grupos estudados, para essas antropólogas o engajamento ocorre com as mulheres destes grupos, em um projeto de transformação social que tem em seu âmago as perspectivas e os ideias feministas.

Segundo Gilberto Velho (2003), para pensar as “sociedades complexas”, é necessário perceber que as pessoas fazem parte de inúmeros grupos sociais, transitando por eles de forma mais ou menos intensa. Ao refletir sobre a criação de domínios distintos, o autor aponta que são geradas “províncias de significados”, que tornam as pessoas que fazem parte destes espaços como interagindo a partir de valores e códigos compartilhados, de maneira comunitária.

A noção shutziana de *províncias de significado* finitas, inspirada em William James, permite-nos perceber os diferentes mundos que constituem uma sociedade em sua singularidade e nas relações de uns com os outros (VELHO, 2003, p. 28).

Deste modo, entendo que se forma um pequeno grupo de antropólogas feministas que, a partir de suas relações, formam *províncias de significados*. Assim, dentro desta categoria social, são compartilhados valores e códigos que influenciam suas condutas.

Sinalizo, obviamente, que não se trata de um grupo homogêneo e coeso, existindo conflitos e relações desiguais dentro deste campo. Entretanto, o que tento argumentar é que um dos elementos destes valores é a atuação para modificar a sociedade, seja através de seus trabalhos acadêmicos, seja através de práticas ativistas.

Tal observação poderia ser caracterizada como uma produção de conhecimento que procura modificar a sociedade, um conhecimento que tem como horizonte um ideal. Além de pensar o conhecimento, esse ideal faz com que a vida dessas antropólogas seja permeada por outros âmbitos da sociedade como forma de alteração da realidade social. Por conseguinte, em sua maioria, elas estão constantemente envolvidas em projetos que buscam modificar a realidade das mulheres. Tais códigos se constituem quando existe um “clic”, quando se percebem feministas.

Isso não quer dizer que outras antropólogas e antropólogos mexicanos não sejam engajados, ou que, anteriormente ao feminismo, essas mulheres não estivessem engajadas com a transformação da sociedade. Mas o *feminista* traz características particulares e abre portas para questionamentos, para debates teóricos, para reconstruções da vida social e particular. O feminismo é um agente na constituição como sujeitas destas antropólogas, ele altera o rumo que estas antropólogas seguiam antes de terem contato com ele. Deste modo, mostro nesta dissertação como essas antropólogas se iniciam no feminismo enquanto teoria e movimento e o que elas produzem a partir desta nova identidade pessoal e profissional.

A árvore desta dissertação

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos, que tem como propósito apresentar a constituição e o desenvolvimento da Antropologia Feminista Mexicana.

O primeiro capítulo, *Reflexões metodológicas*, se dedicada a discutir as questões metodológicas dessa pesquisa. Explico como cheguei a esse tema, sigo para um debate sobre a pesquisa com material bibliográfico, a observação participante e as entrevistas -

que foram instrumentos centrais na realização desta investigação. Por fim, trago algumas reflexões a respeito da minha subjetividade em campo.

Já no primeiro capítulo, *México e seus Caminhos*, apresento alguns dos caminhos que percorri pelo México e que me levaram a conhecer as antropólogas que colaboraram para esse trabalho. Deste modo, apresento cada uma delas em seu contexto de encontro para as entrevistas, assim como trago alguns de seus trabalhos acadêmicos, linhas teóricas e temas de pesquisa. É um capítulo introdutório para conhecer as acadêmicas e tem como intuito fazer a leitora conhecer um pouco da Antropologia Feminista Mexicana.

No capítulo 3, *Antropólogas em movimento(s)*, penso a articulação entre antropólogas feministas e os movimentos sociais. Início pensando na emergência do feminismo mexicano e no papel das antropólogas feministas *pioneiras* em sua construção. Neste sentido, analiso duas esferas de atuação destas antropólogas: o movimento urbano feminista e o movimento de mulheres indígenas. Finalizo esse capítulo a partir da categoria nativa de *antropologia sob demanda*.

Por fim, no capítulo 4, *Ciência, uma carta em disputa*, reflito sobre o espaço da universidade e o avanço das *teorias feministas* no campo acadêmico. Neste sentido, procuro destacar os engajamentos das antropólogas feministas mexicanas no desenvolvimento deste campo, pensando as disputas que permeiam o ambiente acadêmico e os ataques que os estudos feministas sofrem. Finalizo apresentando a categoria nativa de *ativismo universitário* para pensar as ações que as antropólogas feministas fazem para projetar outra forma de fazer ciência.

A dissertação foi construída com o objetivo de analisar o desenvolvimento da antropologia feminista no México. Utilizei ao longo da dissertação a metáfora de uma árvore que está crescendo e que possui galhos que se espalham em diferentes locais onde se produz a antropologia mexicana. Devido aos limites que um trabalho de mestrado tem, nem todas as suas raízes e galhos puderam ser o foco desta dissertação, porém os dados que aqui apresento sinalizam diferentes esferas de produção antropológica feminista mexicana.

Seguindo esta metáfora, as raízes dessa árvore simbolizam as diferentes formas de entrada no feminismo. São os primeiros contatos com o movimento feminista, que podem ocorrer de diferentes formas, através de distintos e simultâneos espaços. O contato com o movimento feminista pode ocorrer pela academia, pelos partidos políticos, pelo próprio movimento feminista (urbano ou rural) e/ou através de movimentos sociais distintos (como o movimento indígena).

As raízes dessa árvore alimentam o seu tronco, que é o próprio feminismo. Ele é largo porque nele todas essas raízes se juntam para formar um todo. Às vezes esse tronco é uniforme, mas na maioria das vezes ele é conflitivo, torto, sinuoso. Representando o movimento feminista amplo, diverso e plural (assim como a antropologia feminista mexicana).

Os galhos que saem dessa árvore simbolizam as diferentes esferas em que as antropólogas, agora assumidamente feministas, atuam a partir deste saber. Muitos dos espaços que contribuíram para a suas formações enquanto feministas aparecem novamente em seus galhos, mas há também novos espaços que são criados. Que podem ser vistos como frutos que começam a reproduzir o campo, como mudas de novas pequenas árvores. Assim, procuro pensar a universidade e a relação de forças que existe em seu interior, bem como, nas diferentes ações que essas antropólogas se engajam para expansão da área feminista neste espaço. E ainda, quando rompe com os muros da universidade para pensar a relação das antropólogas feministas em diferentes locais da sociedade mexicana.

Essa dissertação procura pensar a articulação entre antropologia e feminismo a partir das trajetórias das antropólogas entrevistadas. Nesse sentido, mais do que descrever como foi esse processo para cada uma delas, procurei dividir em grandes correntes para descrever processos semelhantes nessa articulação. Essa divisão que utilizei para descrever os subcampos da antropologia feminista no México são eminentemente teóricas, analíticas e incompletas. Não abarcam, portanto, toda a vivência dessas mulheres com suas trajetórias, mas é uma tentativa de encontrar o geral no particular. É um salto teórico que tento realizar para explicar distintas trajetórias que são moldadas por elementos sociais mais abrangentes da realidade mexicana e do feminismo

mexicano, em específico. Para tanto, me inspiro teoricamente nos ensinamentos de Gilberto Velho (1994) a respeito das categorias de trajetórias e projetos, em que há uma intersecção entre processos mais objetivos, em que precisa ser levado em consideração o *campo de possibilidades* em que cada antropóloga está inserida, mas que também evidencia a importância de elementos subjetivos na construção de suas carreiras e de suas identidades.

Lembro também dos ensinamentos de Claudia Fonseca (1999), no artigo “Quando cada caso não é um caso”, de que no dado particular se pode abrir caminho para interpretações abrangentes. Entendo que o que encontrei na pesquisa de campo não se trata de elementos individualistas, as suas escolhas e possibilidades são marcadas pelos contextos sociais e históricos em que estão inseridas, ademais, representam posições compartilhadas por outras antropólogas. Assim, penso que a articulação entre antropologia e feminismo de cada uma delas, embora pareça singular, é permeada por processos coletivos. Portanto, a partir da autora que me inspiro para a criação de modelos explicativos, lembrando sempre que esses modelos são criações abstratas, que nos ajudam a trazer sentido para o que estamos estudando, “em outras palavras, nossos modelos vão ser uma simplificação grosseira da realidade” (FONSECA, 1999, p. 76).

Talvez a maioria delas não se encaixe exatamente em nenhum desses modelos que criei, ou ainda, se encaixam em mais de um ou em todos ao mesmo tempo. Alerto, portanto, que os esquemas que não se baseiam em uma antropóloga específica, mas são características que elegi para a explicação desse fenômeno. Sem dúvida que a base para essa abstração está não apenas nas entrevistas que realizei, mas também nos dados etnográficos e na literatura sobre o tema.

CAPÍTULO 1.
REFLEXÕES METODOLÓGICAS.

me levanto
sobre o sacrifício
de um milhão de mulheres que vieram antes
e penso
o que eu faço
para tornar essa montanha mais alta
para que as mulheres que vierem depois de mim
possam ver além

- legado

Rupi Kaur

Nesta seção trago algumas contribuições que venho pensando a respeito da metodologia que foi utilizada nesta pesquisa, para deixar evidente a forma como foi ela realizada, mas também algumas inquietudes que ela me trouxe e que considero importante compartilhar. Em primeiro lugar, explico como cheguei a esse tema de investigação (o que atende a uma pergunta que diferentes pessoas me fizeram), em seguida trato da pesquisa com material bibliográfico, da observação participante e das entrevistas (instrumentos centrais na realização da investigação) e, por fim, trago algumas reflexões a respeito da minha subjetividade em campo.

Como cheguei a esse objeto de pesquisa

Em primeiro lugar buscarei traçar os caminhos pelos quais cheguei a esse objeto de pesquisa - disciplinas, leituras, eventos, pessoas e lugares que me inspiraram a buscar esse conhecimento. Procuro evidenciar, portanto, porque elegi esse objeto de pesquisa: *a antropologia feminista mexicana*.

Ao longo do mestrado aprendi como o que pesquisamos se articula com os caminhos que percorremos. Professora Miriam Grossi, minha orientadora, nos inúmeros diálogos que tivemos lembra que não começamos do zero uma pesquisa, o que estudamos ao longo de nossa trajetória deve ser integrado às novas pesquisas. Assim, o velho e o novo, os ensinamentos antigos e as novas descobertas, caminham juntos para a produção do conhecimento. Nesse sentido, gostaria de refletir sobre como esse objeto específico foi sendo articulado a partir dos locais de aprendizado pelos quais passei e que refletiram nesse interesse acadêmico, político e epistemológico.

Uma das primeiras pedras que alicerçam esse interesse foi colocada em uma disciplina da graduação em Ciências Sociais, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no ano de 2016, chamada Epistemologia das Ciências Sociais, com a Professora Marilis Lemos de Almeida. A partir de perguntas como: o que é o conhecimento científico? Qual a diferença entre o conhecimento científico e outras formas de conhecimento? Como se dá a objetividade? Fomos estimulados a pensar criticamente sobre o que produzimos no

ambiente acadêmico. Essa reflexão sobre nossas práticas acadêmicas me estimulou a perceber como o conhecimento que produzimos está estritamente ligado ao político e ao social, bem como, perceber (colocar um sinônimo pra não repetir) a ciência como um local de poder na produção de verdades na sociedade moderna. Tive a influência de autores como: Fourez, (1995), Kuhn, (1997) e Bloor (2008).

Alguns estudos têm esse poder de transformar a maneira como enxergamos o mundo, como novas lentes que iluminam caminhos obscurecidos ou invisibilizados. Se a disciplina de epistemologia contribuiu para o meu olhar crítico a respeito da ciência produzida, a disciplina chamada *Pós-estruturalismo, pós-modernismo e pós-colonialismo em sociologia* – que cursei no ano de 2016, na UFRGS, com o Professor Guilherme F. W. Radomsky – trouxe uma abordagem decolonial para a minha percepção. Com a leitura de Walter Mignolo e Aníbal Quijano, percebi como o conhecimento que produzimos está articulado a partir de uma *colonialidade do saber*, isto é, que existe uma diferença colonial e geopolítica na produção do conhecimento que privilegia o Norte Global (MIGNOLO, 2002; QUIJANO, 2009).

Essas experiências da graduação me moldaram para um olhar crítico sobre a produção do conhecimento antropológico. Mas, sem dúvida, o primeiro ano de mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) intensificou esse olhar, principalmente a respeito desse debate dentro da antropologia. Nesse sentido, as disciplinas que cursei por apresentar autoras até então pouco exploradas e revelar outras formas de fazer antropologia sinalizaram uma possibilidade de investigação. Além disso, ocupou um espaço de destaque na minha formação a organização do 18º Congresso Mundial IUAES (International Union of Anthropological and Ethnological Sciences) realizado em julho de 2018 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que demonstrou a diversidade de produção antropológica em vários lugares do mundo.

Na disciplina de História da Antropologia, ministrada pela Professora Miriam Pillar Grossi e pela pós-doutoranda Alexandra Eliza Vieira Alencar, fomos apresentados a um programa que trazia as antropólogas, muitas vezes esquecidas, ao lado dos tão debatidos autores clássicos da antropologia. Nesse sentido, ao perpassar a escola norte-americana, britânica e francesa, pudemos ter conhecimento de produções que não são apresentadas

em disciplinas que não são pensadas a partir de uma perspectiva feminista. Apenas para citar alguns exemplos, ao lado de Franz Boas, lemos Ruth Benedict e Margaret Mead, autoras já consagradas e inseridas no cânone da antropologia, mas também fomos apresentadas à Zora Neale Hurston, antropóloga negra que está sendo resgatada na história da antropologia norte-americana. Também fomos apresentadas a autoras como Germaine Tillion e Denise Paulme, que figuraram ao lado de Marcel Mauss na antropologia francesa. Com isso, este programa procurou trazer outras autoras que foram, muitas vezes, relegadas ao esquecimento dentro dessa disciplina e ao longo do semestre fomos tendo contato com uma “outra” história da antropologia, em que a produção intelectual das antropólogas era valorizada e conhecida pelas estudantes.

Essa disciplina auxiliou na seguinte reflexão: onde estão as mulheres na história da antropologia? Como é eleito quem deve ou não ser lido? Quais antropólogas são considerados primordiais e quais são secundários? Pensar a produção dos currículos escolares é uma forma de compreender as disputas de poder internas da disciplina, em que gênero também está imerso em imbricações que fazem com que determinados agentes tenham mais credibilidade e mais importância dentro de um campo de conhecimento². A interseccionalidade entre vários marcadores sociais da diferença demonstram que determinados corpos são menos privilegiados que outros para a elaboração de um cânone científico³.

Ademais, foi nessa disciplina em que realizei junto com alguns colegas o seminário sobre as Antropologias Mundiais, nele abordamos os principais conceitos tratados nessa área teórica, bem como trouxemos um pouco da história da antropologia de países do Sul Global. Dentro desse seminário procurei elencar as Antropologias Latino-Americanas e

² Existem diferentes correntes de pensamento sobre o currículo, são debates incorporam debates sobre os conhecimentos escolares, as relações sociais que conformam o que será ensinado, os valores e as identidades que serão transmitidas por meio dele. Deste modo, pensar currículo é uma forma de pensar conhecimento, verdade, poder, identidade. Para saber mais ler: MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V.M. Currículo, conhecimento e cultura. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007; e Lopes, A.C.; Macedo, E. (orgs.). Currículo: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2010.

³ Para pensar a interseccionalidade no campo científico ver: CUMES, Aura. La presencia subalterna en la investigación social. In: Leyva, Xochitl et al. Conocimientos y Prácticas Políticas: reflexiones desde nuestras prácticas de conocimiento situado (Tomo II). Chiapas, Ciudad de México, Ciudad de Guatemala y Lima: CIESAS, UNICACH, PDTG-UNMSM, 2011.

suas histórias esquecidas, apresentei como se formaram as antropologias Argentina e Mexicana. Através desse seminário ficou mais notável a efetiva ausência de menção dessas outras formas de fazer antropologia nos currículos de graduação e pós-graduação. Constatação que também foi realizada pelo antropólogo mexicano Esteban Krotz, em seu artigo *La generación de teoría antropológica en América Latina: silenciamientos, tensiones intrínsecas y puntos de partida*, de 1996, a respeito da ausência de conhecimento e circulação de pesquisas por e para latino-americanos.

Tampoco es usual en el Sur que se haga visible la antropología del Sur. Tanto los cursos universitarios que se ocupan específicamente del desarrollo del <<pensamiento antropológico>>, como los segmentos teóricos-históricos de otros referidos a temáticas especiales, suelen presentar a la antropología del Sur fundamentalmente como resultado de un proceso de difusión permanente a escala mundial, que tuvo e sigue teniendo un origen único en el seno de la civilización noratlántica y que la llevó a lugares hasta este momentos exactos de reflexión sobre contacto y diversidad cultural. Por más que a veces se agrega una asignatura sobre <<antropología mexicana>> o <<pensamiento antropológico latinoamericano>> a los cursos de teoría - que se supone que son centrales en el proceso formativo -, estos últimos no dejan de privilegiar de modo tal las relaciones de <<reflejo>>, <<extensión>> o <<apéndice>> que se pierde de vista en el mismo Sur cualquier perfil propio de las antropologías del Sur (KROTZ, 1996, p. 29/30).

Para mim fica cada vez mais evidente a limitação que temos em dialogar entre nós mesmas, latino-americanas. Existe uma ideia dentro da produção antropológica de que no Sul "não se faz teoria", que é um local de produção de dados de campo⁴. Há muito tempo vem sendo realizada uma crítica a essa postura, contudo me pergunto até que ponto utilizamos os conceitos, as produções teóricas e as reflexões que são feitas aqui. Será que estamos valorizando as nossas produções? Será que sequer conhecemos essas antropólogas?

Sem dúvida muitas intelectuais vêm realizando um esforço para modificar essa situação, por vezes percebida de forma mais intensa, por vezes de forma mais residual.

⁴ Essa é uma das principais críticas decoloniais a respeito da produção e circulação de conhecimento, para saber mais acesse: RIBEIRO (2008).

Coloco esses questionamentos para demonstrar algumas questões que me instigaram ao longo do ano a querer pesquisar nossas histórias da antropologia e a conhecer outras formas de produção do conhecimento. É uma ausência que percebi na minha formação acadêmica e antropológica, por isso germina uma vontade de expandir meus horizontes ao Sul Global.

Pensar a respeito de autoras antropólogas em diferentes contextos do mundo foi também um projeto pedagógico realizado pelas organizadoras do congresso IUAES, que se materializou nas práticas educativas que denominamos *Seminário da Secretaria* - posteriormente foi transformado em um projeto de extensão chamado *Seminários Outros Olhares sobre a História da Antropologia*. Os seminários tinham como objetivo a formação dos organizadores do congresso e dos estudantes de graduação e pós-graduação, uma vez que muitas de nós sequer conheciam as renomadas antropólogas que participariam do evento. Deste modo, através de metodologia original, descrita por Leonardo de Miranda Ramos (2018) eram realizadas sessões de uma hora, com a apresentação da referida autora, seus principais trabalhos, um vídeo curto que estivesse disponível online e posterior discussão .

Nessa atividade tivemos contato com vários antropólogos e antropólogas que, apesar de reconhecidos internacionalmente e tendo uma ampla produção científica, raramente são incorporados nos programas de ensino das disciplinas de antropologia. Podemos conhecer diversas pesquisadoras não brancas como a afro-surinamesa Glória Wekker; a pesquisadora Indiana Amita Baviskar; a pesquisadora e professora norte-americana Faye Harrison; a pesquisadora e professora colombiana Mara Viveros Vigoya e o pesquisador queniano Mwenda Ntarangwi (RAMOS, 2018). A participação nos seminários contribuiu para a expansão do conhecimento sobre a diversidade na antropologia e sinalizou meu desconhecimento sobre outras realidades antropológicas e minha ignorância em relação a esse mundo.

Como elenquei anteriormente, organizar e participar intensamente do Congresso IUAES foi muito importante no primeiro ano da minha formação, pois possibilitou a troca e a criação de relações com antropólogas do mundo inteiro, aguçando a percepção sobre a diversidade de formas de produção de conhecimento. Além disso, essa relação

evidenciou que muitos processos políticos, econômicos e sociais pelos quais passa a sociedade brasileira, estudados por antropólogas/os daqui, acontecem e são teorizados por pesquisadores de outras regiões do mundo – e que esse conhecimento mútuo de seus trabalhos muitas vezes sequer é conhecido.

Ademais, para o Congresso da IUAES me engajei de forma intensiva na organização de um momento muito significativo: o *Circuito Lilás*. A ideia desse Circuito era dedicar um dia do congresso para as atividades feministas presentes no congresso, bem como fomentar a criação de espaços de encontro feminista. Deste modo, primeiro realizamos um balanço de todos os trabalhos sobre gênero e sexualidade e os divulgamos para as participantes. Durante o congresso foram realizadas diversas atividades, como um Workshop de preparação para a Plenária, a Plenária da Rede Global de Antropólogas Feministas, a apresentação da peça de teatro feminista *Guerreiras Donzelas*, a recepção para as participantes do circuito no Espaço Cultural Gênero e Diversidade do Instituto de Estudos de Gênero (IEG/UFSC), o Workshop *Vivência Xirê: Sentidos Criados no Fazer*, a conferência da feminista Mara Viveros Vigoya e, por fim, a apresentação cultural de Dandara Manoela e Marisol (duas cantoras negras) e François Muleka (cantor e compositor africano).

Duas atividades foram centrais para mim: o Workshop e a Plenária. Por isso me estenderei comentando ambos, que tinham como elemento instigador a seguinte pergunta “quais os desafios de se fazer uma antropologia feminista?”. O Workshop tinha o intuito de ser um espaço mais íntimo de diálogo, em que iniciamos a discussão para compor diretrizes que seriam posteriormente discutidas em Plenária. Foi realmente muito rico esse primeiro espaço, contamos com mais ou menos 30 participantes e nos dividimos a partir das línguas que dominávamos melhor: espanhol, inglês ou português. O tempo foi curto para a demanda de fala que tivemos, sendo um impasse conseguir encerrar a atividade. Esta trouxe uma abertura para a pontuação de diferentes dilemas das acadêmicas: o assédio no ambiente acadêmico, a maternidade, a ausência de mulheres nos currículos e as redes existentes nas diferentes universidades (ou a falta delas). Instigadas por esse encontro nos dirigimos para a Plenária que foi realizada na sequência.

Na Plenária foi possível o diálogo a respeito dos desafios de se fazer uma antropologia crítica feminista ao redor do planeta, mostrando que essa antropologia é um campo em expansão da produção científica na área antropológica. A atividade foi realizada em um auditório da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que tinha espaço para mais de 200 pessoas (que foi quase lotado), o qual tinha o equipamento de tradução simultânea para que todas se entendessem. Iniciamos a atividade apresentando os pontos que foram discutidos no Workshop anterior e abrimos o microfone para quem quisesse, o que possibilitou falas muito ricas das antropólogas que elencavam as diversas lutas travadas pelas feministas no campo antropológico. Todas essas atividades sinalizaram a existência da antropologia feminista ao redor do mundo com formas de produção diversas e potentes, por isso, o evento me trouxe o interesse de conhecer ainda mais essas outras antropologias, principalmente no que concerne ao campo feminista.

Não por coincidência, um grupo de Antropólogas Feministas Mexicanas esteve em Florianópolis no Congresso IUAES, estreitando laços entre Brasil e México. Esse grupo também estende a sua viagem ao Brasil para a participação do pós-evento que aconteceu na Universidade Federal da Bahia, em Salvador, chamado *What about women in the Anthropology History*.

O México surge então como uma possibilidade através das redes que foram criadas ao longo dos anos pela minha orientadora, como a criação da Rede de Antropólogas feministas Latino-americanas, que conta com uma forte presença das mexicanas em seu fomento. Se uma pesquisa prévia apontou para a Antropologia Mexicana como um espaço consolidado dentro dessa área de conhecimento, uma investigação mais profunda apontou a riqueza da articulação com o feminismo. Uma pedra foi colocada a partir da investigação e outra pelas trocas que foram estabelecidas com as antropólogas mexicanas.

Todas essas experiências me geraram um dilema a respeito da minha pesquisa de mestrado, porque até o momento eu ainda tinha como projeto de investigação o diálogo entre gênero, sexualidade e educação e evidencio que a escolha para esse tema de pesquisa está inserida em processos relacionais do interior da academia, não sendo,

portanto, um projeto que se estabelece abstratamente a partir de dilemas teóricos isolados do contexto em que estive.

Não se pode esquecer que a antropologia é uma forma de conhecimento definida segundo os limites impostos pelas regras da academia. O desenvolvimento do trabalho de campo sofre, portanto, os constrangimentos relacionados com o modo pelo qual a escolha do tema, das hipóteses e das pesquisas teóricas, para citar apenas alguns itens presentes num projeto de pesquisa, é negociada na academia que o acolhe e o legitima. E nessa negociação, além dos “méritos científicos” inerentes ao projeto de pesquisa, deve-se considerar a influência das políticas acadêmicas (linhas de pesquisa institucionalizadas, estabelecimento, reorganização ou fortalecimento dos núcleos de pesquisadores, afirmação de lideranças intelectuais etc.) na escolha dos temas, regiões geográficas, grupos sociais etc., que compõem o “recorte” das pesquisas (SILVA, 2015, p.28).

Em primeiro lugar, a minha orientadora desenvolve pesquisas há muitos anos dentro de uma linha de História da Antropologia, em que pensar o espaço acadêmico e a presença das mulheres neste campo é um foco em suas produções e de vários de seus e suas ex-orientandas. Diante disso, no interior do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS), muitas pesquisadoras estavam desenvolvendo reflexões teóricas sobre a história da antropologia⁵. Por esse motivo, debater esses temas fazia parte também do meu cotidiano. A partir das relações que são estabelecidas entre colegas, fui instigada a pensar sobre o conhecimento antropológico e suas produções. Agregado a isso, sem dúvida, está o debate feminista que perpassa a minha formação e o local em que estava inserida. Com isso surgiu o interesse em articular história da antropologia e

⁵ Durante esse período, no interior do NIGS, duas pessoas foram muito influentes para mim através de suas pesquisas, primeiro Simone Lira da Silva, em que fazia em sua pesquisa de pós-doutorado uma investigação sobre os congressos acadêmicos e sua importância na produção do conhecimento antropológico e Leonardo de Miranda Ramos, colega do mestrado que estava pensando a produção de antropólogas negras do Sul Global. Para saber mais sobre essas pesquisas ver: RAMOS, Leonardo M. Outros olhares sobre a história da antropologia: experiências pedagógicas de formação na preparação do 18th IUAES World Congress. In: 31ª Reunião Brasileira de Antropologia - realizado em Brasília/DF, de 09 a 12 de dezembro de 2018 e SILVA, Simone Lira; SCHEREN, Maria. L. ; ZAMORA, Gabriel. D. L. ; TERTULIANO, Gabriela. A. ; CALUEIO, Filipe. T. ; PORFIRIO, Ivi ; SANTOS, Caroline. A. V. ; GROSSI, Miriam P. . Reflexões antropológicas sobre a extensão: o projeto de realização do 18º Congresso Mundial da IUAES na UFSC. In: 31ª RBA Reunião Brasileira de Antropologia, 2018, Brasília. 31ª RBA Reunião Brasileira de Antropologia, 2018. v. 31.

antropologia feminista, soma-se a isso a vontade de conhecer as antropologias latino-americanas a partir de uma motivação de descolonização do pensamento.

Assim, meu interesse inicial era realizar uma ampla pesquisa a respeito das antropólogas feministas latino-americanas, compreendendo as peculiaridades de ser antropóloga e feminista em diferentes contextos nacionais. Com esse projeto em mente, em outubro de 2018, fiz uma breve pesquisa de campo na Argentina, na cidade de Mendoza, possibilitada pela participação no evento Jornadas de Jovens Pesquisadores da AUGM (Associação de Universidades Grupo Montevideo), a qual contou com financiamento da Universidade Federal de Santa Catarina⁶. Através dessa pesquisa constatei que, apesar dos estudos e ativismos feministas serem muito fortes nesse país, a antropologia feminista não ocupa um lugar central na produção teórica feminista argentina. A partir desta experiência de campo constatei que estudar as antropologias feministas latino-americanas envolveria um trabalho de pesquisa muito maior do que seria possível para uma dissertação de mestrado. Diante disso, decidi focar nas Antropologias Feministas Mexicanas, uma vez que havia uma possibilidade de entrada no campo através de contatos previamente estabelecidos.

Deste modo, a escolha por esse recorte tem relação com os espaços acadêmicos que estive inserida, as diferentes relações que se estabeleceram nesse campo e as redes formadas por antropólogas feministas - redes que se estreitam através de eventos acadêmicos. Quando eu projetei a viagem para o México tinha como supervisoras de campo Mary Goldsmith, para a estadia na Cidade do México, e Marisa Ruiz Trejo, em San Cristóbal de Las Casas. Foram elas que me abriram as portas para conhecer a antropologia feminista mexicana.

Toda entrada em campo é realizada a partir de pessoas que são como porteiros que vão abrindo portas para que nós, pesquisadoras, tenhamos acesso a esses grupos.

⁶ No ano de 2018 foram selecionados dez estudantes de graduação e pós-graduação da universidade para participar do evento, Bianca Tribess, Cecília Brancher de Oliveira, Cristiane Garcia Teixeira, Liliane Becker Moretto, Maristela Denck Colman, Priscilla Kern, Talita Gonçalves Medeiros, Tatyane Martins Marcos. Sendo que neste evento seis dos dez trabalhos da UFSC inscritos receberam menções honrosas pela qualidade do trabalho apresentado, eu também recebi a referida menção pelo trabalho intitulado “Vulnerabilidade e resistência: um estudo sobre as mulheres em situação de rua em Porto Alegre”.

Mary e Marisa foram as antropólogas que me abriram essas portas e que foram, também, interlocutoras da minha pesquisa. Portanto, busquei trazer neste item as motivações teóricas, políticas, epistêmicas e sociais que contribuíram para a definição desse objeto de pesquisa, uma vez tendo elucidado os caminhos que me levaram ao México passo a contar mais detalhadamente como foi realizada a etapa de pesquisa nesse país que me acolheu durante minha curta estadia lá.

Viajando para o México através dos textos

A viagem para o México começou antes do meu embarque no avião, através da viagem pelas palavras, isto é, a primeira etapa da pesquisa iniciou por meio da interlocução com a bibliografia. A partir do levantamento e revisão de textos referentes à história da antropologia mexicana e, mais especificamente, sobre a produção das antropólogas feministas mexicanas. Neste primeiro momento, a pesquisa foi realizada através da internet - com a busca nos periódicos e revistas latino-americanas, acervos feministas virtuais, livros em formato digital - assim como na biblioteca da UFSC. No entanto, eu só tive acesso a muitas referências bibliográficas durante o trabalho de campo, em razão da ausência de material em locais acessíveis on line

Sem dúvida que a pesquisa bibliográfica na internet tem um papel de difusão do conhecimento de forma singular na história, porém ela não substitui por completo os espaços das bibliotecas. Considero importante sinalizar que o campo acadêmico é também composto por políticas de tradução e de circulação de livros que também perpetua a lógica colonial da produção de conhecimento. Não por coincidência a biblioteca da UFSC não possuía muitas obras mexicanas, por isso, foi muito importante a estadia no México para acessar obras..

A internet é uma fonte de pesquisa tanto na pesquisa de referências bibliográficas, quanto no levantamento e mapeamento dos centros de pesquisa e das antropólogas feministas. Ademais, as próprias mídias sociais se tornaram elementos de contato com o campo antes mesmo da viagem, nesse sentido coletei materiais referentes à pesquisa e

pude acompanhar as páginas das instituições que pesquisei *in loco*. Trabalhei esse campo da *cybercultura* de forma análoga as pesquisas tradicionais de antropologia, através de utilização do diário de campo. E como descreve Jean Segata (2016) a inserção nesse “novo” campo da antropologia reafirma a confiança nos consolidados instrumentos antropológicos de pesquisa, e que mesmo partindo de campos digitais, é importante de se manter o diário de campo para as pesquisas que são realizadas na internet (ou com auxílio desta como foi meu caso).

Apesar de a internet proporcionar o acesso a uma grande quantidade de conteúdos sobre o meu campo, ela não trouxe todas as possibilidades que uma biblioteca local pode proporcionar. Neste sentido, o meu campo também contou com pesquisa em documentos, principalmente no que concerne aos referenciais bibliográficos que não foram encontrados no Brasil - tanto estudos sobre a história da antropologia mexicana, quanto importantes trabalhos realizados pelas antropólogas feministas. E isso faz pensar sobre as políticas de tradução e circulação das produções bibliográficas.

Como ensinado pela Professora Ilka Boaventura Leite nas aulas de metodologia, quando trabalhamos com textos eles também respondem aos nossos questionamentos. Em seu livro, *Antropologia da Viagem* (LEITE, 1996), ela relata sua investigação feita a partir de relatos produzidos por viajantes no Brasil para pensar as relações raciais. Deste modo, informa que apesar de trabalhar com textos e com autores falecidos estes a informaram conforme os seus questionamentos, lidando com esse material de forma semelhante a que se usa quando trabalhamos com interlocutores em trabalhos de campo tradicionalmente na antropologia. Assim, os textos com os quais trabalhei procuram elucidar a relação entre o campo feminista e o antropológico, buscando entender como ocorreu essa influência mútua. Os textos também revelam filiações, linhagens e redes através das políticas de citações, em que poderei compreender como as antropólogas mexicanas dialogam entre si.

Pisando em solo mexicano: a observação participante

A minha investigação contou com um período inestimável de estadia no México, que ocorreu entre os dias 16 de março de 2019 e 11 de junho de 2019, em torno de três meses. Eu permaneci principalmente na Cidade do México, e realizei uma excursão de duas semanas para a cidade de San Cristóbal de Las Casas.

Na Cidade do México, estive vinculada à *Universidad Autónoma Metropolitana* – unidade *Xochimilco*, através da *Maestría en Estudios de La Mujer*. A intenção inicial era de participar das atividades acadêmicas que ocorreriam nesta universidade, contudo teve um acontecimento que inviabilizou essa proposta: a greve. Em torno de um mês antes da viagem recebi um e-mail da Professora Mary Goldsmith informando que a universidade estava em greve, mas que as greves anteriores não foram tão longas. Para minha infelicidade a referida greve foi a mais longa de sua história, encerrando quando já estava no final de minha pesquisa de campo, no momento em que estava viajando para Chiapas. Essa se trataria de um “acaso” que aconteceu dentro do meu campo, ou seja, se passa uma dimensão externa de um acontecimento da qual eu não tinha previsão nem controle. Poderia explicar a greve de muitas maneiras, mas porque ela aconteceu justamente no momento em que estava em campo e durou muito mais do que normalmente durava, apenas digo que foi um *acaso*, como nos fala Mariza Peirano.

Mais adequado, então, talvez seja ver no acaso o resíduo permissível de “irracionalidade” do nosso mundo acadêmico; ou, em outras palavras, os velhos “imponderáveis da vida real” que não invalidam, mas, ao contrário, enriquecem e dão aquela dimensão humana essencial à compreensão dos fenômenos sociológicos. (PEIRANO, 2006, P. 132)

Ademais, é reconhecida dentro da antropologia a ideia de que o campo sempre trará elementos que não foram previstos, situações que fogem do controle da etnógrafa e com as quais é preciso lidar durante o campo. No meu caso, esse acaso fez com que houvesse uma maior disponibilidade para as professoras dessa universidade para a realização das entrevistas, o que fez com que elas fossem o primeiro grupo que iniciei os diálogos. Mas que irremediavelmente me impediu de participar das atividades acadêmicas

da *Maestría en Estudios de la Mujer*, que era um dos objetivos e campo de observação do meu campo.

Além dessa instituição que conheci brevemente após o encerramento da greve, pude circular por outros espaços institucionais da Cidade do México, conhecer diversos circuitos nessa cidade, que fizeram parte da minha observação participante e que estarão presentes, em maior ou menor grau, através das descrições que faço ao longo desta dissertação. E isso inclui bairros, cafés, universidade, bibliotecas, museus, ruas, transportes públicos, e bem, tudo que eu experienciei nessa estadia. Considero que tudo isso se transformou em material para conhecer um pouquinho do México.

Como elenquei acima, a minha passagem pelo México também possibilitou ir para a cidade de San Cristóbal de Las Casas, que está localizada no Estado de Chiapas, no Sul do México. Nesse local estive institucionalmente vinculada ao *Instituto de Estudios Indígenas*, da *Universidad Autónoma de Chiapas* (UNACH), em que tive contato com algumas estudantes da região principalmente a partir do curso em *Feminismos del Sur*, ministrado pela Professora Uruguia Dra. Ana Laura de Giorgi. A passagem por essa cidade possibilitou conhecer esse lugar historicamente central no movimento indígena mexicano, que ainda pulsa como uma questão social da cidade. Ademais, me possibilitou o acesso a circuitos feministas da cidade que contam com uma circulação de pessoas intensa, em razão da cidade ser um local de turismo e de passagem para viajantes que buscam conhecer o México e a América Central.

Nesse sentido, busquei observar nesses lugares os espaços de produção do conhecimento científico, como os eventos acadêmicos, as salas de aula, a biblioteca, os escritórios e salas de professores. Mas que não se restringiu a esses espaços institucionalizados, de modo que a minha observação participante esteve fundada na abertura a conhecer os diferentes locais que o México me proporcionou. E principalmente, as relações que estabeleci com pessoas que estavam nesses locais, mexicanos e estrangeiros, que também me proporcionaram o conhecimento desse país através de seus múltiplos olhares.

Como a primeira “investigação de fôlego na área da antropologia”, nas palavras da Professora Miriam Grossi, foram muitos aprendizados sobre fazer investigação

antropológica. Talvez tenha escutado com pouca atenção às aulas, ou a gente só aprende a fazer etnografia fazendo, mas a verdade é que essa experiência foi uma aula sobre um elemento crucial para a pesquisa: eu ainda não *saí do campo*. Isso porque mais do que um local, o campo é um elemento subjetivo da pesquisadora, que ao adentrar em determinado tema as lentes para a realidade se modificam e parecem chegar até nós muitas informações sobre *o campo*, em diferentes momentos e contextos.

Ademais, sinalizo que todas as atividades que realizei, acadêmicas ou não, contribuíram para entender o México. Mesmo os momentos de “lazer”, que eu registrava muito pouco em meu diário de campo, me informaram sobre a realidade do México, contribuíram para compreender as cidades, as pessoas, as instituições, os sistemas educacionais, de transporte, econômicos, políticos. Por exemplo, conheci uma brasileira que está residindo permanentemente no México, atualmente ela trabalha como professora universitária ensinando português, em conversa com ela na casa de uma amiga em comum em uma janta no final de semana, ela foi me explicando as diferenças da contratação de professores na universidade. Diferentemente do Brasil, a contratação não ocorre por concursos públicos e os vários formatos de contrato diminuem as garantias trabalhistas dos professores universitários. Essas formas de diálogo, que a princípio não fariam parte do meu foco, contribuíram para a minha compreensão sobre as dinâmicas específicas do México, sobre o funcionamento das universidades e para compreender melhor a trajetória das antropólogas (seus projetos, limites, possibilidades).

A verdade é que a estadia no México foi uma experiência integral, isto é, muito do que aprendi foi a partir da relação que tive com pessoas que não foram classificadas inicialmente por mim como interlocutoras de campo. Foram elas - amigas, conhecidas e amantes - que fizeram parte da minha compreensão sobre essa cidade. Deste modo, tenho que ser sincera para dizer que meus diários de campo foram sendo complementados posteriormente ao meu retorno, uma vez que conversas corriqueiras se tornaram elementares.

Apesar de ter retornado ao Brasil no dia 11 de junho de 2019, a minha conexão com o México e a minha pesquisa não terminaram neste momento, sendo um intercâmbio contínuo que não cessa, até o momento ainda chegam informações através

da internet que contribuem para continuar a compreensão da antropologia feminista mexicana e que são incorporadas como fontes para essa pesquisa.

As entrevistas como aproximações da realidade da Outra.

Um instrumento fundamental para a realização desta investigação foi a realização de entrevistas com as antropólogas mexicanas pioneiras no campo da antropologia feminista. No período que permaneci no México realizei quinze entrevistas buscando conhecer as trajetórias dessas antropólogas dentro da antropologia mexicana, para compreender como se configura o campo da antropologia feminista no México, as principais instituições formativas pelas quais as antropólogas passaram e os temas de pesquisa que circulam no país através da ótica feminista e de gênero.

Para tanto, as entrevistas colocaram em perspectiva as histórias de vida dessas pesquisadoras, atentando para o que Bourdieu chamou de *ilusão biográfica* (2006), em que as pessoas constroem e reconstróem sentidos para as suas trajetórias a partir do contexto em que estão narrando. Segundo o autor “o relato de vida varia, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo, segundo a qualidade social do mercado no qual é oferecido – a própria situação da investigação contribui inevitavelmente para determinar o discurso” (BOURDIEU, 2006, p. 189).

O método biográfico pode acrescentar a visão do lado subjetivo dos processos institucionais estudados, como as pessoas concretas experimentam estes processos e levantar questões sobre esta experiência mais ampla. A utilização do método biográfico em ciências sociais é uma maneira de revelar como as pessoas universalizam, através de suas vidas e de suas ações, a época histórica em que vivem (GOLDENBERG, 2005, p. 43).

O contexto em que foram relatadas as experiências influenciou nas narrativas apresentadas. Essas entrevistas foram realizadas em diferentes locais: em cafés,

restaurantes, casas e locais de trabalho. De alguma forma, o local escolhido para entrevista influenciava na forma em que ela se desenrolou. Por exemplo, as entrevistas que realizei na casa das antropólogas proporcionaram um local mais aconchegante, que gerou muitas vezes conversas mais longas, mais tranquilas, em que o tempo não era uma questão restritiva, além disso, tais entrevistas propiciaram falar de questões mais íntimas e pessoais. Assim, penso os espaços que nos encontramos como importantes para o desenvolvimento das entrevistas, uma vez que eles simbolizam elementos diferentes para cada encontro.

Ademais, importante lembrar que por se tratar de antropólogas elas podem ter utilizado entrevistas em suas pesquisas ou, ao menos, conhecem esse instrumento metodológico. Além disso, como algumas delas estiveram e/ou estão em posições de destaque e poder já foram interpeladas para a realização de entrevistas com outras finalidades. Deste modo, são pessoas que tinham experiência com esse instrumento.

É também através da contribuição de Miriam Goldenberg (2005) que pensei as entrevistas, principalmente em relação aos momentos de elaboração, testes e construção das perguntas que foram utilizadas nas entrevistas, buscando com isso um melhor aproveitamento deste encontro. Nesse sentido, eu realizei um roteiro, mais ou menos variável, antes da realização de cada entrevista, porém como um projeto de pesquisa o roteiro foi modificando-se a partir da interação com cada uma das mulheres que conheci. Deste modo, apesar de ter um roteiro para seguir, cada uma das entrevistas acabou enfocando, em maior ou menor grau, em alguns pontos do meu interesse. Entendi esses momentos como relacionais, pois além de ter em mente minhas perguntas, conduzia a entrevista pelo interesse de cada uma delas em falar de determinados assuntos e da minha própria curiosidade que surgia em cada momento.

Por esse motivo procurei entender as entrevistas como *eventos comunicativos*, seguindo Charles Briggs (1986), uma vez que não se trataram de entrevistas restritas a perguntas e respostas em que todos os significados eram ali encontrados, mas que as próprias entrevistas foram uma forma de aproximação ao mundo da Outra e de suas percepções. Neste sentido, destaco a característica de compreender que as entrevistas não trazem automaticamente os sentidos procurados pela pesquisa, mas que esse é um

dos elementos que contribuem para a compreensão do campo. Por isso, além das entrevistas, que percebo como uma das chaves principais utilizadas nessa pesquisa, há uma confluência de outras técnicas e fatores que me auxiliaram no conhecimento da academia mexicana, do feminismo mexicano e do contexto político nacional.

Como eventos comunicativos, de aproximação ao mundo delas, as entrevistas se deram de modo relacional. Por esse motivo, em algumas entrevistas não utilizei o gravador, abaixo trago um trecho do meu diário sobre a não utilização desse artefato:

Como cada interlocutora tem uma forma de começar o diálogo, com essa antropóloga comecei a explicar minha investigação e quando percebi já tratamos de vários pontos que estavam em meu roteiro de perguntas, por isso, preferi continuar conversando sem o uso de gravador. Não sei por que decidi isso, mas parecia o melhor continuar deste modo menos rígido, sem a gravação, e, de certo modo, foi uma experiência interessante fazer a entrevista sem gravador, acho que de alguma forma deixou a entrevista mais descontraída e relaxada, pelo menos senti deste modo. (Diário de Campo, Dia 30.04.2019).

Trago este trecho do meu diário de campo para exemplo de como as entrevistas se realizam de forma relacional. Neste caso, a não utilização do gravador ocorreu em razão de não querer interromper o diálogo para ligar esse artefato, portanto, procurei privilegiar o momento que estávamos dialogando. Apesar disso, na maioria das entrevistas realizadas optei pelo uso do gravador.

O material das entrevistas, portanto, embasam as reflexões que trago durante a escrita da dissertação, em que algumas vezes trago a citação direta das falas dessas interlocutoras, mas que em outras não estão diretamente citadas porque são composições que faço de forma mais livre e que conjugam várias narrativas. Nos capítulos 3 e 4, não utilizo os seus nomes, trago as entrevistas de modo anônimo, isso porque esses capítulos não tem o objetivo de falar sobre a trajetória individual de cada uma das antropólogas feministas que compõem esse campo, mas pensar características gerais que fazem parte da antropologia feminista mexicana. Como ensinado por Claudia Fonseca (2008), o anonimato nos textos antropológicos são realizados porque o interesse não está diretamente na vida de cada pessoa, mas no que ela representa. Por conseguinte, trago

nesses capítulo representações que se traduzem por meio de suas falas e que informam sobre essa antropologia adjetivada.

Não obstante, no capítulo 2 não me vali do anonimato porque essa dissertação tem como intuito trazer ao conhecimento geral quem são essas antropólogas e como foram as suas produções de conhecimentos. Pensando sobre a história da antropologia e o apagamento da contribuição de muitas mulheres, a utilização de seus nomes busca evidenciar as contribuições individuais que essas mulheres trouxeram, para que fiquem então registradas na história da antropologia feminista mexicana que vem sendo revista pela perspectiva feminista.

Uma antropóloga no México: subjetividade e trabalho de campo

Gostaria de destacar que a perspectiva teórico-metodológica que baseia essa pesquisa busca considerar a minha posição enquanto antropóloga na elaboração desse conhecimento – sendo que a minha subjetividade, as minhas características e o meu corpo também são elementos importantes nessa construção (GROSSI, 2018). Deste modo, a minha pesquisa não se reveste de neutralidade, sendo que minhas formas de ver o mundo também influenciam não apenas a escolha desse tema, como também a elaboração desse trabalho.

O que quero dizer com essa colocação é que o *saber* que procurarei transmitir através da minha pesquisa e da minha escrita é *localizado*, conforme formulado por Donna Haraway (1995). Partirei de uma perspectiva parcial, que não terá o interesse de ser universal e universalizante, nesse sentido, o trabalho não trata de toda a antropologia feminista existente no México contemporâneo, e sim, de uma perspectiva parcial que está restrita aos trajetos pelos quais passei e às profissionais com as quais tive contato nesta curta estadia no país.

Ademais, enfatizo que entendo o conceito de objetividade como algo que diz respeito à corporificação específica e particular, por isso, procuro evidenciar desde já o

local desse conhecimento: parte de uma antropóloga, feminista, lésbica, latino-americana, brasileira, branca e de vinte e oito anos. Estas características influenciaram na inserção ao campo, nos diálogos com as antropólogas e na forma como a pesquisa foi realizada, como elencado por Miriam Grossi (2018), no famoso artigo *Na busca do outro encontra-se a si mesmo*, por muito tempo a antropologia foi envolvida em seu caráter androcentrado, em que havia uma presunção de que era um homem quem faria a pesquisa e então seu corpo visto como natural. Ademais, o antropólogo seria uma pessoa praticamente despida de sentimentos e assexuada, o que o artigo ressalta e que retomo aqui é a dimensão subjetiva que nossos corpos têm no trabalho de campo, aspectos que influenciam e modificam as percepções e as vivências que acontecem com antropólogas em campo.

Uma delas que entendi ser muito marcante para a produção da pesquisa foi a diferença de nacionalidade em relação às interlocutoras. Esta "distância" abriu a possibilidade de entender a academia mexicana pelo olhar das entrevistadas, que foram me explicando as distinções existentes nesse modelo acadêmico (que seria diferente se fosse uma pessoa nativa realizando a investigação ou se esta fosse realizada no Brasil). Ademais, o fato de me identificar como feminista gerou uma aproximação interessante para esse diálogo, primeiro porque muitos dos roteiros de lutas no Brasil e no México apresentam pontos em comum, apesar de suas especificidades, e segundo porque compartilhei, em maior ou menor grau, da mesma linguagem e referência teórica de muitas das antropólogas entrevistadas.

Ademais, gostaria de refletir sobre alguns sentimentos que estiveram presentes nessa viagem de campo e que se relacionaram com o fato de eu ser uma mulher viajando sozinha para um país, até então, pouco conhecido por mim. Evidentemente que a minha situação de campo está muito distante do imaginário do antropólogo viajando sozinho para uma ilha, como parece estar na cabeça de muitas antropólogas quando lemos a primeira vez Malinowski e sua experiência com os nativos das Ilhas Trobriand (MALINOWSKI, 2018). Muitas águas, teorias e instrumentos passaram por essa ponte entre o eu e o outro, que traz ele mais perto de mim do que se supõe ao ler esses clássicos.

Apesar disso, a saída para campo ainda se apresentou para mim como uma aventura, com um frio na barriga na hora de entrar sozinha no avião para o México. Reflito sobre como o fato de ser mulher e viajar sozinha afetou a mim e as pessoas que me cercavam. Em primeiro lugar, isso reflete um desconhecimento da realidade mexicana, envolta em mistérios e estereótipos. As pessoas me falavam muito sobre “o machismo no México” e os seus perigos, o que foi gerando um receio de como seria essa experiência. E, bom, tenho que admitir que sim, no México ainda existe machismo, mas (choquem!) eu vivo em um país machista há muitos anos. Então, quando voltei e me perguntavam sobre isso eu respondia que convivemos com o machismo diariamente em várias esferas das nossas vidas e que nesse outro país (tão distante...) as coisas não são tão diferentes assim... Infelizmente.

Ainda, gostaria de relatar aqui uma experiência que tive nessa pesquisa para pensar o sentimento de medo que me foi ativado pelo fato de ser mulher. Estava organizando a minha viagem para San Cristóbal de Las Casas e vendo as opções para chegar nessa cidade que está a 900 km da Cidade do México (seria como viajar de Florianópolis a São Paulo). Decidi que faria a viagem de ônibus, em torno de 12h, de noite para poder ir dormindo. Ocorre que, quando comecei a comentar sobre a minha viagem, muitas pessoas me alertaram sobre os perigos dela e os cuidados que deveria tomar. Mesmo conversando com amigas mexicanas, elas me falaram sobre os medos que elas sentem, aconselharam a troca da passagem para uma viagem de dia. Toda essa situação me gerou um estresse enorme para essa viagem, as passagens já estavam compradas e minha decisão sobre a importância dessa estadia em San Cristóbal, me fizeram permanecer com meus planos. Mas o medo que me gerou fez com que a minha viagem de 12h, durante a noite, fosse completamente desperta. Foi um sentimento gerado a partir desse contexto “uma mulher sozinha viajando por um país desconhecido”. Antes mesmo de começar, pensava em todas as possibilidades catastróficas que poderiam me acontecer, felizmente minha mente projetou mais desgraças do que a realidade poderia comportar, e minha viagem foi tranquila.

Com esse relato gostaria de refletir sobre duas coisas. A primeira é sobre as dificuldades que surgem a partir do meu corpo, de um corpo feminino, para a realização

da pesquisa. Foi o meu corpo que fez surgir todos esses sentimentos, que são conhecidos pela maioria das mulheres. O corpo feminino que gera o risco, o risco de desaparecimento, o risco de estupro, o risco da violência e o risco da morte. O sentimento de medo por ser mulher me foi ativado no campo, mas ele já era um sentimento familiar tanto para mim, quanto para as mulheres que se preocupavam comigo. E sobre essas mulheres que é a segunda coisa que gostaria de refletir, porque mais do que preocupação foram elas que me trouxeram soluções para a viagem. Apesar de ter feito fisicamente a viagem sozinha, fui acompanhada por muitas delas que estavam me cuidando, através do celular e das suas tecnologias, fiz a viagem acompanhada dessas mulheres que checavam como estava me sentindo, em que etapa da viagem estava, como e quando tinha chegado. Uma estratégia que muitas mulheres conhecem quando saem com suas amigas a noite e quando se despedem dizem “me avisa quando chegar em casa”. Nós mulheres, então, criamos estratégias de resistência para poder realizar atividades que a sociedade nos restringe, mas que fazemos mesmo assim através de uma rede de cuidados.

Deste modo, queria apenas trazer algumas reflexões sobre como na prática ser antropóloga nos tempos atuais ainda acarreta dinâmicas próprias, sentimentos, inseguranças e pensamentos catastróficas, mas que também geram aproximações. Essas situações também me aproximaram de pessoas, me fizeram ter um contato diferente com as “nativas” que me contaram de suas estratégias para viver e sobreviver em uma sociedade patriarcal. E ousou dizer que essas redes são também criações feministas, uma vez que são formas de visualização dos problemas que são elucidados pelas nossas teorias e que diante da impossibilidade de mudança das condições materiais do mundo, buscamos romper com elas.

Portanto, é a partir desse corpo que fiz a minha pesquisa e que produziu a minha dissertação, foi com ela que passei pelo México, que conversei com as antropólogas feministas, que fui às atividades acadêmicas e culturais, e é a partir dele que produziu essa dissertação. É um conhecimento localizado, parcial e corporificado que trago nesta dissertação.

*“Quero lhe contar como eu vivi
E tudo que aconteceu comigo”
Belchior*

**CAPÍTULO 2.
MÉXICO E SEUS CAMINHOS.**

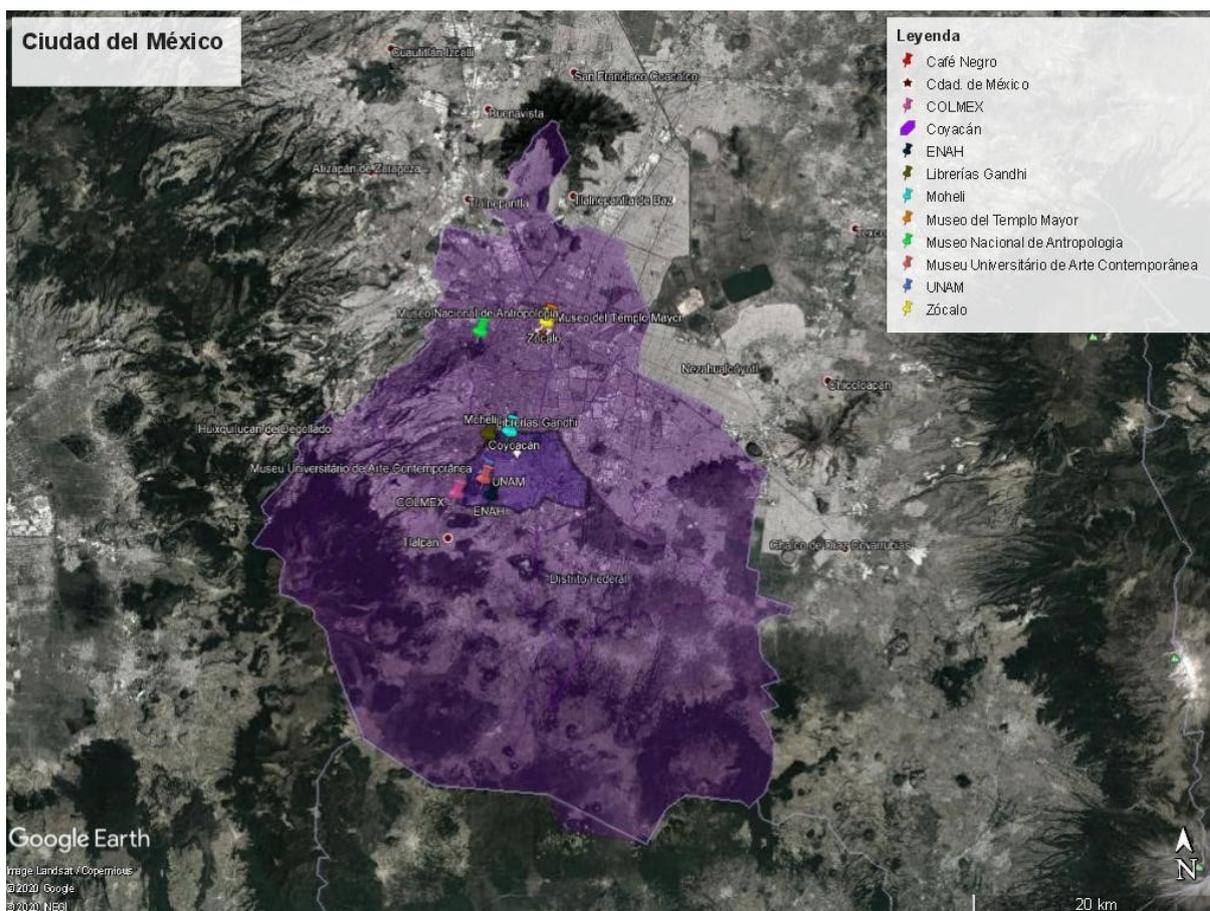
Quando cheguei no centro ouvi o barulho de tambores e músicas indígenas, uma fumaça branca pairava no ar com o cheiro que lembra Palo Santo. Muitas pessoas por todos os lados. Assim que saí do metrô estava em frente a uma linda construção, a Catedral. Muito bonita, em um estilo barroco, gigante e suntuosa. Ao lado dela uma roda de pessoas, que admiravam um grupo de indígenas dançando, um deles na ponta tocava tambores e outros quatro dançavam ao ritmo do tambor. Todos eles estavam enfeitados, eles usavam uma espécie de coroa com muitas penas e o corpo também carregava elementos característicos. Vi ao longe alguns deles se preparando, desenhando seus corpos com tintas pretas, que formavam lindos desenhos. Ao lado da catedral uma construção também muito antiga, que parecia ser de construção espanhola. Aliás, o centro da cidade tinha essa característica. Embaixo algumas lojinhas vendendo diferentes produtos, mas principalmente comida, assim como algumas pessoas em barraquinhas na sua frente. O cheiro da comida mexicana invadia o espaço que não estava coberto pela fumaça das ervas queimando no céu e encobrindo o sol forte que batia.

Ao redor do espetáculo de dança, muitos deles faziam a purificação. Alguns deles chamavam as pessoas que passavam as convidando para participar, tinham nas mãos um ramo de folhas, parecidas com folhas de manjeriço. Fascinada que estava com isso e pensando o quanto seria bom uma purificação no momento da minha chegada, encontrei um homem que estava chamando as

peessoas e pedi para participar. Ele colocou um líquido em minhas mãos, pediu para que eu o cheirasse, passasse na testa e na nuca, em seguida me deu o ramo e esperei na fila a minha vez. O ritual de purificação exigia um ramo de ervas e uma pequena cumbuca que tinha dentro algo sendo queimado (eu acho que eram pequenas lascas de madeira e talvez algumas ervas), de onde saia uma fumaça branca. Assim o ritual consistia no indígena soprando a fumaça e passando o ramo por todo o corpo. Primeiro, me pediu para abrir os braços e começou a passar o ramo em mim, ao mesmo tempo que soprava a fumaça. Passou na frente e nas costas. Assim também passou ela pela minha nuca. Depois pediu para que segurasse com as duas mãos o ramo, enquanto soprava a fumaça. Depois jogou o ramo fora e pediu para que abrisse as minhas mãos, passou por cima delas a pequena cumbuca e encerrou o ritual. Foi muito bom fazer isso, me senti muito bem, me lembrou muito o ritual feito quando se vai em uma benzedeira, o trabalho com as ervas e a formas que se bate com elas pelo corpo, como para afastar e varrer algo que está ali. Energias ruins talvez. Energizada, então, comecei a minha viagem pelo México.

(Diário de Campo, 17 de março de 2019)

A cena acima descrita foi tirada do meu diário de campo em um dos primeiros dias em que chegava na gigantesca Cidade do México. O que chamei de ritual ressignifico, agora, como meu momento de entrada no campo como antropóloga para realização da pesquisa. Assim como a cena acima, muitos dos lugares que percorri naquele território contribuíram para entender um pouco mais do México e, por isso, tentarei compartilhar um pouco dele aqui.



Cidade do México

Ademais, trago essa cena porque entendo que ela auxilia a compreender uma das sínteses desse país para mim. Ela representa uma indicação de que a cultura indígena continua viva e pulsante no centro da sua capital, mas que comporta também uma relação dialógica com a cidade que há séculos foi sendo transformada a partir da colonização espanhola. Ao lado desta Catedral que descrevo brevemente, está o *Museu Templo Mayor*, em que mostra o que restou dos templos astecas que foram destruídos. Apesar de ter sido construído acima uma igreja católica, ao lado ainda é possível conhecer a resistência indígena através de suas danças e rituais de purificação para turistas e habitantes da cidade que passam pelo agitado centro.

É esse choque de duas civilizações que me contou o antropólogo Guilherme Bonfill Batalla, em seu livro *México Profundo* (1990). E essa contínua disputa ainda está presente não apenas para a realidade mexicana, mas como área de investigação dentro da Antropologia Mexicana, como tratarei a partir da narrativa de muitas das antropólogas que entrevistei. Mas a cidade também representa as pesquisas a partir de temas

tradicionalmente feministas e que são desenvolvidos por muitas delas e que fazem parte da realidade mexicana.

Vou tratar nesta seção dos caminhos que percorri pelo México e que me levaram às antropólogas feministas que participaram da minha investigação. Para apresentá-las descrevo um pouco do trajeto que percorri durante o meu trabalho de campo, o objetivo é apresentar como as conheci e o contexto que foram realizadas as entrevistas, além de apresentar um pouco do cenário por trás dessa jornada. Dividi-o em três partes de forma proposital, realizei essa separação porque me parece que evidenciam as redes da antropologia feminista no México. As redes que visualizei são percebidas através das três pessoas que me abriram caminho para elas: Mary Goldsmith, Martha Patricia Castañeda Salgado e Marisa Ruiz Trejo. São elas que me apresentaram às outras antropólogas que conversei, por isso, creio que essas são as suas redes que elas abriram para a realização da minha pesquisa.



Centro da Cidade do México

Começando a caminhada

Mary Goldsmith

Meu trabalho de campo inicia na Cidade do México com a supervisão da Professora Mary Goldsmith vinculada à *Maestría en Estudios de la Mujer* e ao *Doctorado en Estudios Feministas* da Universidad Autónoma Metropolitana - Unidade Xochimilco (UAM-X). Como ainda não nos conhecíamos pessoalmente, apenas através de trocas por correio eletrônico, a professora sugeriu que nos encontrássemos depois de uma atividade acadêmica em que ela participaria em uma das instituições de ensino da cidade.

Para isso, saí da minha casa e fui em direção ao referido local. Ainda sabendo pouco me locomover pela cidade, pesquisei na internet o melhor trajeto - teria então que pegar o metrô e depois disso um ônibus para chegar ao local. Apesar de não ter a experiência de me deslocar em metrô, pois não existe este meio de transporte em Florianópolis, fui me guiando pelas explicações que facilmente encontrei. Chegando na estação indicada pelas minhas pesquisas resolvi então pegar o ônibus. Bem, não se tratava exatamente de um ônibus. As pessoas que fui perguntando me disseram que eu teria que pegar um dos *camiones*. E devo dizer que *camiones* traduz um pouco do que é esse meio de transporte, porque de fato parecem caminhões antigos que foram reformados para transportar as pessoas pela cidade. Como estão pouco identificados para os turistas é difícil de conhecer as rotas, que os habitantes da cidade sabem com muita facilidade. Os *camiones* que peguei muitas vezes eram extremamente precários, contavam com música escolhida pelo motorista e iam lotados pela cidade.



El Colegio de México - COLMEX

Foi em um desses *camiones* que avistei *El Colegio de México* (COLMEX⁷) (ainda bem que avistei porque meu celular me dizia para descer algumas paradas depois), muito novo e grandioso, parecia um edifício de alguma instituição privada brasileira. Caminhei em direção a ele e tive que me identificar em uma pequena banquinha montada na frente pelos organizadores da atividade. O local muito amplo e bonito contava com uma catraca para entrar, ao passar por ela saí em um pequeno jardim construído entre cimentos que faziam parte de uma arquitetura moderna. A arquitetura grandiosa representa também o que muitas pessoas me contaram do local, que se trata de um colégio de excelência da cidade, “muito rigoroso e científico” em suas formações. Foi nesse local em que muitas

⁷ El Colegio de México (COLMEX) é um prestigiado centro educacional da Cidade do México, que suas origens podem ser rastreadas até a La Casa de España no México (1938-1940). Também foi uma das primeiras instituições a ter uma especialização especificamente no tema de gênero e mulheres, por onde passaram algumas das antropólogas que tive contato.

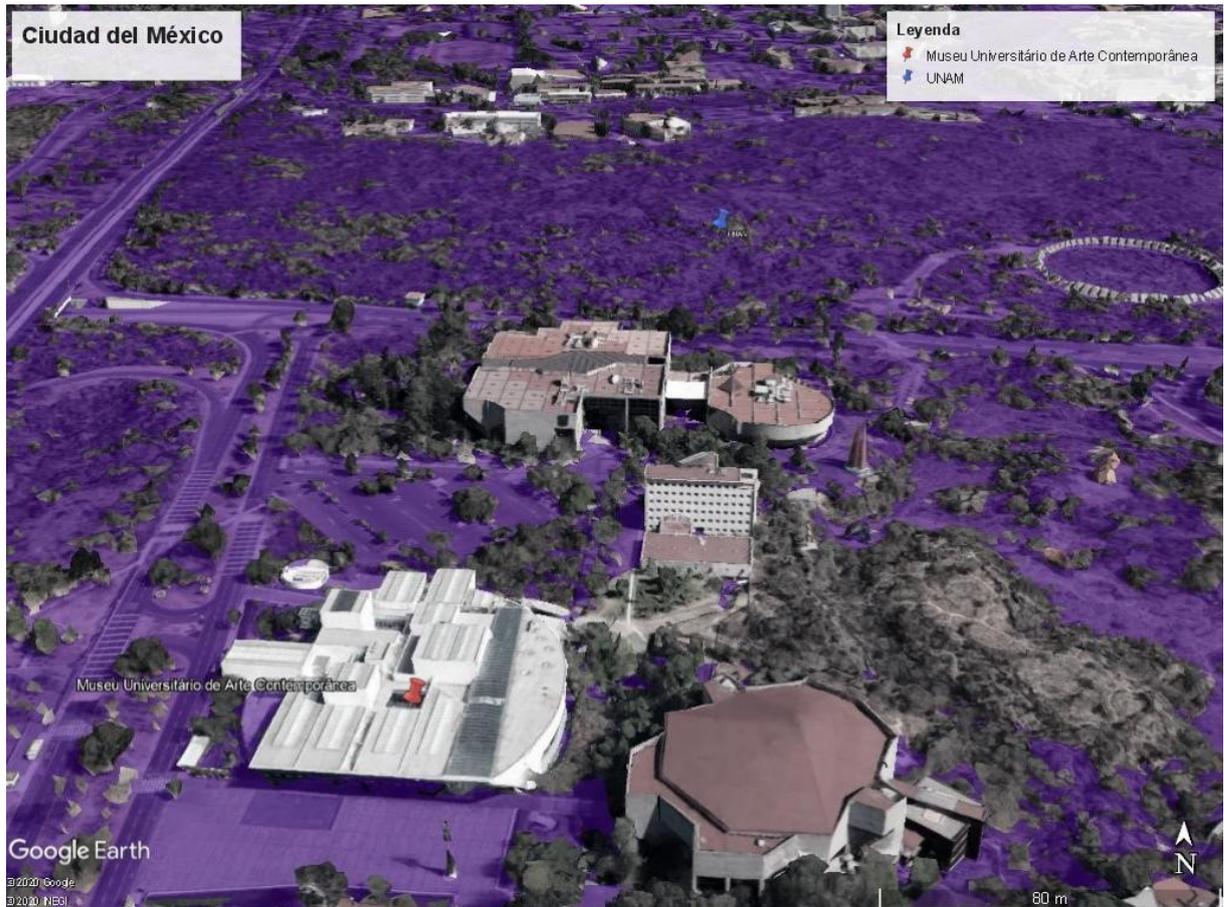
das minhas interlocutoras se qualificaram no curso de especialização em gênero e sexualidade⁸ que ainda é oferecido pela instituição.

A atividade se tratava de uma mesa denominada *Roma: desigualdades de género y derechos laborales*, que contou com a projeção do premiado filme *Roma*⁹ e uma discussão posterior com a participação de pessoas de distintas localidades: acadêmicas, trabalhadoras domésticas sindicalizadas e uma atriz do filme. A forma como conheci Mary Goldsmith foi representativa de sua atuação profissional, que estava numa posição de especialista por ter desenvolvido seu trabalho com as trabalhadoras domésticas durante sua longa trajetória, bem como figurava ao lado das profissionais que simboliza o perfil ativista que também sempre esteve presente ao longo de sua vida. Mary Goldsmith é uma pesquisadora reconhecida principalmente por seus trabalhos na área de trabalho doméstico e tem suas pesquisas na área de feminismo; gênero, trabalho e participação política; e corpos sexuados e identidades de gênero (GOLDSMITH, 2007; 2013).

De origem norte-americana, foi no México que desenvolveu boa parte de sua carreira e é o local em que atua profissionalmente na *Universidad Autónoma Metropolitana (UAM)*, instituição que em 1998 criou o mestrado em Estudos da Mulher, o qual se constituiu como o primeiro mestrado feminista no México e um dos primeiros programas de pós-graduação na América Latina a oferecer estudos com uma *perspectiva de género*. É também nessa universidade que se formou recentemente o Doutorado em Estudos Feministas, continuando essa tradição de estudo.

⁸ “El Colegio de México fue una de las primeras instituciones académicas de América Latina que abrió espacio a los estudios de la mujer dentro de sus actividades de investigación y docencia. Desde su creación en 1983, el Programa Interdisciplinario de Estudios de la Mujer (PIEM) contribuyó a configurar el campo de los estudios de género como un área específica de conocimiento de gran relevancia para las ciencias sociales y las humanidades”. Conforme site <https://pieg.colmex.mx/index.php/mision/nosotras>

⁹ *Roma* é um filme de drama escrito e dirigido por Alfonso Cuarón, que também o produziu, co-editou e cinematografou. O filme se passa na Cidade do México, Colônia Roma, um distrito localizado em Cuauhtémoc, que traz a referência para o título. Ele aborda a vida de uma empregada doméstica numa família de classe média. A estreia de *Roma* ocorreu no Festival Internacional de Cinema de Veneza, em 30 de agosto de 2018, onde recebeu o Leão de Ouro, sendo também premiado como Melhor Filme Estrangeiro no Oscar de 2019.



Museu Universitário de Arte Contemporânea

Elsa Muñiz

O referido doutorado foi criado quando Elsa Muñiz estava na coordenação da *Maestria en Estudios de La Mujer* (os quais não foram aprovados sem resistência institucional indireta) na Universidade Autônoma Metropolitana – Xochimilco, onde atualmente também é professora. A entrevista com essa professora ocorreu no Museu Universitário de Arte Contemporânea, na *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM). A instituição histórica e reconhecida internacionalmente pela excelência acadêmica fica na Cidade Universitária. O campus pode ser mesmo considerado uma cidade em razão da sua imensidão, para percorrer são disponibilizados ônibus que levam das estações de metrô até os seus prédios. Circular por esse espaço é encontrar estudosas apressadas caminhando e de bicicleta, pessoas sentadas lendo no imenso jardim, escutar música com pessoas ensaiando coreografias ao lado de jogadoras em suas

quadras de esporte jogando futebol e basquete. Precisei olhar muitos mapas para me localizar no campus e conseguir chegar até o Museu onde marcamos o encontro.

O Museu, espelhado e suntuoso, contava com um agradável restaurante em seu interior em que Elsa estava me esperando. O local era aberto para um jardim, o que criava uma atmosfera de ambiente externo. Elegante e charmoso foram adjetivos que utilizei para descrever o restaurante. Ela estava terminando a reunião de orientação com uma das estudantes do referido mestrado e me encontrou para contar um pouco da sua trajetória. Elsa Muñiz foi uma das pioneiras nos estudos feministas sobre o corpo – debate muito atual no cenário mexicano –, em seu doutorado em antropologia na Escola Nacional de Antropologia e História (ENAH) desenvolveu investigação sobre o corpo na sociedade mexicana trazendo a influência de sua formação histórica para dentro da antropologia social, o qual gerou a publicação de seu importante livro chamado *Cuerpo, representación y poder. México en los albores de la reconstrucción nacional, 1920-1934* (2002). Seu reconhecimento a respeito do tema também se deve ao empenho, ao longo de sua carreira, em importantes redes e locais de discussão do tema. Por exemplo, como uma das fundadoras da sociedade civil *El cuerpo decifrado* e, desde 2003, como coordenadora do *Congreso Internacional de Artes, Ciencias y Humanidades El cuerpo descifrado*.

Verónica Rodríguez Cabrera

A referida sociedade civil conta com a participação de Verónica Rodríguez Cabrera, a qual tem como linhas de investigação, além do corpo, gênero, beleza, sexualidade, processos de saúde-enfermidade, trabalho, migração e violência (RODRIGUEZ CABRERA, 2000; 2015; 2014). Foi em sua casa que me recebeu com uma deliciosa xícara de café, que me trouxe enorme conforto como brasileira viciada em cafeína. Seus trabalhos incrivelmente interessantes são influenciados por um interesse constante em grupos rurais mexicanos, elemento que pode ser percebido através de sua formação. Coursou doutorado em sociologia e antropologia do desenvolvimento rural pela Universidade de Wageningen, nos Países Baixos, e o mestrado em desenvolvimento rural pela Universidade Autónoma Metropolitana (UAM), sendo nessa universidade que iniciou sua

trajetória na área de economia e que hoje atua como professora. Seu engajamento com as comunidades que trabalha através da investigação, não exclui seu ativismo dentro da universidade, principalmente em relação à problemática a respeito do assédio sexual nos ambientes educacionais, tema latente do feminismo mexicano.



Escola Nacional de Antropologia e História (ENAH)

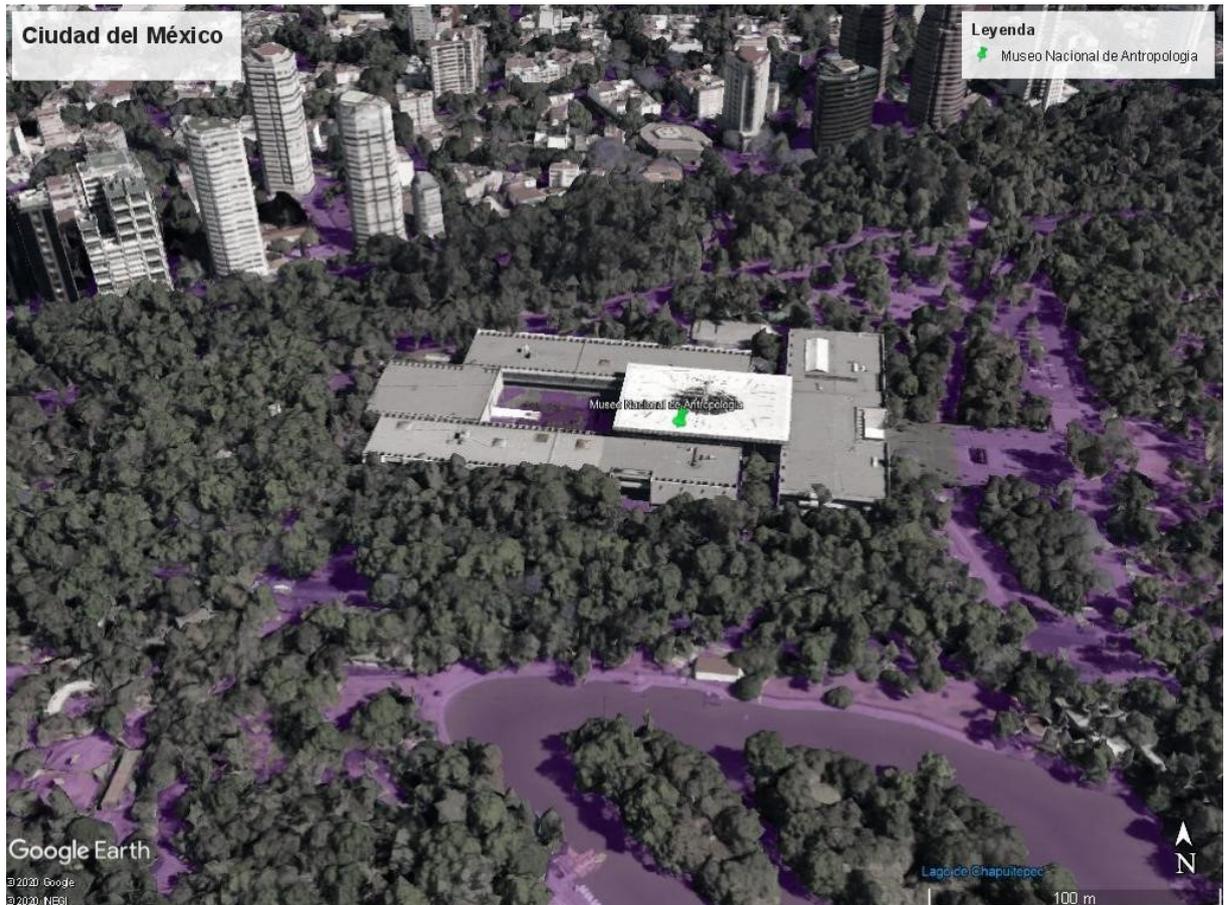
Maria Guadalupe Huacuz Elías

O ativismo também marca a trajetória de Maria Guadalupe Huacuz Elías, com quem me encontrei na Escola Nacional de Antropologia e História (ENAH¹⁰). Essa escola

¹⁰ A Escola Nacional de Antropologia e História é uma instituição mexicana de ensino superior fundada em 1938 e um proeminente centro para o estudo de Antropologia e História nas Américas. É parte do Instituto Nacional de Antropologia e História do México (INAH) e oferece bacharelado e pós-graduação em

aparece em diversas narrativas das antropólogas, sendo uma referência constante em suas vidas. Diferente da UNAM, a ENAH tem um ambiente mais restrito e acolhedor. Com um pequeno pátio no centro, onde são vendidos alguns livros e artesanatos em pequenas banquinhas, ao redor são os prédios das aulas com suas paredes cobertas por pinturas. Apesar de pequeno, percorri seus corredores mais de uma vez para encontrar o café em que tínhamos marcado a entrevista - que estava localizado ao lado de uma livraria e depois de descer uma escada que dava acesso a um segundo pátio menos movimentado.

Foi nessa instituição que Maria Guadalupe realizou o seu mestrado e doutorado na área de antropologia social. Essa formação na área antropológica na pós-graduação não fez com que se apagasse o caráter eminentemente interdisciplinar de sua trajetória, que começou no direito na Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, passando pela especialização em Estudos de Género no El Colégio de México (COLMEX) e pelo mestrado em História da Arte pela Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Essa antropóloga conta da importância que teve essa formação interdisciplinar para a sua construção e a sua forma de enxergar a realidade, que busca conjugar na elaboração de seus textos. Trabalhos que levam como marca o diálogo entre movimentos sociais feministas e academia, isso porque o seu principal tema de investigação é a *violência falocêntrica* - conceito que pode ser encontrado no seu livro *¿Violencia de género o violencia falocéntrica?: variaciones sobre un sistema complejo* (2018) e que tem como fonte de inspiração o trabalho que realizou desde muito jovem em organizações feministas, que, assim como no Brasil, tem o tema de violência contra as mulheres como um de seus principais problemas sociais e teóricos.



Museu Nacional de Antropologia

Martha Rebeca Herrera Batista

O encontro com Maria Guadalupe Huacuz Elías foi motivado por um evento em que participava a colega Martha Rebeca Herrera Batista, a quem fui apresentada nessa ocasião. Foi na nova localização da *Escuela Nacional de Antropología e Historia* (ENAH) que nos encontramos pela primeira vez, mas nosso encontro para entrevista foi no Museu Nacional de Antropologia, local em que as atividades dessa escola começaram e onde Martha deu seus primeiros passos na antropologia física.

O Museu de Antropologia é um dos locais de visitação (quase) obrigatória para quem conhece a Cidade do México. O visitei algumas vezes nessa estadia para poder apreciar tudo que ele oferece. O museu conta com exposição na parte inferior das diferentes culturas indígenas da época pré-hispan ica, valorizando a sua diversidade e grandiosidade dos tempos antigos. Na parte de cima do museu, bem menos

movimentado, estão as coleções que fazem referência aos grupos indígenas sobreviventes no país, com uma estrutura bem menos cuidada e algumas partes fechadas para manutenção. Considero simbólica a diferença de tratamento em relação a esses dois espaços, a valorização do passado e o descaso com o presente.

Mas a nossa conversa foi em um local quase escondido do prédio, subindo algumas escadas antes mesmo de acessar o Museu, há um pequeno e agradável pátio central, em que em volta estão várias salas. O local abrigava antigamente a Escola Nacional de Antropologia e História (ENAH), que por muitos anos funcionou na parte superior do museu. Martha Rebeca me contou que era neste pátio em que se encontravam os estudantes de arqueologia, história, antropologia social e linguística nos intervalos das aulas. Sentamos em uma das mesas que estava no pátio em um local muito familiar para ela, pois além de ter se formado ali também é seu atual ambiente de trabalho. Depois de sua graduação nessa escola, a antropóloga fez o seu mestrado em medicina social na Universidade Autônoma Metropolitana (UAM) e seu doutorado em antropologia na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Foi nesse local pouco acessado pelos muitos visitantes do museu que me contou que sobre seu trabalho com mulheres nas periferias da Cidade do México (2009) e sobre as mulheres Otomí (2005). Apesar da formação em antropologia física, sempre foi muito próxima dos debates que ocorriam na antropologia social, através do seu olhar que percebi esse intercâmbio entre as diferentes carreiras antropológicas características da antropologia mexicana.

Yanina Avila Gonzalez

Cada uma das entrevistas com essas antropólogas me ajudou de maneira distinta a entender a antropologia e o feminismo no México, sendo que foi com Yanina Avila Gonzalez que comecei a me aprofundar nas características do feminismo mexicano. Envolvida em movimentos sociais feministas desde muito cedo, os estudos dessa área influenciaram de forma evidente a sua produção acadêmica, que tem como objeto um tema muito central para o feminismo: a maternidade (2005). Já em sua produção na

licenciatura se perguntava pelas mulheres que negavam a maternidade, que não queriam ser mãe, buscando compreender essa forma de relação com uma questão impositiva e presente na vida de (quase?) todas as mulheres. Ativista e acadêmica feminista iniciou seus estudos na carreira de sociologia na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), realizando o seu mestrado em antropologia social na Escola Nacional de Antropologia e História (ENAH), onde também realizou seu estudo doutoral. Foram nessas duas universidades que ela foi professora, sendo agora vinculada à Universidade Autônoma Metropolitana - Iztapalapa.

Laura Raquel Valladares de la Cruz

O filme Roma marcou o primeiro encontro com Mary e é no bairro que se passa essa película que me encontrei com Laura Raquel Valladares de la Cruz, em uma charmosa livraria e café da região. Também atuante na Universidade Autônoma Metropolitana (UAM), na unidade de Iztapalapa, essa antropóloga exerce a sua docência no departamento de antropologia. Foi através dela que conheci a resistência das mulheres indígenas de municípios autônomos do México (2014), através do diálogo com essas comunidades a professora não apenas investiga o tema das mulheres na política, como também tem uma atuação na formação dessas mulheres que estão abrindo espaços nas políticas locais dentro dessas comunidades resistentes. O diálogo intenso com esses grupos organizados fazem com que ela perceba outra forma de antropologia, em que são os nativos que demandam dos antropólogos as atividades a serem realizadas, como no seu caso as oficinas sobre atuação política para mulheres, na intersecção entre gênero e administração pública.

Outro circuito pela cidade do México



Centro do bairro Coyoacán

Martha Patricia Castañeda Salgado

No interior da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM¹¹), se encontra o *Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades (CEIICH)*, uma entidade acadêmica adstrita à *Coordinación de Humanidades*, que conta com um Programa de Investigação Feminista. Esse centro se apresentou como um local relevante na investigação, principalmente pela presença de uma antropóloga que me inspirou nessa

¹¹ A Universidade Nacional Autônoma do México é uma das maiores instituições de ensino do México e uma referência para acadêmicos nacionais e internacionais. Desempenhou um papel de liderança na história e na formação de nosso país. As tarefas substantivas desta instituição pública, autônoma e secular são o ensino, a pesquisa e a disseminação da cultura. Para saber mais acesse: <https://www.unam.mx/acerca-de-la-unam/que-es-la-unam>.

pesquisa e que possui investigações na área da antropologia feminista: Martha Patricia Castañeda Salgado. Essa antropóloga tem como linhas de pesquisa a antropologia feminista em países de língua hispânica e a situação de gênero de mulheres indígenas e rurais na América Latina. Ao longo dos últimos anos, produziu relevantes trabalhos nessa área, como *Perspectivas feministas para fortalecer los liderazgos de mujeres jóvenes* (2013); *Mujeres y Hombres en el mundo global*; *Antropología Feminista en España y América Latina* (2012) e *Metodología de la Investigación Feminista* (2008).

Em sua agenda lotada, Martha Patricia me encontrou no centro do bairro Coyoacán, (mais) um lugar obrigatório na passagem pela Cidade do México, que ainda guarda em sua arquitetura as características do pequeno pueblo que era antes da colonização. Foi no Café Negro que nos encontramos e que me contou sobre seu extenso trabalho com as mulheres indígenas, ao longo de sua trajetória acadêmica. A antropóloga começou sua formação em licenciatura em Antropologia pela *Universidad Autónoma de Puebla*, seguindo o mestrado em Antropologia Social na *Universidad Iberoamericana*, e realizou seu doutorado, também em antropologia, no *Instituto de Investigaciones Antropológicas*, da *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM), local em que atualmente é professora e onde nos encontramos pela primeira vez. Encontro que se deu pelo seu convite para ouvir sua (antiga) orientadora Marcela Lagarde, me apresentando não apenas Marcela como também outras pesquisadoras feministas que participaram de minha investigação, como Jahel López Guerrero e Mercedes Castro Espinosa.

Marcela Lagarde

Andei algumas quadras e entrei em sua rua. No final dela, tinha um condomínio grande, que lembrava bem a construção do apartamento que morava no Rio Branco em Porto Alegre. Chamei no interfone e ela abriu a porta do prédio para eu subir. Entrei em seu apartamento e me senti acolhida no mesmo instante. A sala ficava pequena com tantos livros e caixas de livros por todos os lados. Ao chegar, se deparava com uma convidativa sala, com sofás confortáveis e coloridos.

Ela me disse para sentar e me perguntou se gostaria de um chá, e eu disse que aceitaria a oferta. Então, enquanto ela preparava o chá, fomos conversando. Ela me contou que estava muito ansiosa e feliz, pois estava

acompanhando as eleições na Espanha. Comemorando comigo a vitória de um candidato de esquerda. Acho que talvez essa conversa inicial foi essencial para abriremos nosso diálogo, entendendo nossas referenciais políticas. Isso porque ela ainda me perguntou (como com quase todas as antropólogas com quem estive e os mexicanos em geral) sobre a situação catastrófica do país. Normalmente tentando entender o ininteligível. Então explicava basicamente sobre o golpe, a prisão de Lula e a ascensão de Bolsonaro. Então, Marcela começou a perguntar mais sobre a prisão de Lula e lastimando a prisão do antigo “companheiro”. E ainda ficamos conversando mais um bom tempo sobre a política do México. Acho que aquele foi o primeiro teste, e pela forma como a entrevista se desenrolou, parece que eu passei. (Diário de Campo. Dia 26.04.2019. Cidade do México. Entrevista Marcela Lagarde)

Então, foi no *Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidad (CEIICH)* que conheci a renomada antropóloga feminista Marcela Lagarde, através de sua fala sobre a aprovação da *Ley General de Acceso de las Mujeres a una Vida Libre de Violencia* (México, 2007), que batalhou para aprovar quando foi deputada federal, na mesa que tinha como título *Seminario Internacional Violencias Y Feminismos: Desafíos Actuales*. Antes de iniciar a mesa, Marcela já estava presente, dialogando com as estudantes que estavam ali ansiosas para ouvi-la. A professora estava muito interessada nos novos temas do feminismo que as estudantes contavam a partir de suas pesquisas. Em uma palestra séria e descontraída, falou sobre a importância das legislações com enfoque de gênero aprovadas recentemente.

Foi em sua casa que me recebeu, com o bom-humor que eu já havia conhecido, e tivemos uma conversa na sala da sua casa que rendeu muitas risadas, apesar dos temas difíceis que também tocamos. A casa reflete um pouco de Marcela, com livros em todos os cômodos e uma sala aconchegante, com referências feministas por todos os lados. Essa importante referência para o feminismo tem sua trajetória marcada pelo diálogo entre política e academia, uma vez que sempre esteve envolvida com os movimentos políticos da esquerda mexicana, tendo como importante fruto de sua carreira na política a legislação acima mencionada, que se baseou em um amplo estudo sobre o assassinato de mulheres em diversas cidades – sendo até hoje a principal legislação a respeito da violência contra mulher no México. Entretanto, não apenas por isso é reconhecida como referência do feminismo mexicano. A etnóloga (como faz questão de ser denominada)

também é lembrada pelo importante trabalho que realizou, fruto de sua tese de doutorado, chamado *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas (2015)* - “livro de cabeceira das feministas mexicanas”, nas palavras de Martha Patricia Castañeda Salgado.

Jahel López Guerrero

O Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades (CEIICH) é o local de trabalho de Jahel López Guerrero, onde também realizou seu mestrado, depois de passar pela Escuela Nacional de Antropología e Historia (ENAH), na carreira de Etnologia, e seguir o doutorado em Antropologia no Instituto de Investigaciones Antropológicas da Universidad Nacional Autónoma do México (UNAM). Recebeu-me em sua casa na manhã do feriado que comemora o dia dos professores no México, celebração da qual ela faz parte enquanto professora universitária. Jahel me contou sobre seu extenso trabalho enquanto acadêmica em diversas frentes da universidade e dos Movimentos Sociais, ao lado de jovens mulheres indígenas na Cidade de México, tema principal de suas investigações atuais. As suas publicações traduzem um pouco dessa versatilidade em participar de diversos projetos e organizações, como o trabalho com mulheres e homens policiais da cidade (2013), trabalhos sobre academia e feminismo de forma mais específica (2013) e, claro, a respeito de jovens mulheres indígenas (2013).

Mercedes Castro Espinosa

Como dito anteriormente, a palestra no *Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades (CEIICH)* permitiu que eu entrasse em contato com Mercedes Castro Espinosa, que atualmente é professora na *Universidad de la Ciudad de México (UACM)*, no departamento de arte e patrimônio cultural. Esta é a área em que está realizando sua investigação de doutorado, a respeito da produção de artistas plásticas mexicanas e argentinas. É licenciada pela *Escuela Nacional de Antropología e Historia (ENAH)* e mestra pelo *Instituto de Investigaciones Antropológicas da Universidad*

Nacional Autónoma de México (UNAM). Sob a orientação de Marcela Lagarde, suas investigações sempre giraram em torno de temas latentes do feminismo, como virgindade, reprodução, aborto, arte, feminismo, gênero e direitos humanos das mulheres. Apesar da larga trajetória acadêmica, é uma antropóloga que atuou por muitos anos em órgãos estatais e de políticas públicas, contribuindo, em outros lugares, para o desenvolvimento da antropologia feminista no México.

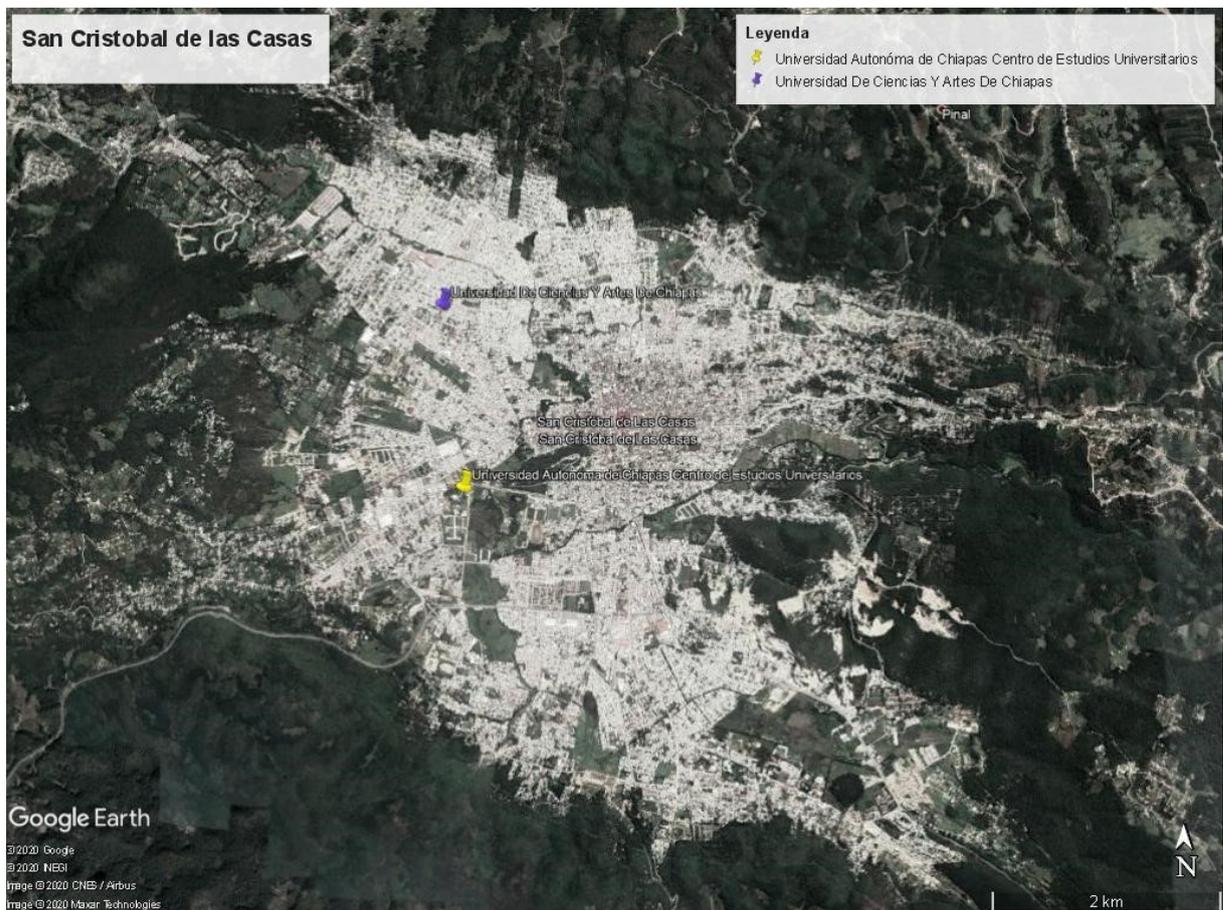
Montserrat Salas

Marquei o encontro com Monserrat Salas em um livraria no bairro de Coyoacán. Sentamos em mesas, lado a lado, até nos reconhecermos, nos cumprimentamos e rimos de nossa inabilidade para percebermos que ambas estavam esperando desnecessariamente. Foi nesse clima de descontração e risadas que passei a tarde com Monserrat, tomando suco de laranja no café da livraria que, na parte de baixo, contava com uma movimentação de pessoas comprando os livros. Ela me contou que sugeriu esse local porque sempre gostou muito dele, por ser uma das primeiras livrarias da Cidade do México, agora reformada e moderna, que conta com uma variedade de livros, o que me fez sair dessa entrevista com algumas sacolas.

Para entender as diversas frentes nas quais uma antropóloga feminista pode trabalhar no México, o encontro com Monserrat Salas foi muito útil. De uma forma muito distinta do que estamos acostumados a ver no Brasil, essa professora atua, há muitos anos, no *Instituto Nacional de Ciências Médicas e Nutrição Salvador Zubirán*. Em um primeiro momento, pode parecer totalmente alheio a um trajeto possível para alguém que se formou na área de antropologia, mas se encaixa muito bem com o trabalho e o interesse de estudos que ela tem desenvolvido ao longo de sua carreira sobre nutrição e saúde. Tal instituto tem como linhas de investigação mulheres, saúde e nutrição, gênero e saúde, alimentação, antropologia da saúde e da alimentação (SALAS, 2013; 2006). Ademais, foi durante sua pós-graduação, em contato com Martha Patricia Castañeda Salgado, que se aproximou de forma mais intensa dos estudos feministas e que passou a

entender melhor as diferenças entre pesquisa com perspectiva de gênero e pesquisa com perspectiva feminista.

A longa viagem para o sul do México



San Cristóbal de Las Casas

Minha viagem para a pequena cidade de San Cristóbal de Las Casas começou no dia dezoito de maio, saindo da Cidade do México e chegando, em uma manhã de sol, na pequena e linda cidadezinha. Sol que acabou sendo cada vez mais raro na cidade, a qual me acolheu praticamente todos os dias com muitas chuvas (com o que fui tentando me acostumar). A chuva, porém, não fez diminuir o colorido da cidade através de suas bandeirinhas penduradas em algumas ruas onde não passa carro no centro da cidade. Nessas ruas, onde passam pedestres tranquilos e apressados, por entre lojas e restaurantes, muitos indígenas vendem os seus produtos para os muitos estrangeiros que fazem turismo na região.

A cidade é um roteiro turístico no Sul do México, atraindo, também, o que se chama de *turismo revolucionário*, através do qual as pessoas buscam aproximar-se dos movimentos indígenas da região, especialmente do Zapatismo. Os indígenas estão presentes em todos os lados, fáceis de identificar por suas roupas tradicionais e seu idioma distinto do castelhano. Muitos carregando seus produtos e tentando vendê-los constantemente para os turistas, que ficam encantados com os preços irrisórios dos preciosos artesanatos que produzem. O contraste entre os gringos e indígenas parece deixar cada vez mais presente a relação colonial que formou essa cidade. Assim, falar de colonialidade parece tão necessário e atual quanto falar de feminismo.

Marisa Ruiz Trejo

Em San Cristóbal de Las Casas, fui acolhida por Marisa Ruiz Trejo, que me hospedou em sua casa, localizada no meio de uma mata. Para chegar, precisávamos subir por uma estreita escada de pedra, rodeada por árvores. Foi ali que pude conhecer a rotina agitada dessa antropóloga, que parecia não entrar no ritmo pacato da cidade, o que me pareceu compreensível depois de conhecer um pouco de sua trajetória, já que havia viajado e residido em muitas outras cidades (Madrid, Nova York, Cidade do México, Tuxtla...). Marisa é responsável pelo programa de mestrado em Estudos da Diversidade Cultural e Espaços Sociais, da *Universidad Autónoma de Chiapas (UNACH)*. Apesar de ser uma jovem pesquisadora, sua trajetória é repleta de articulações entre Movimentos Sociais e academia, como, por exemplo, através da participação na elaboração de relatórios histórico-antropológicos em julgamentos sobre racismo, genocídio e violência sexual contra mulheres indígenas na Guatemala. Atualmente, analisa epistemologias, teorias e descolonização de práticas feministas, em Chiapas e na América Central. Faz parte do *Coletivo Pluriversidades Feministas*, um empreendimento educacional feminista autônomo e autogerido, além de participar de programas independentes de rádios feministas e organizar oficinas para repensar o corpo e a emoção na pesquisa e nas práticas etnográficas.

A *Universidad Autónoma de Chiapas (UNACH)* foi onde passei grande parte dos meus dias, em *San Cris*, na sala de estudos dos estudantes e na biblioteca, repleta de livros, contando as inúmeras histórias do estado de Chiapas, que parece ser um local de interesse acadêmico constante. A universidade é pequena e aconchegante, localizada em um local um pouquinho afastado do centro da cidade, mas sem a necessidade de um transporte para chegar até ele.

Juana Ruiz Ortiz

Foi no Instituto de Estudos Indígenas dessa universidade que conheci Juana Ruiz Ortiz, uma antropóloga *tzotzil*, original de San Pedro Chenalhó, do estado de Chiapas, que ocupa o cargo de técnica acadêmica auxiliar bilíngue (tzotzol-castellano) nesta unidade acadêmica, há muitos anos. Foi em sua sala que me recebeu para conversarmos e me contou de suas origens, uma comunidade indígena próxima da cidade, de onde saiu muito jovem para viver na cidade - enfrentando todo o peso que essa decisão trouxe para os laços familiares. Mas foi nessa cidade que fez sua formação em licenciatura em língua e cultura, pela *Universidad Intercultural de Chiapas*¹², e que colabora com muitas investigações sobre colônias populares em San Cristóbal de Las Casas e, mais recentemente, sobre investigações feministas, em colaboração com Marisa Ruiz.

Mercedes Oliveira Bustamante

Por fim, em um dia com muitas bombas - que pareciam ser de alguma festividade que nunca descobri do que se tratava - que conheci a renomada antropóloga Mercedes Oliveira Bustamante. Agendamos a entrevista em sua casa, que estava localizada em um bairro um pouco mais afastado de San Cristóbal. Cheguei lá através do meio de transporte

¹² A Universidade Intercultural de Chiapas (UNICH) foi criada por decreto de criação em dezembro de 2004 e iniciou suas operações acadêmicas em 2005, na cidade de San Cristóbal de Las Casas para saber mais acesse: <https://www.unich.edu.mx/>.

local, pequenas “Kombi”, modificadas em sua parte traseira para comportar desconfortáveis bancos. Tive que perguntar para muitas pessoas qual delas pegar, porque seus letreiros indicavam a rota e eu pouco sabia o que elas indicavam. Então, com o valor de seis pesos, desci em uma rua próxima de sua casa. Em um bairro residencial simples estava a sua charmosa casa.

A antropóloga Mercedes Oliveira é reconhecida no campo feminista como precursora dos estudos sobre mulheres indígenas, área que segue sendo um tema de relevância para a antropologia feminista mexicana. Com seu olhar crítico, constitui-se também como uma eminente antropóloga para o campo de estudos indígenas, sendo parte do grupo de antropólogas que escreveu o livro *De eso que llaman antropología mexicana* (1970), marco na história local da disciplina. Além disso, produziu trabalhos que refletiam a situação das mulheres, como *La opresión de la mujer en el sistema capitalista* (1975) e *Sobre la explotación y opresión de las mujeres acasilladas en Chiapas* (1979). Se na Cidade do México os estudos feministas avançaram através da pós-graduação há algumas décadas, na cidade de San Cristóbal de Las Casas a inovação veio através da própria concepção dos estudos. No *Centro de Estudios Superiores do México e Centroamérica*, da *Universidad de Ciencias e Artes de Chiapas*, foi formado o mestrado em Estudos e Intervenção Feminista, que tem sua concepção idealizada por essa antropóloga para pensar as práticas feministas de modificação da sociedade que estão além do que podemos chamar simplesmente de científico. Assim, não apenas aponta para um debate a respeito do feminismo, mas também uma produção de conhecimento engajada na aplicação deste na sociedade, isto é, na intervenção feminista.

Foi através dessas três antropólogas que conheci um pouco da antropologia feminista realizada na pequena cidade. Apesar de serem poucas, entendo que são representativas dos caminhos diversos que trazem a antropologia feminista para San Cristóbal de Las Casas. Cada uma, à sua maneira, enfatiza a importância sensível que o tema das mulheres indígenas tem para essa localidade que, sem dúvida, não pode passar despercebida por todos que a visitam.

E toda jornada tem um final

Um grande amigo que tinha feito recentemente em San Cristóbal de Las Casas havia me contado várias vezes sobre esse ritual que ele participava todos os domingos. Me disse que era um ritual de cura muito poderoso e que iria me fazer muito bem. Como eu estava muito mal, física e emocionalmente, pensei que seria uma boa oportunidade para voltar para a Cidade do México curada. Reunimo-nos então no Hotel, e fomos a uma região bem afastada do centro da cidade. Eu, ele, e mais duas gurias estrangeiras que também estavam hospedadas no mesmo hotel e com quem tinha conversado algumas vezes.

O local era perto das montanhas e tinha já algumas pessoas em volta da fogueira, a maioria também estrangeira como eu. O tempo estava um pouco chuvoso e frio, mas apesar disso todos trouxeram roupas de banho para participar da cerimônia. Ali em volta da fogueira, o líder que conduziu a atividade nos explicou um pouco da dinâmica, disse que era um indígena de origem maia e que o ritual era tradicional de sua cultura. Todos iriam entrar em uma pequena cabana que eles tinham montado - era uma cabana redonda feita com galhos de árvore e cobertas com muitos (muitos!) cobertores, na frente tinha uma pequena portinha por onde todos entraram. Sentamos em círculo sobre a grama gelada, no centro havia um pequeno buraco, onde eram colocadas pedras quentes retiradas da fogueira do lado de fora, sobre ela era jogada água com essências naturais, o que fazia emergir uma fumaça perfumada que deixava a cabana muito quente – uma espécie de sauna natural.

Cada vez que eram colocadas novas pedras todos diziam “bienvenidas abuelitas”. As pedras eram chamadas de abuelitas porque representavam as avós de todos nós, o senhor que conduzia o ritual nos explicou que no mundo ninguém tinha visto o nascimento das pedras, que já estavam na terra antes mesmo da existência do ser humano – diferente das plantas, dos animais. Por isso, elas eram nossa abuelitas.

Ali todos estavam para se curar. Podia ser uma cura física, espiritual, emocional. Cantamos, gritamos, contamos nossos nomes, de onde viemos e porque estávamos ali, pedimos perdão por nossos erros, aceitamos as partes mais escuras que todos nós

carregamos dentro de nós, nos limpamos com ramos de algumas ervas. Nos reconectamos com a mãe terra. Foram algumas horas dentro da pequena tenda e depois que saímos podíamos comer as frutas que havíamos trazido para repartir. O ritual me fez muito bem. Acho que foi um primeiro passo para a cura que estava procurando. (Diário de Campo)

Se um ritual marcou a minha entrada no campo, um ritual também marcou a minha saída. Em um dos últimos dias em San Cristóbal de Las Casas, participei dessa cerimônia de cura. Trago ela aqui para representar o encerramento de minha caminhada pelo México. Simbolicamente, digo que foram rituais que me acolheram no México e que me trouxeram de volta para o Brasil.

Trazer essas cenas aqui não tem o intuito de colocar o México como um país exótico. Pelo contrário, os relatos que trouxe dos caminhos pelos quais passei procuraram colocar você em contato com esse país através dos meus passos. As tradições indígenas ainda permeiam a realidade mexicana de maneira incontestável, o que pode ser percebido também pelos temas de pesquisa de muitas das antropólogas que entrevistei, que conjugam feminismo e questões indígenas. Porém, são muitos outros temas que não estão vinculados a questões indígenas que são de interesse da antropologia feminista mexicana. No capítulo seguinte, tratarei, de forma mais aprofundada, sobre os temas, as pesquisas e os trabalhos realizados por essas antropólogas, que configuram campos teóricos da antropologia feminista mexicana. Esse capítulo inicial buscou apresentar elas para você e, bem, um pouquinho do México que eu conheci.

CAPÍTULO 3.
ANTROPÓLOGAS EM MOVIMENTO(S).

P.U.T.A.
Mulamba

**Renasci foi das cinzas das guerreiras
pela mesma missão que me desfez
ver meu corpo no chão mais uma vez reforçando o poder da terra santa
Pois quem queima em seu solo depois planta
dá lugar pra raiz vingar sua fruta
Que a floresta e a mata estão na luta
Segurando na voz da benzedeira
Minhas vestes é mulamba e as feiticeiras
são as mesmas que hoje chamam PUTA.
[...]**

Para pensar a articulação entre antropologia e feminismo no contexto mexicano, é necessário trabalhar com um terceiro elemento fundamental: os Movimentos Sociais. Eles são parte constituinte dessa relação, importantes para a formação e desenvolvimento da antropologia feminista. Como tentarei demonstrar neste capítulo, a relação das antropólogas feministas com diferentes formatos de Movimentos Sociais é uma característica intrínseca dessa antropologia adjetivada.

Iniciarei o capítulo contextualizando a emergência do feminismo no México, argumentando que antropólogas são formadas enquanto *feministas* no interior de organizações políticas de esquerda. Essa formação leva a uma transformação identitária, que ocorre neste primeiro momento principalmente com a participação em *grupos de autoconsciência*.

Os *grupos de autoconsciência* possuem um importante papel na mudança identitária dessas mulheres. Deste modo, os analiso como *processos rituais* de transformações das mulheres, que geram personalidades engajadas nos movimentos feministas mexicanos. Assim, uma vez que se autodefinem como *feministas*, as antropólogas passam a atuar na construção destes movimentos, a partir da antropologia.

Localizo nos Movimentos Sociais mexicanos dois galhos da antropologia feminista: os movimentos feministas urbanos e os movimentos de mulheres indígenas. Buscarei demonstrar como ocorre a articulação da antropologia com esses Movimentos Sociais, a partir da trajetória das antropólogas que contribuíram com esta pesquisa. Por fim, elencarei como essa articulação entre antropologia e movimentos feministas cria uma forma particular de fazer antropologia: a *antropologia sob demanda*.

As raízes da antropologia feminista

No México, os ideais feministas começaram a aparecer no final da década de 1960, constituindo-se, de forma organizada enquanto movimento, no decorrer da década de 1970. O início da *antropologia feminista* no México se caracteriza pela aproximação das

antropólogas com o feminismo em contato com Movimentos Sociais de esquerda. O engajamento com estes movimentos traz como marca a influência do marxismo em suas formações intelectuais. Em um momento histórico em que o feminismo ainda não se encontrava institucionalizado dentro da academia mexicana, essas intelectuais foram as *pioneiras* na construção do campo feminista no seio da antropologia.

As *antropólogas pioneiras*¹³ que iniciam essa articulação entre feminismo e antropologia têm mais de 60 anos. São reconhecidas pelas demais antropólogas como precursoras na antropologia feminista e na criação de espaços importantes no interior da academia para essa produção intelectual. Cabe destacar que há um recorte temporal que unifica essas antropólogas, uma vez que se trata de mulheres que nasceram nas décadas de 1940 e 1950 e têm sua formação universitária na graduação nas décadas de 1960 e 1970. Destaco que este período histórico foi marcado por uma forte influência dos movimentos contestatórios e críticos que eclodiram no final da década de 1960/decorrer dos anos 1970. Tais movimentos tiveram um papel fundamental para o início da antropologia feminista mexicana.

Em particular, destaco que o movimento estudantil de 1968¹⁴ teve um papel crucial no contexto político, social e acadêmico em que essas antropólogas estavam inseridas. Esse foi um movimento que iniciou em razão de uma briga entre estudantes universitários e da preparatória¹⁵, mas que gerou uma repressão policial extrema e acabou por mobilizar de forma muito intensa todo o corpo estudantil. Com o passar dos

¹³ E aqui penso em *antropólogas pioneiras* a partir do trabalho de campo que realizei, em especial pelo reconhecimento pelas demais integrantes da antropologia feminista, que as nomeiam dessa forma.

¹⁴ O ano de 1968 foi paradigmático para muitos países, sendo tema de importantes discussões para a compreensão de sua representatividade como um ano marcado por revoltas e reivindicações sociais. No México, também se tornou um marco histórico, em particular como um ano de luta do movimento estudantil.

¹⁵ No México, o sistema educacional que equivale ao ensino médio é dividido em dois: a normal e a preparatória. O primeiro é uma formação para a atuação como professoras do ensino básico (o que eu comparo com o magistério que existia aqui no Brasil), enquanto a preparatória volta-se para a formação de estudantes que irão posteriormente ingressar nas universidades. Destaco que algumas universidades só aceitavam alunas que haviam realizado a preparatória.

dias, o movimento foi tomando novas formas, confrontando o Estado Mexicano e seu caráter antidemocrático e violento¹⁶.

El presidente Díaz Ordaz [1964-1970] creía ver una conspiración comunista que amenazaba la estabilidad nacional. Conforme se acercaba el inicio de los XIX Juegos Olímpicos, que serían inaugurados en la ciudad de México el 12 de octubre de ese mismo año, la situación se fue complicando. En septiembre el ejército ocupó y desocupó las instalaciones de la UNAM, así como las del IPN. El desenlace llegó en la tarde del 2 de octubre. En una trama que apenas empieza a desentrañarse, los estudiantes reunidos en la plaza de Tlatelolco fueron atacados por soldados del ejército. Ahora se sabe que la tropa respondía a una provocación de francotiradores situados en lugares estratégicos, siguiendo instrucciones de altos funcionarios gubernamentales. Decenas murieron y centenares más fueron reclusos en el penal de Lecumberri (GONZALBO et al., 2008, p. 510-511).

O ano de 1968 marcou uma geração de estudantes mexicanos. Assim como em outras partes do mundo, no México, o final dos anos 1960 foi um período de muita efervescência, sendo que, no caso mexicano, a revolta se iniciou a partir do movimento estudantil. Essa característica fez com que as antropólogas que estavam em seu período de formação se envolvessem com o movimento estudantil, que influenciou suas subjetividades e formas de relações com os movimentos de esquerda.

Y fue un movimiento político, estudiantil, popular. Tuvo temas y dimensiones como la academia, el derecho laboral dos trabajadores, las

¹⁶ “Con el paso de los días, el movimiento fue tomando nuevas formas, ampliándose y volviéndose complejo. Las demandas de los estudiantes terminaron concretándose, a través del pliego peticionario del Consejo Nacional de Huelga (CNH), en seis puntos: 1. Libertad a los presos políticos; 2. Destitución de los generales Luis Cueto Ramírez, Raúl Mendiola, y del teniente coronel Armando Frías; 3. Extinción del Cuerpo de Granaderos, y no creación de cuerpos semejantes; 4. Derogación de los artículos 145 y 145 bis del Código Penal Federal; 5. Indemnización a las familias de los muertos y heridos; 6) Deslindamiento de responsabilidades de los actos de represión y vandalismo por parte de las autoridades a través de la policía, el cuerpo de granaderos y el ejército. Marchas y mítines fueron el centro del movimiento, mientras la respuesta del gobierno de Gustavo Díaz Ordaz (del Partido Revolucionario Institucional, PRI) fue la represión. Si bien no todos los estudiosos del tema están de acuerdo, muchos consideran que aunque el movimiento continuó hasta el 6 de diciembre de 1968 (disolución del CNH), su esplendor se vivió entre agosto y septiembre. Y casi todos concuerdan con la idea de que el 2 de octubre habría significado su fin, debido al notable descenso en la participación popular.11 Un final que dejaría marcada la memoria del proceso con "represión y sangre" (ALLIER MONTANO, 2009, p. 291-292).

libertades democráticas era lo que definió nuestro movimiento. Y teníamos la idea de que nuestro movimiento era tan fuerte que íbamos a sacar a los presos políticos de la cárcel, cosa que sí fue cierto años después. Pero ese movimiento me marcó la vida como a todos los que lo vivimos, porque fue reprimido por un gobierno terriblemente autoritario y, bueno, antidemocrático que no, en vez de reconocer el movimiento estudiantil y dialogar con este movimiento, lo que hizo fue reprimirlo. Y contar que tanques ocuparon la ciudad universitaria y nuestras escuelas. Es terrible cuando ves esto, me siento terrible cuando recuerdo los tanques en la ciudad universitaria (Entrevista nº 6).

Segundo Eli Bartra (2002), o surgimento do movimento feminista no México teve como antecedente direto o movimento de 1968. As mulheres, ao participar deste Movimento Social, percebiam sua condição de subalternidade, o que auxiliou a formar essa geração de uma maneira crítica e contestatária - características que estão presentes nas antropólogas feministas pioneiras. São elas que herdaram, deste momento de rebeldia juvenil, a abertura para o questionamento das normas estabelecidas e, conseqüentemente, a contestação da “condição da mulher na sociedade”.

El feminismo de los años setenta estuvo muy emparentado con la desobediencia civil, al igual que el movimiento estudiantil de 1968. Con suma frecuencia se ha dicho que el feminismo de la nueva ola tiene como antecedente directo al movimiento estudiantil del 68, así como al movimiento por los derechos civiles y el black power en Estados Unidos. Lo que resulta evidente es que las mujeres desempeñaron un papel secundario durante el movimiento estudiantil mexicano de 1968 y ese hecho fue un elemento que contribuyó al despertar de la conciencia de la inferioridad, de la subalternidad femenina. De manera directa la influencia se dio por el hecho de que quienes iniciaron el movimiento de liberación de la mujer, habían participado en el movimiento estudiantil o habían estado cerca de él y se percataron del papel de comparsas que desempeñaron. De manera indirecta, la influencia de todos los movimientos sociales mencionados se vio plasmada en la rebeldía de la juventud, en la desobediencia civil (BARTRA, 2002, p. 48).

Essas antropólogas se engajaram nos movimentos intelectuais do período em suas diferentes correntes, formando, através desses movimentos, um embasamento teórico a partir do marxismo. O *ideal socialista de sociedade*, o *pensamento marxista* e o *pensamento antropológico crítico ao indigenismo* permeiam, de forma mais ou menos

intensa, suas formas de fazer antropológico. Foi, então, a partir dessa bagagem teórica contestatória que começaram a incorporar as ideias feministas.

El feminismo que apareció en México en 1970 fue el resultado del agotamiento del modelo de desarrollo estabilizador, el cual respondió también a la ebullición de nuevas ideas en el seno de las elites intelectuales y de un crecimiento importante de la izquierda mexicana; además, fomentada y planeada como reacción a los sucesos de 1968, en el país se propició una apertura política democrática, que buscaba cooptar a la oposición y que favoreció la organización de sindicatos y movimientos sociales independientes del control oficial, organismos en los cuales las feministas intentaron incidir (LAU, 2002, p. 15).

Esse momento de intensa produção intelectual contestatória não ficou restrito aos Movimentos Sociais. No interior da antropologia, formou-se um grupo de pesquisadores engajados na construção de "uma nova antropologia". É nesse contexto que houve uma intensa crítica ao indigenismo mexicano, que se caracterizava por uma posição das antropólogas e do Estado Mexicano de tentar incorporar os povos indígenas na "sociedade mexicana". Desta forma, o viés crítico da antropologia procurou denunciar essa forma de fazer antropologia, para entender as populações indígenas como dotadas de particularidades que não deveriam ser tolhidas. Em seu lugar, deveria haver um respeito por sua diversidade cultural, linguística e social.

En un momento clave de la antropología mexicana en el cual se fincó su derrotero, conduciéndola a su actual amplitud temática: el del surgimiento de la llamada antropología crítica, protagonizada por un grupo de jóvenes especialistas que desarrollaron una fuerte posición crítica frente a la práctica dominante de la antropología hasta la década de 1970, calificándola de disciplina de Estado debido a su clara identificación con el indigenismo y por ser el sustento de la política estatal en materia de integración de la nación promovida desde los años anteriores a la revolución mexicana de 1910 (CASTAÑEDA, 2012, p. 05).

Um dos clássicos da antropologia mexicana deste período foi o livro *De eso que llaman antropología mexicana (1970)*, escrito por um grupo de intelectuais que ficaram conhecidos como *os sete magníficos*: Guillermo Bonfil, Arturo Warman, Margarita

Nolasco, Rodolfo Stavenhagen, Mercedes Olivera, Enrique Valencia e Ángel Palerm¹⁷. Foram eles que elaboraram uma crítica à antropologia que era realizada até então no México e que propôs novas formas de fazer antropologia, qual seja uma antropologia comprometida ou militante. Os *sete magníficos* são até hoje lembrados como grandes mestres da área, formando-se linhagens a partir de seus ensinamentos.

Nessa época, tem início uma nova fase do *movimento feminista* (ou *neofeminista* como colocado por Eli Bartra¹⁸) no México, que resultou da confluência de dois fatores: em primeiro lugar, pela produção de uma *consciência cidadã* a partir das demandas de democratização geradas pelo movimento estudantil de 1968 e, em segundo lugar, pela influência progressiva do feminismo estadunidense. As raízes, portanto, da antropologia feminista mexicana estão fincadas em movimentos críticos, dentro e fora da universidade (e também dentro e fora do México). A participação nesses movimentos trouxe para suas trajetórias um profundo engajamento com questões sociais, sendo que as questões feministas começaram a aparecer nesses locais onde estavam organizadas. Um dos elementos que foi central para a autodefinição enquanto *feminista* para essas antropólogas foi a participação em *grupos de autoconsciência*.

Os grupos de autoconsciência

É característica desse período a articulação das mulheres em pequenos *grupos de autoconsciência*, onde, coletivamente, discutiam sobre suas experiências cotidianas de

¹⁷ Por exemplo, em uma das entrevistas em que conversamos sobre a *Universidad Iberoamericana*, uma das características que se destaca dessa instituição é a sua vinculação à linhagem de Ángel Palerm. Ele foi o criador das linhas da antropologia social na referida universidade, de modo que, mesmo já sendo falecido, seu legado ainda é transmitido pelos professores que o sucederam (alguns com linhagens não apenas intelectuais, mas também de parentesco, como filhas, ex-esposas, etc).

¹⁸ Eli Bartra escreve que o neofeminismo se caracteriza pela nova onda que surgiu pela luta das mulheres por seus direitos, que ressurgiu na década de 1960 e princípios de 1970, em que continuam as reivindicações a favor dos direitos políticos e sociais das mulheres, com ênfase no direito ao voto, em continuidade às lutas que existiram no século XVIII e XIX e na primeira metade do XX. Mas o neofeminismo também avança uma rebelião por outros muitos direitos, como a luta pela conquista da liberdade sobre o próprio corpo, a despenalização do aborto, a reivindicação pela sexualidade feminina com formas de prazer próprias e específicas, um amplo manifesto contra os abusos sobre o corpo feminino (BARTRA, PONCELA; LAU, 2002).

marginalidade e opressão (SERRET, 2000). Os *grupos de autoconsciência* são formas organizativas, exclusivamente entre mulheres, sendo ferramenta importante do movimento feminista, utilizado em vários lugares do mundo. No caso mexicano, de um modo geral, eles eram compostos por mulheres da classe média, mais ou menos ilustradas, em que as ideias feministas chegavam através da via intelectual. Apesar de alguns desses grupos nascerem no seio dos movimentos de esquerda da época, era uma característica deles a *autonomia*, uma vez que elas se reuniam em *grupos não mistos*, onde a presença masculina não era permitida (BARTRA; PONCELA; LAU, 2002).

[...] hicimos un seminario en el Partido Comunista, entonces como no teníamos, las comunistas feministas estaban muy mayores, entonces lo hicimos autodidacta. **Bueno, en un breve tiempo, como sesenta mujeres comunistas de diferentes locales (enfermeras, estudiantes, trabajadoras diversas, sindicalistas) nos juntamos para eso. Y claro, todas muy sensibilizadas nos descubrimos el paraíso de las mujeres que era el feminismo** (Entrevista nº 6).

Entrevistada: No sé se tuvimos el primer grupo de autoconciencia, yo creo, en México o uno de los primeros grupos de autoconciencia. Nos reunimos cada semana [...]

Entrevistadora: ¿Y los grupos de autoconciencia que serían?

*Entrevistada: **Cómo los grupos de reflexión, como los que nacieron en los Estados Unidos. Teníamos el grupo, era básicamente gente que estaba estudiando en la universidad, la mayoría eran filósofas*** (Entrevista nº1).

*Entrevistada: Cuando llegué en la universidad, me descubrí radical, conocí el feminismo cuando tenía 18 años. Y era el mismo momento contra la guerra del Vietnã, contra, contra y contra. Contra el sexismo, contra la violencia. Sería en este momento. [...] **No era un colectivo, pero era un grupo de mujeres que andamos en la lucha, teníamos un grupo de estudios.***

*Entrevistadora: **¿Y era un grupo de estudios feminista?***

*Entrevistada: Sí, **pero también teníamos nuestros espacios autónomos.*** [...] como en 72/73 - También teníamos un grupo de estudios mixto, con hombres también. **Leíamos Firestone, Juliet Mitchel** en este grupo. Y teníamos nuestro grupo coordinado por alumnas de posgrado. Entonces en eso fue realmente cuando yo era *Womens Liberationist*, todavía no me definía como feminista, pero feminismo es un termo que yo me puse cuando estaba en el fin de la licenciatura. Yo me sentía marxista, humanista, socialista-humanista así me definía, y feminista. Fui corregida por un compañero de lucha que me llamó "no eres marxista leninista?", yo realmente no entendía lo que era marxista leninista cuando tienes 20 años. Pero, "si es eso, supongo que sí" [rizos] (Entrevista nº 15).

Jo Freeman, em seu texto clássico *A tirania dos grupos sem estrutura* (1970), aborda as características e os impasses da formação e continuidade desses grupos feministas. Para a autora, os grupos são muito eficazes para a discussão e conscientização das mulheres, pois são formas de organização que se voltam para o diálogo entre as participantes em relação às suas vidas pessoais, bem como as formas de liberação das mulheres. É o que pode ser percebido através das falas das antropólogas acima mencionadas, afirmando que uma parte fundamental desses grupos era a leitura de textos que faziam sentido para o grupo e que auxiliavam nesse processo de absorção dos ideais feministas. Além disso, por serem grupos pequenos, faziam com que pessoas próximas se reunissem para debater ideias feministas e, ao mesmo tempo, se sentissem confortáveis para elaborar questões sobre suas vidas pessoais. Os *grupos* se caracterizavam por certa homogeneidade, que pode ser percebida em relação às diferentes esferas de atuação em que eles eram criados, aproximando as mulheres por afinidades sociais, políticas e intelectuais.

Además como hicimos un grupo autodidacta cada una preparaba un tema. Buscábamos bibliografía, claro, siempre primero buscando ¿qué dijo Marx? ¿qué dijo Rosa Luxemburgo? O sea, siempre fuimos fieles a nuestros ideólogos (Entrevista nº 6).

Por exemplo, no trecho da entrevista acima, destacou-se a homogeneidade pela via teórica, a partir do referencial marxista. Já que as integrantes faziam parte de uma organização política de esquerda, suas leituras também estavam voltadas para o equilíbrio da crítica marxista com as "questões da mulher". Além disso, uma das antropólogas feministas sinalizou que, no *grupo de autoconsciência* que participava as integrantes eram todas universitárias e a formação na área de humanas (principalmente filosofia, ciências sociais, antropologia, sociologia) era um componente que as unificava. Ela conta que, por ser de outra área na época, era vista com alguma surpresa pelas demais participantes.

Esses grupos tiveram um papel fundamental para a formação dessas antropólogas enquanto feministas. Para elas, o contato com as ideias feministas ocorria no interior desses grupos políticos em que estavam inseridas¹⁹. Ao formar os pequenos *grupos de autoconsciência*, objetivavam debater a situação das mulheres, a liberdade sexual, o corpo, a desigualdade em relação aos homens e as violências sofridas pelas mulheres.

Abrigadas en el marxismo, se organizaron a partir de grupos de autoconciencia, similares a los de sus congéneres estadounidenses, esgrimieron el lema "lo personal es político" y se dispusieron a leer, a conocer y a analizar todo aquello que les concernía y les era cercano, como el cuestionamiento del sexismo y el androcentrismo en sus varias manifestaciones, presentes en el trabajo, la casa, la escuela y la vida cotidiana (LAU, 2002, p. 18).

Gostaria de pensar nos *grupos de autoconsciência* a partir dos conceitos de *liminaridade* e *communitas* abordados por Victor Turner, em seu livro *O processo ritual* (1974). Segundo o autor, o conceito de liminaridade corresponde a um momento dos rituais em que os indivíduos estariam à margem, no meio do processo de transformação de um *status* a outro. Eles estariam sem uma posição social determinada. No caso das antropólogas feministas, a passagem pelos *grupos de autoconsciência* marca uma transformação identitária, seu *status* é modificado com a participação nesta organização. A identidade feminista é incorporada depois da participação nestes grupos, que representa uma alteração de seu *status*.

Ademais, é através do conceito de *liminaridade* que Turner trata o conceito de *communitas*. A partir desse processo de *liminaridade*, em que os indivíduos participantes formariam um grupo sem hierarquia, não estruturado e livre de *status* entre eles, ou seja, *communitas* seria uma anti-estrutura. Parece que a descrição de *communitas* pode ser utilizada para a compreensão dos *grupos de autoconsciência*, uma vez que estão presentes as características para a sua definição. No momento em que integram essas

¹⁹“La mayor parte de estas incipientes militantes feministas provenían de una cultura de izquierda –que en México tenía una vinculación muy estrecha con los partidos, en la época básicamente el PC [Partido Comunista] y el PRT[Partido Revolucionario dos Trabalhadores]” (SERRET, 2000, p. 47).

organizações, as mulheres estão em um mesmo *status* social, se organizando de maneira não estruturada, de forma horizontal e dialógica (TURNER, 1974).

Os *grupos de autoconsciência* possuem a característica de serem anti-estrutura, na medida em que não apenas são organizados de maneira horizontal entre suas participantes, como são contra a criação de estruturas em seu interior. A ausência de hierarquias entre as sujeitas é um elemento que perpassa essas organizações, ainda que, dentro do *grupo*, possam existir formas estruturais informais, existe uma contrariedade na formulação de estruturas como contraponto às demais organizações que faziam parte. Aliás, cabe lembrar que esses grupos são transitórios, se constituíram em um determinado momento e se encerraram depois de certo período, sendo, inclusive, esses elementos que fazem parte da crítica elaborada por Jo Freeman, em relação a sua característica anti-estrutural e transitória, uma vez que cumprem seu papel na vida dessas mulheres, se encerram (FREEMAN, 1970).

Como se faz perceptível a característica transformadora destes *grupos de autoconsciência*, para algumas antropólogas, a integração nestes espaços foi adiada ou retardada. Isto porque uma das dificuldades em adentrar ao movimento feminista foi a sensação de que dividiria a classe trabalhadora. E digo sensação porque, conjugado a acusações de pessoas das organizações políticas que compunham, as próprias intelectuais introjetavam esse pensamento sobre a divisão de classe. Assim, se colocavam a questão de *dupla militância*, isto é, participavam do movimento feminista e, ao mesmo tempo, de algum partido político ou sindicato (LAU, 2002). A *dupla militância* e os problemas que dela advém não são exclusividade do contexto mexicano. De fato, em diferentes movimentos, tratar sobre as *questões identitárias* gerava (e ainda gera) conflitos²⁰.

²⁰ No segundo semestre de 2010, na disciplina de mestrado de Antropologia Feminista, da Universidade Federal de Santa Catarina, ao discutirmos sobre o feminismo no interior de movimentos indígenas, essa questão ressurgiu, em relatos de acusações por parte de integrantes do movimento indígena em relação às feministas de estarem dividindo a luta ao tratar das questões específicas das mulheres indígenas. Sinalizando uma atualização dessa questão em um Movimento Social contemporâneo. Da mesma forma que muitas militantes que trabalham com questões identitárias (de gênero, raça, sexualidade) relatam essa acusação recorrente. Além disso, cabe destacar que, para feministas brasileiras, a questão da *dupla militância* não é uma novidade, uma vez que faz parte tanto das práticas quanto das teorias do feminismo brasileiro.

Y bueno, yo tenía amigas que ahí descubrí que eran feministas, y me invitaron a sus reuniones, y yo les decía “no”, porque yo era comunista, militante comunista, “no porque eso divide la clase obrera” y todo lo que decía los arcaicos. Y me defendí como un año de mis amigas feministas, y además estuve en el año internacional de la mujer en México. Y a mi me parecía que todo eso era demasiado oficialista, entonces no alcanzaba yo. Aunque sí me impactaban cosas que yo conocía, como la presión de género, esas cosas yo veía y era capaz de hacer por la justicia, pero no entendía que eso era feminismo (Entrevista nº6).

Nesse momento, a solução para essa sensação de traição ou divisão da luta se deu pela produção intelectual de feministas marxistas, tais como Rosa Luxemburgo e Alexandra Kollontai. E, nesse ponto, ligaram-se à corrente do feminismo marxista, que influenciou o pensamento de feministas mexicanas.

A vertente socialista, uma perspectiva fomentada por mulheres operárias, vinculadas à III Internacional socialista, cujos expoentes mais conhecidos são Rosa Luxemburgo, Clara Zetkin, Alexandra Kollontai, tem como foco demandas de mulheres agrárias, trabalhadoras das indústrias que surgiram no século XIX. Esta corrente virá a ser a base de teorias marxistas que tem como foco a desigualdade de gênero no campo do trabalho [...] (GROSSI; BONETTI, 2018, p. 11).

Nesse sentido, essa perspectiva feminista conjugou as teorias socialistas com os pressupostos feministas, contribuindo para que o grupo formado no interior de um partido político marxista pudesse beber dessa fonte sem abandonar as correntes de pensamento que já estavam vinculadas. Ao amenizar o conflito sobre *dupla militância* com o tempo o sentimento de divisão acaba se perdendo. A questão torna-se, como indica a entrevistada, um elemento de acusação dos “arcaicos” que ainda veem nessa luta uma divisão de classe.

Portanto, a autodefinição enquanto “feminista”, para essas antropólogas, ocorre em um momento histórico de eclosão do movimento feminista no México, através dos *grupos de autoconsciência*, que operam uma mudança identitária para essas antropólogas. Ao encerrar o processo ritual de participação nos *grupos*, as antropólogas passam a se autodenominar feministas e, com isso, modificam as suas práticas.

Os galhos no movimento feminista urbano

Para essas antropólogas, a entrada no feminismo foi permeada por um engajamento em questões sociais, através de Movimentos Sociais, de partidos políticos ou da antropologia crítica. Sendo assim, após essa definição, as antropólogas continuam vinculadas a estes Movimentos Sociais e passam a construir os movimentos feministas no México. Primeiro, tratarei sobre seu envolvimento com os movimentos feministas da Cidade do México e, posteriormente, com os movimentos de mulheres indígenas.

Entre os anos de 1970 e 1976, se constituíram organizações de luta pelos direitos das mulheres, tais como: *Mujeres en Acción Solidaria* (MAS, 1971), *Movimiento Nacional de Mujeres* (MNM, 1973), *Movimiento de Liberación de la Mujer* (MLM, 1974), *Colectivo La Revuelta* (1975) e o *Movimiento Feminista Mexicano* (MFM, 1976) (LAU, 2002). Além disso, no ano de 1975, foi realizada a Conferência do Ano Internacional da Mulher, organizada pelas Nações Unidas, que foi uma influência internacional importante para o desenvolvimento do movimento no país e se colocou como um marco histórico dessa luta. Muitas dessas organizações participaram da referida conferência ou se organizaram a partir dela. Por isso, sem dúvida, o evento influenciou o movimento feminista mexicano, ainda que trouxesse diferentes visões e críticas sobre a sua forma e o que ela representava.

Ademais, no transcorrer das décadas de 1970, 1980 e 1990, foram criadas algumas organizações feministas, que tinham como instrumento principal os periódicos de divulgação das ideias feministas. São elas: (a) O *Colectivo La revuelta*, que formou o periódico *La revuelta*, em 1975; (b) a revista *Fem*, em 1976; (c) *CIHUAT*, em 1977, (d) *La boletina*, em 1982; e (e) *La Correa Feminista*, em 1993²¹.

Para refletir sobre o engajamento das antropólogas com essas organizações, trago o exemplo do *Colectivo La Revuelta*, que foi um dos primeiros grupos feministas do

²¹ Para saber mais sobre esses periódicos e acessar as suas edições ver página: <https://archivos-feministas.cieg.unam.mx/index.html>.

México e que contou com a participação de uma das antropólogas entrevistadas. O *Colectivo La Revuelta*, criado no ano de 1975, foi proposto por um grupo de jovens feministas (sendo, ao todo, oito fundadoras²²) e tinha como finalidade gerar uma consciência social sobre a situação das mulheres no capitalismo. Para atingir este objetivo, formaram o periódico *La Revuelta*, como forma de divulgação e circulação de suas ideias, que contou com nove edições. O coletivo tinha como princípio a horizontalidade entre as integrantes e, por isso, os trabalhos eram sempre assinados de forma coletiva (apenas dois tiveram autoria individual)²³ (HUERTA, 2017).

M: En finales de 77/78, conocí el grupo La revuelta, que se consideraba un feminismo radical. Producía un periódico, yo participé de la producción de dos, pero no más, y llegué con ellas a través de otra antropóloga que estaba estudiando aquí, una italiana, Cristina - y nos hicimos amigas. Entonces, La revuelta fue mi primer encuentro con el feminismo. Eran muy radicales, pero también tenían personas cuidando de las casas, cuidando los niños. Era un contraste con las ideas de comunas, no era una división de quién limpiaba los baños, o quién cocina. Era lo natural, lo normal. Entonces la idea de tener como una comuna pero que tienes una trabajadora del hogar (Entrevista nº15).

Através da narrativa desta antropóloga, podemos perceber que tais movimentos também continham um recorte de classe e raça específico²⁴, mediante a sinalização de que as tarefas referentes ao cuidado da casa e dos filhos eram resolvidas através da contratação de empregadas domésticas. Assim, os trabalhos que são culturalmente

²² Eram elas: Eli Bartra, María Brumm, Chela Cervantes, Bea Faith, Lucero González, Dominique Guillemet, Berta Hiriart e Ángeles Necochea (HUERTA, 2017).

²³ “Un fragmento del ensayo de Emma Goldman titulado “Matrimonio y amor”, y un relato de Melba Hernández sobre los preparativos al Asalto del Cuartel Moncada titulado “Notas acerca de la creatividad y las mujeres”” (HUERTA, 2017, p. 02).

²⁴ Além do recorte de classe, visto que não são todas as camadas nas quais é possível pagar uma empregada doméstica, no contexto mexicano também há uma interseção com raça ou etnia, uma vez que o posto de empregada doméstica, em sua maioria, é ocupado por mulheres indígenas – muitas delas migrantes de comunidades rurais, que encontram nas residências seus empregos e que, por muito tempo, também permaneceram nessas casas como seus locais de residência. Por fim, ainda sobre esse tema, é importante destacar que a legislação específica para empregadas domésticas, com os mínimos direitos trabalhistas básicos, apenas foi aprovada no ano de 2019, sendo um conquista realmente recente para essas mulheres.

atribuídos às mulheres não entravam diretamente na pauta para essas feministas, uma vez que se resolviam através de elementos externos ao casal²⁵.

*[...] también conocí por otra amiga las mujeres del **Movimiento Nacional de Mujeres, que eran como más lo que llamábamos "las reformistas". Que también eran ligeramente mayor que nosotras, eran mujeres profesionistas, que tenían muy presente la desigualdad de género, la mayoría divorciada y muy enojada con todo eso con la desigualdad que habían vivido** (Entrevista nº 15).*

Se o *Colectivo La Revuelta* era reconhecido como radical, esse adjetivo fazia contraponto ao *Movimiento Nacional de Mujeres* (MNM) e ao *Movimiento de Liberación de la Mujer* (MLM), que eram tidos como reformistas. Essas organizações contam com marcadores identitários de idade e conjugalidade, como abordado pela antropóloga. O fato de serem divorciadas produz elementos para pensar como as lutas feministas são compostas através das demandas subjetivas de suas participantes. Além disso, a narrativa da entrevistada aponta para a formação dos movimentos feministas de modo plural, uma vez que se faz presente o conflito e a oposição entre diferentes vertentes do feminismo.

Além desses Movimentos Sociais organizados, também foram criadas organizações que tinham a intenção de atuar, de forma prática e direta, na luta pelos direitos das mulheres, quais sejam: o *Centro de Apoyo a Mujeres Violadas* (CAMVAC) e o *Colectivo de Ayuda a la Empleada Doméstica* (CASED). Esses dois órgãos foram criados com a participação de uma das antropólogas entrevistadas, que ressaltou o caráter ativista das organizações, que se mantinham basicamente com recursos de suas integrantes. Ademais, a antropóloga relembra, saudosamente, o seu início como uma organização não hierárquica e horizontal.

*Entrevistada: Entonces me quedé en este grupo, mientras hacía la tesis. **Y fue como rentamos un local (cosa de 20 mujeres) y organizamos un Centro de Apoyo para Mujeres Violadas. Y fue también cuando fundamos el Colectivo de Acción Solidaria a Empleadas Domésticas. Eso***

²⁵ E aqui se assemelha um pouco com o contexto brasileiro, uma vez que é realmente comum que famílias da classe média e classe alta mexicana tenham empregadas domésticas em suas residências. Penso que poderia ser feito um paralelo com o início do feminismo brasileiro e o privilégio de classe e raça que aqui também tiveram nossas precursoras.

fue como las dos vertientes. Hubo acompañamiento de nosotras, una línea telefónica.

Entrevistadora: ¿Cómo era el nombre?

Entrevistada: Colectivo de Acción Solidaria con Empleadas Domésticas.

Entrevistadora: ¿El otro era junto?

Entrevistada: Era el mismo espacio, pero algunas hacíamos las dos cosas. Fue CAMV, esto era una sociedad civil. Ahí había una línea telefónica, por donde llamaban, un proceso de acompañamiento, alguien iba a los ministerios públicos para acompañar la denuncia. Y había dos compañeras que eran psicólogas, ni recuerdo como se llamaba este grupo de psicólogas, pero eran también feministas. Y esas daban apoyo psicológico a las mujeres que habían sido víctimas de violación. Entonces, fue un momento que el Estado no nos interesaba nada, ni nosotras queríamos relaciones con el Estado (Entrevista nº15).

A atuação se dava a partir do acolhimento de mulheres, com o apoio de feministas de diferentes áreas para o assessoramento²⁶. Se num primeiro momento os grupos se formavam em confronto com o Estado (a partir da lacuna que existia em razão da inexistência de políticas públicas nesse sentido), posteriormente, foram ganhando um caráter institucionalizado. E seguem a tendência de institucionalização do movimento feminista. Neste caso, como organização da sociedade civil, mas que indica uma tendência de ONGização das lutas feministas na Cidade do México.

Una de las participantes del grupo fue Lozano, una feminista que después fue una de las fundadoras del CIDAL, fue una de las figuras muy importantes, que fue uno de los primeros centros de mujeres del país. Y ella había trabajado en torno a la violencia contra las mujeres cuando ella hizo su doctorado en psicología en los Estados Unidos, entonces nos capacitó a todas, pero también hay casos y casos. Y con el Colectivo de Acción Solidaria hicimos con el método de Paulo Freire, y fue muy lindo, porque parte del grupo eran cinco hermanas (hermanas biológicas), y eran como muy metidas en la teoría de la liberación, entonces serían las precursoras de Católicas por el Derecho de Decidir. Entonces, se formaron grupos de trabajadoras que después algunos fueron para Juventud de Obreras Católicas y otras, partes dessa red llevaron a la creación del Colectivo Acabal, que fue un grupo de apoyadoras de trabajadoras del hogar, y hasta algunas participaron del centro de apoyo y capacitación

²⁶ Utilizo aqui a palavra assessoramento pois nesta entrevista a interlocutora destaca que a intenção de suas participantes não era de assistencialismo com as outras mulheres, ou seja, buscavam que a forma de se relacionar com outras mulheres não tivesse o componente paternalista. E aqui relembro de uma discussão que segue sendo realizada em grupos extensionistas universitários sobre “assistência x assessoria”, a qual tem uma vertente teórica muito similar ao descrito pela antropóloga em questão.

de trabajadoras del hogar. Esa fue siempre mi militancia, nunca lo dejé. Y estaba en un grupo feminista. (Entrevista nº15)

Entonces eso desarrollar pues una metodología nueva de trabajo con las campesinas no? Yo me sentía muy contenta trabajando con ellas, muy bien, y desarrollamos talleres, no eran talleres de inducción, más bien yo las decía a mis compañeras "es como poner un espejo a las compañeras, para que ellas se vean como ellas están viviendo y que pueden vivir de otra manera, y reflexionen y trabajen eso". Entonces fuimos desarrollando toda esa metodología, todo eso trabajo.

G: ¿Y cómo era esta metodología?

M: Pues era la misma técnica del taller pero mucho más enriquecida, con todo el planteamiento de la educación popular, que tu debes conocer muy bien. Y pues con mucho respeto para las mujeres, mucho cuidado para tratar de trabajar desde sus propios idiomas y sus propias concepciones, esto era lo fundamental. Y bueno, creo que tuvimos buenos resultados por lo menos con las organizaciones guatemaltecas (Entrevista nº 13).

Não poderia deixar de destacar a utilização de metodologias de educação popular²⁷, aqui referenciada através de Paulo Freire. E assim gostaria de pensar sobre como o movimento feminista também investe na criação e na ação, através de metodologias alternativas. Os ensinamentos de Paulo Freire são incorporados em práticas de diferentes organizações feministas, que se traduzem em um diálogo que se faz teoricamente, a partir, por exemplo, de bell hooks, em seu livro *Ensinando a transgredir* (2017).

Ressalto o engajamento de antropólogas feministas na criação e participação dessas organizações feministas que marcam o período de início e expansão do feminismo mexicano. É uma esfera importante de atuação que se alia aos trabalhos que exercem enquanto acadêmicas – por meio de suas pesquisas e teorias. Sinalizo que, mesmo que algumas das antropólogas feministas que aparecem como referências do movimento feminista mexicano não tenham colaborado diretamente em minha pesquisa, ainda assim

²⁷ As metodologias de educação popular com inspiração freiriana são utilizadas por diferentes Movimentos Sociais brasileiros com os quais tive contato. Essas metodologias aparecem em algumas narrativas das antropólogas, assim como em algumas atividades acadêmicas que participei durante meu campo. Tenho uma hipótese de que é uma metodologia que circula entre os Movimentos Sociais mexicanos, em particular em seus movimentos feministas, talvez por isso a influência para as antropólogas que as utilizam em suas práticas universitárias.

fazem parte desse setor da antropologia feminista mexicana, que tem como marca a luta urbana pelas questões feministas.

Sem dúvida, as antropólogas feministas pioneiras tiveram um papel fundamental na abertura desse campo dentro da academia. Nesse quesito, considero importante mencionar a criação da Revista *fem*, fundada em outubro de 1976, que trouxe uma possibilidade de divulgação teórica da produção intelectual das feministas²⁸ e, por conseguinte, das antropólogas feministas.

Por otra parte, el movimiento comenzó a ser ampliamente retroalimentado por la presencia creciente del feminismo en instituciones de educación superior, desde donde se **empezó a generar un mayor reconocimiento hacia la problemática de la subordinación de género**, pero, sobre todo, se fueron creando espacios de discusión, definición y producción teórica que habrían de revelarse indispensables para reconfigurar las propias metas trazadas (SERRET, 2000, p. 49).

A produção de um conhecimento antropológico socialmente relevante ocorre em diálogo com os Movimentos Sociais urbanos, buscando traduzir demandas políticas em produtos científicos que os embasam. Em um primeiro momento, essa produção ocorre de maneira individual pelas precursoras da antropologia feminista, mas vai sendo proliferada no decorrer dos anos. Pesquisas que tinham como tema a violência de gênero, as questões reprodutivas, a maternidade, o aborto, o acesso das mulheres ao poder, as opressões sofridas por diferentes grupos, etc.

Um desses temas, que é internacional para o movimento feminista, é a questão da violência²⁹. Essas pesquisas sobre violência, que ganham força dentro do feminismo

²⁸ Não poderei me aprofundar no tema das publicações, mas aparecem em algumas entrevistas os entraves encontrados por elas quando começam a produzir teoria feminista a partir da antropologia. Para ilustrar, trago o caso de uma das antropólogas entrevistadas que encaminhou seu trabalho sobre as opressões sofridas por mulheres indígenas para uma revista antropológica mexicana, sendo inicialmente negada a sua publicação, por entenderem que “não se tratava de um trabalho antropológico”, uma vez que as bases teóricas feministas não eram compreendidas como válidas para a explicação das questões indígenas. O trabalho só passa a ser publicado após recursos e embates empreendidos por essa antropóloga para a sua publicação. Deste modo, a criação de revistas próprias para a publicação de conteúdo com perspectiva feminista é um instrumento imprescindível para o avanço do feminismo no âmbito acadêmico.

²⁹ Aquí o relato de uma das entrevistadas sobre a “escolha” de temas de pesquisa: “Y claro, el punto de confluencia, puede decir entre ellas y nosotras, aunque no son categorías muy claras, es la evidencia de la violencia. Ese es un tema en el que sin querer ha tenido que trabajar. Digo que sin querer porque realmente

mexicano, contribuem para a formulação de políticas públicas. Uma das principais produções teóricas que contribuiram para a elaboração dessas políticas foi a investigação diagnóstica sobre feminicídio no México. As antropólogas feministas, neste sentido, têm um papel importante na produção de conhecimento, que se transforma em bases para a reivindicação e formulação de legislações específicas para as mulheres.

A *Ley General de Acceso de las Mujeres a una Vida Libre de Violencia* (publicada em 1 de fevereiro de 2007) é um exemplo dessa confluência entre trabalho acadêmico e militância. Quando uma das antropólogas feministas é eleita deputada federal, sua atuação dentro do congresso se volta para a aprovação da única legislação nacional com perspectiva de gênero no México. E essa lei é formulada a partir do engajamento de acadêmicas através da instrumentalização de seus conhecimentos.

Entrevistada: *Y ahí yo fui porque ya estaba muy involucrada como feminista, como antropóloga, con lo que yo llamé el feminicidio, en Ciudad Juárez particularmente.*

Entrevistadora: *¿Fue en esta época que pasó la ley del feminicidio?*

Entrevistadora: ***Pasó, nosotras hicimos.** Imaginate, si no tienes diputados no haces nada. Buenos, entonces decidí que sí iba, porque necesitábamos legislar, entonces yo fui muy apoyada por el movimiento feminista. Nunca tuve una contrariedad. Pero, también por el PRD, que me apoyó en todo. Todo el grupo parlamentar. Para mí la experiencia parlamentar fue un lujo, fue maravilloso, me di cuenta que no podríamos aprobar sólo el delito, y sólo la sanción, porque no queríamos hacer una política punitiva, necesitamos hacer una política feminista para lograr erradicar la violencia contra las mujeres, violencia feminicida. Entonces, hicimos una gran investigación, porque se hablaba de cifras en Juárez, y yo para empezar les dije que "no es sólo Juárez, feminicidio hay en todo el país". "Nooo, no exageres". "Sí, sí, exagero, no puede ser que en un país tan tan patriarcal sólo haya feminicidio en un municipio, en la frontera, no puede ser". Pero yo me comprometo, y entonces solicité en la Cámara un presupuesto oficial para investigar el feminicidio rápidamente, ¡rápidamente estaba en la Cámara! Imaginate que te pagan para hacer la más importante investigación que se haya hecho hasta ahora sobre la violencia feminicida en México. Y hicimos eso, esos libros rojos acostados, esos son parte de los*

me encantaría que no tendríamos que trabajar más en violencia. Pero es un tema ineludible, no es que tu lo escollas, es que en las condiciones que estamos la profunda transformación que sufrió la sociedad mexicana en los últimos veinte años, en que el nivel de la violencia es inaudito, no puedes cerrar los ojos. Y yo siempre ha dicho que yo quiero estudiar el vuelo de las mariposas, pero no se puede, no se puede porque esta es otra parte fundamental del hacer académico militante activista, todo junto." (Entrevista nº 9).

resultados de la investigación que entregamos a la Cámara. Entregamos a la Cámara y nos sirvieron para fundamentar la ley. Entonces hicimos la ley general de acceso de las mujeres a una vida libre de violencia. (Entrevista nº6)

*Entrevistada: Que buena la década de 2000 cuando ella fue diputada, presidenta de la comisión de feminicidio, seguramente te habló al respecto, **organizó la investigación diagnóstica sobre violencia feminicida en la república mexicana, y nos invitó a varias colegas a participar, hacer parte del comité científico de la investigación** (Entrevista nº 9).*

Deste modo, uma antropóloga feminista que conseguiu chegar ao posto de deputada federal se comprometeu com a formulação de uma legislação específica para as mulheres, tendo como suporte o movimento feminista mexicano, do qual ela também fazia parte e auxiliou em sua construção. Com a expansão do feminismo mexicano, ao longo das décadas, as mulheres conseguem acessar espaços de poder que produzem a mudança (lenta) das normas jurídicas, sendo uma característica do movimento feminista, internacionalmente, o acesso paulatino ao poder legislativo e, com isso, a produção de leis. Isso também ocorreu no Brasil, com a formulação da Lei Maria da Penha (Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006). Contudo, sinalizo que, no caso mexicano, essa demanda é atendida através do acesso de uma antropóloga feminista ao cargo de deputada federal, enquanto, no Brasil, a legislação é proposta através do poder executivo.

Porém, o que quero evidenciar com essa legislação não é a característica de institucionalização crescente do movimento feminista, mas o engajamento das antropólogas feministas para a sua realização. Conseguir uma cadeira no parlamento fez com que fosse possível a realização de uma investigação diagnóstica sobre o feminicídio em todo o território nacional mexicano. Deste modo, promoveu a articulação de várias colegas antropólogas para transformação da sociedade, através de seu trabalho enquanto acadêmicas.

Ademais, se mostra como a articulação de duas esferas de poder dentro da sociedade: o poder político institucional e o poder científico. Sobre este, tratarei no capítulo seguinte, mostrando que alçar os estudos feministas ao posto científico contribui para a formulação de alternativas legislativas.

Deste modo, tentei demonstrar, nesta seção, como as antropólogas feministas mexicanas estiveram vinculadas aos movimentos feministas urbanos. Contribuíram com a criação de organizações sociais, de ONGs, com a criação de legislações em várias esferas – municipal, regional e nacional. Esse engajamento representa uma característica importante do grupo estudado: a convicção de que o conhecimento produzido seja socialmente relevante para a transformação da sociedade.

Todavia, esse engajamento não se restringe aos movimentos urbanos, ele também se dá junto aos movimentos rurais e, nestes, particularmente, com o movimento de mulheres indígenas, que analiso no próximo item.

Os galhos no Movimento de Mulheres Indígenas

Passo a pensar sobre a relação entre antropólogas feministas e os movimentos de mulheres indígenas. Sinalizo que a pesquisa com as questões indígenas sempre foi um tema extremamente forte dentro da antropologia mexicana³⁰ e que a pesquisa com mulheres indígenas é um tema recorrente para a antropologia feminista atualmente. Houve antropólogas pioneiras na discussão sobre mulheres indígenas, inclusive dentro dos *sete magníficos* e da antropologia crítica. Contudo, é no transcorrer dos anos 1990 que este passa a ser um tema mais enfaticamente discutido, sobretudo pensando-o a partir da antropologia feminista. Para exemplificar a dimensão desse tema na antropologia feminista mexicana, indico que oito das quinze entrevistadas trabalham com o tema de mulheres indígenas, ou seja, mais de 50% das interlocutoras.

Para tanto, gostaria de trazer uma reflexão sobre como esse movimento influenciou algumas das antropólogas a se tornarem feministas. Alerto que não tenho as condições de me aprofundar e escrever sobre o que é o movimento indígena mexicano, ou ainda, sobre todas as nuances e a importância que a questão étnica tem no México.

³⁰ Lembro que a antropologia mexicana é formada pelas áreas de antropologia física, antropologia social, arqueologia, etnologia, etnohistoria e lingüística.

Apesar disso, procuro trazer um panorama e alguns elementos para este debate, principalmente a partir do meu trabalho de campo.

Para falar sobre o feminismo indígena, é imprescindível conhecer o levante Zapatista, de 1994, que foi um marco muito importante para o movimento indígena no México e que se tornou uma referência nacional e internacional³¹. Esse levante histórico irrompeu no Sul do México, na cidade de San Cristóbal de Las Casas, no estado de Chiapas, em que o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) toma os principais órgãos municipais da cidade e declara a inconformidade com o Estado Mexicano e sua política genocida. Convoca, então, a população para lutar por demandas que nunca foram satisfeitas: trabalho, terra, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz (EZLN, 1993). Juntamente com a declaração de guerra emitida pelo EZLN, foram apresentadas as Leis Revolucionárias, que representam os princípios e os horizontes desse movimento³². Dentre elas, estava a *Ley Revolucionaria de Mujeres*, que possui reivindicações específicas para as mulheres indígenas em relação aos objetivos que eles traçavam para outra sociedade possível³³.

³¹ Eu conheci o Zapatismo em um grupo de extensão universitária que trabalhava na Vila Chocolate, de Porto Alegre, que havia sofrido remoção do centro da cidade para a periferia. Seu núcleo, que se chamava Grupo de Assessoria Justiça Popular (GAJUP), era composto por estudantes de direito. Para saber mais acesse: <http://viladochocolatao.blogspot.com/>.

³² O EZLN e seus princípios continuam inspirando, de certo modo, a esquerda mexicana. Pensando que o movimento zapatista também não é algo estático e foi se reinventando, ao longo dos anos, assim como se constitui como um campo de interesse acadêmico. No trabalho de campo, apareceu, de muitas formas, a influência. Por exemplo, algumas antropólogas pioneiras me contaram sobre os trabalhos que fizeram com esse movimento, ou ainda, situações de contato com o Zapatismo e o diálogo com o Comandante Marcos (personalidade importante para o EZLN).

³³ “En su justa lucha por la liberación de nuestro pueblo, el EZLN incorpora a las mujeres en la lucha revolucionaria sin importar su raza, credo, color o filiación política, con el único requisito de hacer suyas las demandas del pueblo explotado y su compromiso a cumplir y hacer cumplir las leyes y reglamentos de la revolución. Además, tomando en cuenta la situación de la mujer trabajadora en México, se incorporan sus justas demandas de igualdad y justicia en la siguiente LEY REVOLUCIONARIA DE MUJERES:

Primero.- Las mujeres, sin importar su raza, credo, color o filiación política, tienen derecho a participar en la lucha revolucionaria en el lugar y grado que su voluntad y capacidad determinen.

Segundo.- Las mujeres tienen derecho a trabajar y recibir un salario justo.

Tercero.- Las mujeres tienen derecho a decidir el número de hijos que pueden tener y cuidar.

Cuarto.- Las mujeres tienen derecho a participar en los asuntos de la comunidad y tener cargo si son elegidas libre y democráticamente.

Quinto.- Las mujeres y sus hijos tienen derecho a ATENCION PRIMARIA en su salud y alimentación.

Sexto.- Las mujeres tienen derecho a la educación.

Séptimo.- Las mujeres tienen derecho a elegir su pareja y a no ser obligadas por la fuerza a contraer matrimonio.

Apesar de ser uma data que sinaliza esse início, o discurso feminista foi sendo gestado nos anos anteriores pelo diálogo entre mulheres indígenas e mulheres camponesas³⁴. Segundo Gisela Espinosa Damián (2009), a corrente do *feminismo popular*³⁵, que se forma entre mulheres camponesas, nas décadas anteriores, foi uma influência importante para que, com o levante zapatista, as questões específicas das mulheres indígenas se fizessem presentes. A autora argumenta que muitos núcleos de mulheres, que nos anos 1990 se afirmaram como indígenas, antes formavam parte de organizações rurais mistas da esquerda social. Foi no interior dessas organizações camponesas que as mulheres começaram a problematizar seus problemas específicos e a construir um diálogo com o movimento feminista, dialogando com suas ideias a partir de suas experiências particulares e formulando novas *teorias feministas*.

O levante zapatista trouxe um impulso para as discussões sobre a opressão das mulheres indígenas, que foram sendo fomentadas, cada vez mais, ao longo das últimas décadas no país. Muitos encontros e articulações ocorreram, desde então, entre mulheres indígenas a nível nacional e internacional³⁶. Nem todas elas, evidentemente, se colocam como feministas. Essas articulações ganharam força e dinamismo e alcançaram uma projeção nacional e internacional de modo vertiginoso. “Las identidades étnicas de las mujeres ocuparon el primer plano como nunca antes había visto” (DAMIÁN, 2009, p. 12).

Octavo.- Ninguna mujer podrá ser golpeada o maltratada físicamente ni por familiares ni por extraños. Los delitos de intento de violación o violación serán castigados severamente.

Noveno.- Las mujeres podrán ocupar cargos de dirección en la organización y tener grados militares en las fuerzas armadas revolucionarias.

Décimo.- Las mujeres tendrán todos los derechos y obligaciones que señala las leyes y reglamentos revolucionarios” (ELZN, 1993).

³⁴ Aqui gostaria de destacar que a questão camponesa e étnica no México não são duas dimensões com fronteiras muito definidas, uma vez que, antes da década de 1990, nos movimentos organizados do campo, a pauta se dava em torno do conceito de classe, mas que depois, foi sendo incorporado o componente étnico. Isso quer dizer que muitas camponesas passaram a reivindicar a sua identidade étnica, incorporando essa característica para pensar suas situações, de modo que não são exatamente duas vertentes totalmente distintas, entendo como movimentos que se interseccionam em muitos momentos, o que não quer dizer que sejam idênticos.

³⁵ Utilizo o conceito de feminismo popular descrito por Espinosa Damián (2009), quando teoriza sobre quatro correntes do feminismo mexicano: feminismo histórico, feminismo civil, feminismo popular e feminismo indígena.

³⁶ No ano de 2019, foi realizado o *Segundo Encuentro Internacional De Mujeres Que Luchan*, organizado pelas mulheres zapatistas, para saber mais acesse: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2019/12/27/palabras-de-las-mujeres-zapatistas-en-la-inauguracion-del-segundo-encuentro-internacional-de-mujeres-que-luchan/>.

Entre 1994 y el momento actual ha habido infinidad de reuniones y discusiones donde las indígenas han abordado temas como: usos y costumbres, autonomía, derechos de las mujeres, empoderamiento, derechos reproductivos, derechos de los pueblos indios, equidad de género en las que no sólo crece el número sino la red organizativa y el discurso (DAMIÁN, 2009, p. 20).

Com isso, ficou evidente a pobre resposta que o feminismo mexicano tinha para as indígenas, demonstrando a ausência destas com sua dupla problemática: gênero e pertencimento étnico (LAU, 2002). Se dentro dos movimentos feministas as questões étnicas pouco apareciam, nos anos posteriores ao referido levante, as mulheres indígenas passaram a se organizar e reivindicar-se como feministas, formando um movimento de mulheres indígenas que passa a influenciar as antropólogas que trabalham com elas.

Para responder a pergunta de “*quando me tornei feminista?*” algumas antropólogas enfatizam a emergência do *feminismo indígena*³⁷ como ponto crucial para suas declarações enquanto feministas. A sua entrada no feminismo, deste modo, se dá através do contato com os movimentos de mulheres indígenas. Essas intelectuais têm como elemento agregador a virada teórica e política que ocorre no movimento feminista e que é imprescindível para este reconhecimento. Importante, ainda, destacar que dentro dessa categoria, algumas se identificam especificamente como indígenas, enquanto outras acionam sua etnicidade a partir das linhagens de parentesco com seus ancestrais.

Para essas antropólogas feministas, o que as caracteriza é (a) o trabalho com temas de mulheres indígenas e rurais; (b) a ausência de identificação enquanto feminista no início de suas trajetórias; (c) a provocação do campo para a autodefinição. Isso tudo inserido em um contexto de ascensão do movimento feminista indígena, trazendo novas agendas e referências teóricas para o feminismo mexicano.

São antropólogas com mais de quarenta anos, no momento da minha pesquisa, e que iniciaram sua formação durante a década de 1980. Suas investigações sobre mulheres indígenas, particularmente em relação ao espaço rural, não tinham, inicialmente, como

³⁷ E aqui utilizo a categoria de feminismo indígena a partir das narrativas das antropólogas, a qual se constitui como uma denominação teórica e política presente no campo.

elemento teórico o feminismo como referencial. São acadêmicas que produzem pesquisas sobre a temática, mas que, apesar de trabalhar com o enfoque nas mulheres, não se reconheciam, inicialmente, enquanto feministas, principalmente por entenderem que essa categoria não abarcava o que elas pesquisavam. Entendo que esse reconhecimento se faz presente em razão do giro que o movimento feminista mexicano tem em relação esse tema, principalmente a partir de mulheres indígenas que passaram a se denominar feministas.

É a partir dessa crítica ao feminismo mexicano que muitas antropólogas passaram a produzir a partir do feminismo, através de referenciais teóricos indígenas. Em suas trajetórias, não se definiam desta forma, justamente por não encontrarem eco dentro do feminismo de suas questões, de seus dilemas, de suas histórias. Através dessa virada do feminismo que passam a se autoproclamarem feministas e ressignificarem o que faziam até então. É o que podemos perceber pela fala de umas das interlocutoras:

*Ya, no sé si era feminista como tal, porque no se enunciava como tal en este momento. Bueno, tal vez sí, **es que a las feministas las veíamos como las que trabajan con las mujeres en las ciudades.** Por mucho tiempo todas las que trabajamos con las mujeres rurales veíamos una distancia con las mujeres feministas que trabajaban con el urbano (Entrevista nº 4).*

Assim, apesar de trabalhar com temas que estão ligados ao direito das mulheres por muitos anos, elas percebiam as teorias feministas como inadequadas para as pesquisas com mulheres rurais. Os temas discutidos até então pelo feminismo mexicano estavam voltados para a questão urbana, sendo que o tema etnia/raça foi sendo incorporado aos movimentos feministas aos poucos.

Do mesmo modo, uma das antropólogas pontua que sua aproximação com o feminismo se deu propriamente a partir de sua pesquisa de campo e do contato com mulheres indígenas. Ela conta que, desde a década de 1990, trabalhava com a questão indígena e, ao longo de seu trabalho de campo, passa a trabalhar com as mulheres indígenas. Posteriormente, de modo mais específico, com as lideranças femininas do movimento. Ter como referência teórica o feminismo não foi para ela um interesse

acadêmico, mas que emerge da própria organização das mulheres indígenas e do feminismo que nasce de lá. Assim, ao afetar-se (FAVRET-SAADA, 2005) pelo campo que estava trabalhando, passa a se reconfigurar enquanto antropóloga, dialogando com suas interlocutoras, que passam a ser também suas referências.

Deste modo, diferente de outras antropólogas que acessam o feminismo a partir dos textos, da teoria, das disciplinas, o feminismo lhe chega a partir da reivindicação das próprias indígenas, ao se colocarem como sujeitas desse movimento. É através dessa corrente que essas antropólogas moldam seu espaço dentro do feminismo. É a partir de teóricas decoloniais e de um feminismo indígena que a adoção dessa perspectiva teórica e política ocorre.

G: ¿Y cuando comenzó a decirse como feminista?

V: Yo creo que después del doctorado. Cuando ya leo más y entiendo más lo que yo estoy haciendo, y que estoy me dando cuenta de que efectivamente ni todo es eso feminismo, también hay otra, pues ya pude identificar cuando no, pero sí, yo soy de otro feminismo (Entrevista nº 4).

Portanto, entendo que essa autodefinição passa por um processo de compreender que o feminismo tem muitas linhas teóricas, e que assim, podem se colocar dentro de uma linha do feminismo que não é (ou era) o hegemônico. Deste modo, elas passam a adotar uma autodefinição de feministas quando a categoria feminista começa a ser alargada para incluir outras mulheres, outras lutas, outras agendas, outros temas. Se por um lado, o trabalho com mulheres indígenas gera uma mudança identitária para essas antropólogas, por outro, produz uma forma de formação de conhecimento voltado para o atendimento das demandas dessas mulheres.

Antropologia sob demanda

A relação através do trabalho de campo com os Movimentos Sociais indígenas produziu uma maneira de fazer antropologia particular: a *antropologia sob demanda*. Para

explicar essa categoria nativa, gostaria de pensar sobre o contexto mexicano para a produção de conhecimento.

Assim como no Brasil, a distância entre pesquisadores e pesquisados é pequena. Os grupos nos quais essas antropólogas estudam fazem parte do mesmo contexto nacional, ou seja, não são externos e exóticos. Muitas vezes, os marcadores identitários delas e de suas nativas são imbricados. Para muitas antropólogas, há um reconhecimento de suas descendências indígenas, ao mesmo tempo em que pesquisam mulheres indígenas, ou ainda, mulheres que pesquisam as opressões sofridas por mulheres. Inclusive, para algumas, o trabalho com grupos indígenas se faz a partir de seus vínculos familiares, que auxiliam na aproximação e aceitação das pessoas em campo.

No caso mexicano, ao longo dos anos, houve um processo de desindianização, ou seja, tentar que as características indígenas das pessoas fossem cada vez menos acentuadas e marcadas. Com isso, muitas comunidades, famílias e pessoas passaram por processos de desvinculação com os elementos indígenas, por exemplo, através da perda das línguas indígenas. Uma das antropólogas conta que sua avó, ao migrar para a cidade, deliberadamente deixou de transmitir sua língua indígena para que seus descendentes fossem aceitos mais facilmente pela sociedade.

La desindianización de las comunidades rurales es un proceso que há ocurrido con ritmo diferente a lo largo de la historia de México [...]. Es fácil encontrar muchos ejemplos de comunidades que hoy se reconocen como mestizas y que eran índias a principios de este siglo o hasta fecha aún más reciente. De ahí, que sea necesario entender el cambio de comunidad india a pueblo campesino tradicional, no como una transformación que implique el abandono de una forma de vida social que corresponde a la civilización mesoamericana, sino fundamentalmente como un proceso que ocurre en el campo ideológico cuando las presiones dela sociedad dominante logran quebrar la identidad étnica de la comunidad india (BONFIL, 1990, p. 80).

Esse processo de desindianização ocorre tanto no campo, como apontado pelo autor acima (e por isso uma relação intensa entre movimento campesino e movimento indígena, que tratei no item anterior a partir do feminismo), quanto na cidade. As migrações do campo para a cidade, muito intensificadas em meados do século passado,

também traziam como componente a dissolução das identidades indígenas. Contudo, entendo que este seja um processo que está sendo “revertido”. Com a ascensão dos movimentos indígenas mexicanos, está em curso um retorno à valorização dessas identidades, com a autodenominação dos indivíduos a partir de suas origens tradicionais. A *antropologia crítica mexicana* tem um papel na formulação de postulados que embasam essa retomada das identidades, mostrando como as tradições de sociedades campesinas guardam elementos dos grupos étnicos.

Myriam Jimeno (2005) propõe que a Antropologia Latino-americana possui uma *vocação crítica*. Com base na análise de produções antropológicas brasileiras, colombianas e mexicanas, a autora aponta para uma proximidade entre a antropóloga e a “Outra”, que gera um conhecimento crítico e politicamente comprometido. A particularidade dessas antropologias é que o sujeito cognoscente não é um estrangeiro em uma sociedade colonizada. Pelo contrário, faz parte da sociedade que ele estuda. E a “outra” forma parte da nação da própria antropóloga. Deste modo, os conhecimentos produzidos por essas antropólogas são passíveis de serem acessados e criticados pelas suas nativas, ou ainda, são passíveis de serem usufruídos por estas.

La condición histórica de ciudadanía entre el antropólogo y sus sujetos de estudio en países como los latinoamericanos impulsa la creación de enfoques cuya peculiaridad es un abordaje crítico de la producción de conocimiento antropológico. Ello es así porque la construcción de conocimiento antropológico se realiza en condiciones donde el Otro es parte constitutiva y problemática de sí mismo, y ello implica un esfuerzo peculiar de conceptualización y modifica la relación del antropólogo con su propio quehacer. He argumentado también que esto es extensivo a la antropología realizada en Latinoamérica en general (JIMENA, 2005, p. 46).

No caso das antropólogas feministas mexicanas, considero que não seria apenas uma *vocação crítica* que elas possuem, mas uma *vocação engajada*. Assim, não apenas olham para o contexto nacional de uma maneira crítica, mas também estão comprometidas com a sua modificação.

Entrevistada: Desde hace muchos años yo trabajo con las mujeres indígenas organizadas, particularmente con la coordinadora nacional de mujeres indígenas. Y como siempre les digo a mis estudiantes, yo creo que la clave es permitir que me ponga en mi lugar, es decir, que ellas me digan en que quieren. Que hago un poco con ellas lo que se llama la investigación a la carta o sobre pedido. Por eso, cuando me preguntan en qué soy especialista, pues en nada, yo trabajo con mujeres indígenas, no tengo un tema, no tengo un objeto, no tengo un sujeto de investigación, sino que yo acompaño e investigo la situación de las mujeres indígenas en México y América Latina (porque también ha transitado por Guatemala y por otros países). Pero, yo profundizo los temas que las mujeres indígenas piden que profundice, entonces ahora estoy en seguridad alimentaria, imaginate.

Entrevistadora: ¿Estás en cual tema?

Entrevistada: En seguridad alimentaria. porque ese es uno de los temas que me han pedido. Esa es una parte que digo que tengo como investigación militante. Y precisamente por eso, eso es el tema que menos publico, o he publicado, porque siempre lo que hago es para ellas no para mi currículo, no para mis puntos, para mis estímulos, ningún reconocimiento entre colegas como investigadora, sino más bien para aportar lo que se pueda modestamente para sus práctica políticas (Entrevista nº 9).

Trago este trecho da entrevista porque considero que ele resume o que encontrei em muitas falas das entrevistas e, no trabalho de campo, através da observação participante. As falas e as atuações das antropólogas feministas mexicanas demonstram uma forma particular de produção do conhecimento antropológico. Assim como foi colocado pela antropóloga, os temas de pesquisa são parte de um diálogo com os Movimentos Sociais, ou ainda, com as pessoas que fazem parte de seu campo. A antropóloga, neste sentido, não está distante da realidade de seu campo, a proximidade entre pesquisadora e pesquisada gera uma forma de implicação, que procura auxiliar nos processos de luta e de transformação social.

Se a investigação aparece como uma das formas de *antropologia sob demanda*, outras atividades podem ser realizadas a partir do conhecimento que elas possuem. Neste sentido, algumas antropólogas atuam nos Movimentos Sociais, através do oferecimento de oficinas sobre as questões de gênero, ou ainda, com o auxílio ao acesso aos poderes públicos. São muitas as formas de retorno que as antropólogas produzem em diálogo com seu campo, que não se resume à produção de teorias.

Esta forma trabalho surgiu também por uma demanda do movimento indígena, que chamou a professora para trabalhar dessa maneira, com esse enfoque. **Para ela, isso representa uma virada na perspectiva tradicional da antropologia, se antes as antropólogas que escolhiam o que iriam fazer e investigar, com o fortalecimento dos Movimentos Sociais essa escolha ocorre através do pedido, da demanda, da exigência das nativas.** Ela vê muitas potencialidades nessa nova forma de fazer antropologia. (Diário de Campo, 26.04.2019)

Ademais, a *antropologia sob demanda* sinaliza uma transformação para as concepções de investigação no interior do campo antropológico. Uma das entrevistadas afirmou com entusiasmo que “a antropologia está mudando” (Entrevista nº 8), antigos paradigmas vão sendo colocados de lado para a incorporação de novo. Parece que essas antropólogas estão sinalizando uma nova forma de fazer antropológico, que talvez tenha ressonância em outras linhas da antropologia.

Portanto, o que procurei argumentar neste capítulo é que o envolvimento dessas antropólogas com os movimentos feministas mexicanos é um via de mão dupla. Por um lado, elas estão engajadas na construção e desenvolvimento desses movimentos, e por outro, esses movimentos informam e modificam os entendimentos sobre o fazer antropológico. A relação com os Movimentos Sociais é uma marca da antropologia feminista em suas distintas vertentes, que pode ser percebida desde o embrião do feminismo mexicano até o presente momento, em suas interfaces com diferentes lutas políticas que acontecem no país.

Movimento feminista urbano ou movimento feminista indígena/rural são faces de uma mesma moeda. Apesar de tratar de diferentes aspectos, o engajamento com suas questões altera o fazer antropológico. Traz um debate para o seio da antropologia de forma a pensar: que conhecimento a antropologia produz? Quais os retornos que as antropólogas podem dar para as populações com as quais trabalham?

Através de oficinas, de investigações diagnósticas, de pesquisas militantes, as antropólogas constroem a *antropologia sob demanda*, na qual os anseios dos grupos pesquisados são colocados em primeiro plano. Uma produção antropológica intimamente conectada com as reivindicações e necessidades das nativas que têm como horizonte a transformação social.

CAPÍTULO 4.

CIÊNCIA, UMA CARTA EM DISPUTA.



*Mexendo em um dos meus cadernos antigos
encontrei as anotações da primeira aula de antropologia do mestrado,
ministrada por uma antropóloga feminista do Sul do Brasil.
Descobri a leitura de uma carta de tarô que fizemos em aula.
Era o começo do mestrado,
a turma era composta por dezenove alunas
e ninguém se conhecia muito bem ainda.
Estávamos começando a descobrir a antropologia.*

*Essa professora abriu um tarô no meio da sala,
Enquanto as estudantes sentavam em círculo.
Pedi pra que a gente tirasse uma carta
Pensando sobre como seria o mestrado
Interpretasse-a
Escrevesse nossa interpretação
e contasse nossa interpretação para a turma*

*Eu tirei a carta da ciência.
Eu me recordo que ela era azul,
Que tinha espadas - muitas espadas.
E, além disso, tinha um símbolo em cima,
Parecia o espelho de Vênus.*

*A minha interpretação começou com as espadas
Interpretei como uma disputa, uma batalha.
Já o espelho de Vênus na carta me lembrou do feminismo.
Sobre essa batalha eu pensei no gênero,
na batalha que estava aparecendo naquele momento no contexto
político nacional.
Em que as questões de gênero já estavam sendo “atacados” por
vários atores políticos do campo da direita
(ou como fomos percebendo ao longo do ano, da extrema direita).
Como eram várias espadas,
Pensei que se tratava de uma disputa coletiva.*

*Por fim, a professora olhou para minha carta e só disse:
“Ciência. É isso que a carta aponta.
Está no caminho certo afinal.”*

A carta retirada no tarô no primeiro dia de aula acabou se revelando como um presságio para a minha pesquisa de mestrado. A ciência se apresentou como meu campo de investigação e como um elemento importante para pensar a antropologia feminista mexicana.

Neste capítulo, olharei para o campo acadêmico e sua relação com as trajetórias das antropólogas em relação ao feminismo. A primeira parte desta seção pensa a universidade como uma local de formação das antropólogas enquanto feministas, uma vez que a academia mexicana se mostra como um local em que essas antropólogas tiveram acesso às teorias feministas, que contribuíram para sua autodenominação. Em seguida, passarei a pensar como elas abrem novos locais de ensino feministas, através de programas de pós-graduação, núcleos de pesquisa, linhas de estudos em gênero. Por fim, irei trazer um debate sobre *ativismo universitário*, categoria nativa que entendo ser pertinente para denominar a experiência das antropólogas feministas dentro das universidades.

Sobre a carta do tarô retirada no primeiro dia de aula, considero que seus elementos e minha interpretação podem ser úteis para pensar a relação entre feminismo e ciência. Entendo que a metodologia³⁸ utilizada pela referida antropóloga feminista se constituía como uma metáfora para os ensinamentos da Antropologia Simbólica. Assim, o primeiro ensinamento dessa disciplina foi que, mesmo que a carta tenha um significado específico dentro do baralho, cada pessoa que a tira vai interpretá-la de uma forma diferente. Os símbolos que existem nessa carta informam determinadas coisas, que fazem sentido a partir das conexões através das formulações de cada uma das intérpretes.

³⁸ Apenas gostaria de pontuar sobre a metodologia utilizada pela referida antropóloga feminista. A disposição da sala, o caráter dialógico e a ênfase nos conhecimentos prévios das estudantes são princípios que têm como fundamento as teorias de educação popular. Essas teorias têm como expoente o intelectual Paulo Freire, que também é uma referência para antropólogas feministas mexicanas no desenvolvimento de suas atividades com mulheres através das organizações civis, como foi pontuado no capítulo anterior. Apesar de não ser o foco dessa dissertação, sinalizo que, tanto no Brasil quanto no México, os princípios metodológicos de educação popular se fazem presentes e poderiam indicar uma prática pedagógica que é transmitida também pelos movimentos feministas.

A antropologia interpretativa compreende o trabalho da antropóloga como uma interpretação, dentre outras, sobre a cultura de determinado grupo social. Ou ainda, a interpretação da antropóloga sobre a interpretação das nativas sobre sua cultura, corrente que tem como um de seus expoentes Clifford Geertz.

No artigo *Um jogo absorvente: notas sobre a Briga de Galos Balinesa* (1989), Geertz apresenta a etnografia realizada em uma aldeia balinesa a respeito das brigas de galos. Após uma descrição sobre como ocorreu sua inserção na comunidade, as formas de ocorrência das brigas de galos e a explicação de sua estrutura e normas, o autor analisa de um ponto de vista simbólico para aquela comunidade. Neste sentido, realiza um paralelo entre a briga de galos com as experiências estéticas e artísticas, tendo por objetivo interpretar essa atividade como um mecanismo social de expressar simbolicamente algo - tomando a briga de galos como meio de “dizer algumas coisas sobre algo”. Ao tratar a cultura como texto, o autor argumenta que a briga de galos funciona como uma espécie de educação sentimental e que, a partir dessa atividade, o balinês forma e descobre seu temperamento e o temperamento de sua sociedade. Deste modo, entendo importante destacar essa aplicação da metodologia de entender a cultura de um povo como um conjunto de textos, em que a antropóloga fará uma interpretação.

[a cultura] denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 1989, p. 66).

Trouxe as contribuições desse autor para pensar sobre o caráter interpretativo desse meu entendimento, mas também para informar sobre os aspectos simbólicos que permeiam a abertura de campos feministas no interior da universidade. Neste capítulo, tratarei da criação de programas de pós-graduação com perspectivas feministas, que representam o avanço do feminismo como campo científico, dotado de elementos simbólicos que os constituem.

Ademais, os padrões de significados que o feminismo traz são transmitidos através das relações existentes entre as pessoas, em pequenos grupos que são formados na universidade. Se em um primeiro momento essas relações ocorrem de maneira individual (como pela orientação de professoras e estudantes), com o tempo, vão se formando grupos organizados e, inclusive, institucionalizados. Deste modo, seguirei esses ensinamentos para pensar que a universidade e a ciência também produzem e reproduzem determinada cultura.

Pensar a universidade como um grupo social que tem uma cultura própria me auxilia a entender as disputas internas que acontecem em relação à própria cultura acadêmica. Não sendo a cultura algo estático, gostaria de evidenciar seu caráter processual e conflitivo. O conflito aparece, neste trabalho, quando as antropólogas se engajam na abertura do campo feminista, buscando a mudança deste ambiente. A carta que tirei no primeiro dia de aula, interpretada por mim, aponta para uma disputa que acontece em torno da ciência. Essa disputa acontece através do feminismo de maneira coletiva, ou seja, são várias espadas que se unem para fazer avançar esse campo acadêmico.

Proponho pensar o ambiente acadêmico através do conceito de cultura acima elencado. Primeiramente, pensarei os pequenos grupos de antropólogas feministas que se formam, transmitindo, assim, os postulados culturais para novas gerações. Essas formações coletivas vão se tornando maiores e passam a disputar as concepções da cultura universitária através da criação de instituições.

O feminismo a partir da academia

A denominação *feminista* pode ocorrer de diferentes formas, se tratando de uma identidade que se constitui de forma processual e gradual. No Capítulo 3, *Antropólogas em movimento(s)*, trabalhei essa autodefinição, a partir dos Movimentos Sociais. Neste item, irei tratar de como elas se tornam feministas no seio da universidade.

Neste sentido, para algumas antropólogas feministas, o que as caracteriza é o contato com o feminismo através da academia. Em um contexto de institucionalização crescente do campo feminista, a partir de meados da década de 1980, a universidade começa a contagiar-se com as teorias feministas, trazendo acesso às universitárias em formação com as suas teorias. Essas antropólogas são de uma geração seguinte às *antropólogas pioneiras*. São mulheres entre os quarenta e sessenta anos, que tiveram sua formação acadêmica a partir da década de 1980.

A maioria das antropólogas entrevistadas viveu a experiência universitária quando o feminismo mexicano já havia produzido algumas raízes. Como minha interpretação parte de um número considerável de acadêmicas, evidencio que as características que descrevo não traduzem a realidade de cada uma delas, mas são produzidas pelos elementos comuns que são encontradas em sua maioria. Apesar disso, considero que elas podem conter elementos do todo em cada uma das suas partes a partir de suas relações, sendo exemplos da antropologia feminista mexicana de modo geral.

O conceito de relação pode ser aplicado a qualquer forma de conexão; esta é sua propriedade. A relação é holográfica por ser uma instância do campo que ocupa, sendo que cada uma de suas partes contém informações sobre o todo e há informações sobre o todo envoltas em cada uma de suas partes. (STRATHERM, 2018, pg. 277)

As relações que são estabelecidas entre essas antropólogas podem nos mostrar informações sobre o funcionamento da antropologia feminista mexicana. Ou seja, trazem elementos para entender como antropólogas passam a serem antropólogas feministas, a partir das relações que estabelecem dentro do ambiente acadêmico.

Em maior ou menor grau, essas antropólogas tiveram contato com professoras feministas na sua formação, participaram de linhas de pesquisa sobre antropologia da mulher e/ou de gênero que começavam a surgir, além de serem contemporâneas das primeiras especializações e pós-graduações na temática. Apesar de uma maior incidência do feminismo acadêmico, essas antropólogas também estão abrindo caminho no interior

da universidade para os estudos feministas. Não se trata, portanto, de um campo já consolidado.

Individualmente, os processos de autodefinição como feministas ocorreram de diferentes formas e em diferentes períodos da vida, sendo bastante diversa a forma como o feminismo toca cada uma delas. Apesar dessa aparente singularidade, um dos elementos que considero fundamental foi o papel central que o feminismo acadêmico teve para essa definição. Algumas delas se definiam como *feministas* antes de terem contato com as teorias feministas na academia, outras tiveram contato pela primeira vez em disciplinas, algumas se tornaram feministas a partir de *grupos de autoconsciência*, outras despertaram o viés feminista por textos. Porém, para todas elas, a academia foi um *locus* fundante nas suas trajetórias para que conhecessem, aprofundassem e compartilhassem os ideais feministas.

Es innegable que sin el movimiento de liberación de la mujer estos estudios [de la mujer] probablemente no hubieran surgido. Sin embargo, el vínculo se ha dado de dos maneras: en forma directa y en forma indirecta. Esto quiere decir simplemente que en el primer caso las mujeres que participamos personalmente en el movimiento feminista, en un momento dado creamos en las universidades los estudios de la mujer; en gran medida quisimos dejar de vivir esa especie de esquizofrenia o doble vida, en la que por un lado estaba el trabajo profesional y por el otro, sin que tuviera nada que ver con él, la militancia en el movimiento de liberación de la mujer. En el segundo caso, la forma indirecta se da cuando las ideas, los intereses y las luchas del movimiento feminista “contagiaron”, principalmente por la vía intelectual, a algunas mujeres de la academia (sin que ellas hubieran participado jamás en el movimiento feminista) y pensaron que sería importante contemplar a las mujeres en sus investigaciones y en su docencia (BARTRA, 1999, p. 227).

Destaco que a articulação entre militância e vida acadêmica foi a grande inovação da primeira geração de antropólogas feministas mexicanas, sendo que a geração seguinte continua essa articulação. Ademais, essas duas maneiras de chegar aos estudos com perspectiva feminista³⁹ estão presentes nas antropólogas feministas mexicanas dessa

³⁹ Para saber mais sobre as categorias de Estudos da Mulher, Estudos de Gênero e Estudos Feministas ver: Goldsmith, Mary. Debates antropológicos en torno a los estudios sobre la mujer, en Nueva Antropología

categoria. Ou chegam nesses estudos pelo movimento feminista, ou as ideias do movimento feminista chegam até elas pela via acadêmica. De todo modo, a academia é o elemento agregador. Por isso, considero importante entender o contexto histórico do movimento feminista mexicano e o desenrolar deles nesse período.

Na década de 1980, o movimento feminista mexicano vive certa estagnação. Poucas jovens adentravam ao movimento e este era composto apenas pelas mesmas mulheres que entraram na luta na década anterior. Contudo, é nesse período que se inicia o processo de ONGização⁴⁰ e institucionalização do feminismo, que se intensifica da década seguinte:

En la década de los noventa el feminismo se institucionaliza plenamente en organismos gubernamentales, no gubernamentales e instituciones académicas. Había entrado en la academia en años anteriores, pero es en esta época cuando cobra un cierto poder y se puede decir que, en alguna medida, se legitima. Esto significa, al mismo tiempo, que se produce el fenómeno de la profesionalización del feminismo. Surgen las feministas profesionales. Trabajan para el feminismo y viven de él. Durante los primeros años se vivía para la lucha feminista; en los noventa, se vive de ella (BARTRA, 1999, p. 220).

Dentro da academia mexicana, esses estudos começam a surgir durante a década de 1970, embaixo do guarda-chuva chamado *Estudios de la mujer*. Posteriormente, com a circulação do conceito de gênero, a expressão *Estudios de Género* passa a ser amplamente utilizada. Já o termo *Estudios Feministas* se trata de uma denominação mais recente, a partir dos anos 2000. Primeiramente, esses estudos começam de maneira informal, através de orientações e disciplinas, mas que, ao longo dos anos, vai, cada vez mais, se institucionalizando. Também dentro dessa categoria, algumas antropólogas que adentram o movimento feminista a partir da academia, depois de formadas, passam a atuar em

(30): 149-171, 1986 e Goldsmith, Mary. **Antropología de la mujer: ¿antropología de género o antropología feminista.** In: *Debate feminista* (6): 341-3, 1992.

⁴⁰ Algunas cifras muestran la dinámica del crecimiento de los organismos civiles feministas: en 1975 apenas 71 ONG decían tener reivindicaciones de género, en 1991 esta cifra era más del doble (147); en 1994, el Programa de Salud Reproductiva de El Colegio de México registró alrededor de cien organismos civiles que trabajaban tan sólo en esta área, claramente identificada con aspiraciones feministas. El auge del oenegismo feminista se dio entre 1985-1987 y en los primeros años noventa (ESPINOSA, 2009, p. 201).

ONGs ou em órgãos estatais voltados à promoção dos direitos das mulheres. É uma forma de atuação da antropologia, que extrapola os meios universitários, buscando intervir na sociedade de uma forma mais direta.

Diferente das antropólogas feministas do capítulo anterior, em que o feminismo entra na vida dessas mulheres através, quase exclusivamente, da militância em Movimentos Sociais e partidos políticos, para essa categoria, a academia se torna um lugar de acesso a esse debate de forma intelectual. Nesse sentido, o processo de identificação enquanto feminista se dá a partir do contato com teorias feministas no seio da universidade, principalmente através das *relações* que são estabelecidas neste espaço. Eram mulheres que estavam realizando sua formação, em diferentes níveis, da graduação ao pós-doutorado, e que, ao realizarem uma disciplina, leram textos feministas, ou ainda, tiveram uma professora feminista e começaram a se moldar como antropólogas feministas. Um dos depoimentos ilustra o papel fundamental da formação acadêmica no "despertar da consciência feminista".

*Entrevistada: Y bueno con todos los problemas me despertó la conciencia. De alguna manera, yo nunca había cuestionado ni el machismo, ni el patriarcado. Y mi marido que era más fuerte, quería una mujer absolutamente sumisa. Pero cuando comencé a estudiar mis propios intereses entré en contradicción con el matrimonio y lo que serían mis obligaciones como esposa. Entonces, eso me llevó a cuestionar todo, fue un cuestionamiento así fantástico, pero al mismo tiempo cuando iba terminando la carrera, **llegó a la Escuela de Antropología una feminista que se llama Elizabeth Mayer [...] Y yo tomé doce clases con Elizabeth.***

Entrevistadora: ¿Y el curso era de qué?

*Entrevistada: Textos clásicos del feminismo, entonces leíamos desde Simone de Beauvoir hasta otra que no son muy conocidas. Ella nos enseñó la escuela italiana, leímos muchas cosas que a mí me abrió el mundo. Y que me daban respuestas a lo que yo estaba viviendo. Que yo pienso que no se puede entrar en el feminismo si no lo encuentras, porque yo creo que de otra manera no se puede. **A mí me hizo un clic, ahí me quedé enganchada. Con ella empecé mi investigación de mi tesis de licenciatura que terminé muchos años después, porque todavía tenía mi cuestión de pareja, nos peleamos, nos contentamos, muchas complicaciones, pero yo ya me enganché como feminista y ahí me quedé** (Entrevista nº 5).*

Essa entrevista retrata um pouco do que estou tentando demonstrar, onde a antropóloga que estava fazendo sua graduação começa a se questionar em relação ao machismo vivenciado em seu cotidiano. Porém, é a partir de uma disciplina específica que encontra elementos teóricos que explicam o que estava vivendo (o que demonstra o caráter pessoal e político do feminismo). Depois do “clic”, passa não apenas a incorporar o feminismo em sua trajetória pessoal como também academicamente, através da produção de investigações que dialogam com o campo feminista.

De outro modo, algumas antropólogas dessa categoria se definem enquanto feministas a partir de interações com os Movimentos Sociais feministas, isto é, esse “clic” não ocorre através de uma disciplina.

Yo soy feminista desde hace muchos años, comencé a militar entre los 18 y 20 años en el primer colectivo de feminista de provincia en México, que se llamaba Colectivo Feminista Venceremos. Pues había entrado a los estudios preparatorios [...] ahí comencé a militar en el feminismo. (Entrevista nº 1)

O coletivo do qual essa antropóloga participou (apesar de ser antes de ingressar de fato na universidade) tinha em sua composição basicamente estudantes universitárias, principalmente das graduações nas áreas de humanas. Esse grupo que ela descreve era um *grupo de autoconsciência*, assim como aqueles realizados na década de 1970, que analisei no capítulo anterior. Assim, apesar de ter a sua inserção no movimento feminista desde muito jovem e antes de entrar na universidade, esse espaço está presente no diálogo com as mulheres que participavam desse coletivo. Entendo, portanto, que apesar de ser distinto de uma entrada no feminismo a partir da academia de forma mais formal, ainda assim, a universidade perpassa a sua entrada no feminismo.

Ademais, as antropólogas dessa categoria são as que incorporam os estudos feministas em suas investigações, contando, neste momento, com orientações de professoras feministas que já faziam parte do quadro da universidade. São elas que abrem caminho junto com as *pioneiras*. Não é raro que sejam as primeiras a abrir linhas de

pesquisa sobre gênero em seus trabalhos acadêmicos e estudantes nas primeiras turmas das especializações recém-formadas.

Entrevistada: Y aquí hice la maestría y el doctorado Antropología en la Escuela Nacional de Antropología (ENAH), con una línea que también se acababa de abrir, la línea de género. Línea ya formalmente en el doctorado, la línea de género en que éramos dos personas en el doctorado.

Entrevistadora: ¿Y quien era la profesora que coordinó la línea?

Entrevistada: Anna Maria Fernández Poncela, que venía de España, fez doctorado en España, es española ella. Era ella qué coordinada nos dos, Gisela Espiñosa y yo. Era las dos que estaban (Entrevista nº 1).

Essa entrevista ilustra esse momento das teorias feministas no interior da universidade. Uma professora, uma disciplina, duas pessoas pesquisando com perspectiva de gênero. O singular aparece de modo mais evidente que o plural. Neste momento, a teoria feminista está presente na universidade de maneira difusa e pontual. As relações entre as feministas neste momento são próximas. Por serem poucas, elas se conhecem e se reconhecem pessoalmente. Ocorre que, ao formarem-se dentro destas linhas feministas, elas não apenas continuam a difusão e formação de novas antropólogas de modo individual, como também passam a formar pequenos grupos, que atuam de forma organizada dentro das universidades.

Nesta seção, procurei demonstrar como essas antropólogas se tornam feministas a partir das *relações* que são estabelecidas no interior da academia. Assim, essas acadêmicas feministas vão se formando umas as outras e se unindo dentro desse campo. Formam unidades, grupos, coletivos. Esses coletivos não são necessariamente organizados ou nomeados. Porém, estes grupos passam a atuar na modificação das estruturas acadêmicas. Uma das formas de ação é através da criação de programas de pós-graduação que têm a perspectiva feminista como fundamento.

Os programas de formação feministas

Como a carta do tarô me apontou, a ciência também é feita de disputas. Disputas são travadas coletivamente no interior da academia pelo reconhecimento institucional das *teorias feministas*. Isso não ocorre de forma isolada no caso da antropologia mexicana, mas em diversas áreas de conhecimento ao redor do mundo. Percebo que em todos os campos científicos em que estão inseridas, as feministas reivindicam a inclusão da perspectiva de gênero na produção do conhecimento.

Yo en realidad te decía en un momento que gran parte del aporte teórico en México para los estudios de género y feministas han sido eminentemente de las antropólogas feministas. Comentaba de las sociólogas como Teresita de Barbieri, pero que creo que ha sido una labor muy compartida de historiadoras, desde las ciencias sociales. No obstante que, bueno, puede haber en la academia ya un contagio, ¿no? (Entrevista nº 3).

Como elencado pela entrevistada acima, as antropólogas feministas têm construído aportes teóricos para os estudos de gênero e feministas. Quando trato sobre *teorias feministas*, me refiro aos escritos feministas, que ganham maior força durante a década de 1970, um corpus teórico eminentemente interdisciplinar. As entendo como linhagens de pensamento que atravessam várias ciências, mas que têm um desenvolvimento especial dentro da área das ciências humanas. Isto é, como apontado pela fala da entrevistada, existe um contágio entre as diversas áreas de conhecimento, contribuindo para um corpus teórico plural a respeito das questões feministas. São esses referenciais teóricos que são reconhecidos como pertencentes ao campo do feminismo.

Além disso, essas teorias são transmitidas a novas gerações, de modo que, ao se inserirem dentro deste campo, as pesquisadoras que se autodenominam *feministas* passam a compartilhar determinados referenciais teóricos. Foi o que sinalizei na metodologia, quando digo que há certa confluência entre mim e minhas interlocutoras,

em face de um referencial teórico comum. Ainda que haja singularidades, existe uma esfera de pensamento que é transmitida em termos de *teorias feministas*. São compartilhados conceitos, noções, perspectivas, para quem é feminista acadêmica e, neste caso, para quem é antropóloga feminista⁴¹.

O campo acadêmico e político das teorias feministas, queer e dos estudos de gênero é, desde sua emergência nos anos 1970, um campo híbrido, porquanto articula desde seus inícios a produção de conhecimentos com práticas libertárias. Trata-se de um campo acadêmico e político que é por sua vez informado e transformado por essas práticas. Isso faz com que a vontade de transformação social seja estruturante deste campo em que os/as sujeitos/as pesquisadores/as informam a sociedade, agindo sobre o mundo social que os/as cerca. Esta ação parte principalmente de questionamentos que as pesquisas tecem sobre as estruturas que reproduzem representações arcaicas e conservadoras sobre o gênero, a sexualidade, a raça/etnia, a deficiência, a classe, dentre outros marcadores sociais da diferença. (MELLO, FERNANDES, GROSSI, 2018, p. 159)

Nesse sentido, as *teorias feministas* são criadas dentro e fora das universidades e têm como seu elemento constitutivo a transformação da sociedade. As antropólogas feministas que atuam dentro da esfera das universidades procuram transformar também este local. Ademais, as *teorias feministas* se constituem ao longo das últimas décadas como teorias que pensam e criticam a produção de conhecimento, suas limitações e postulados patriarcais que estão presentes.

Se num primeiro momento as *teorias feministas* começam a trazer as “questões das mulheres” para dentro das teorias, principalmente a partir da crítica realizada à exclusão das mulheres como objetos de estudos, posteriormente, as feministas passaram a criticar os próprios postulados da produção de conhecimento (GROSS, 1995). A relação

⁴¹ Em muitas entrevistas, os diálogos faziam referência a autoras feministas, ou ainda, a conceitos. Por exemplo, conversando sobre a utilização do conceito de interseccionalidade no México, que foi sendo incorporado a partir dos anos 1990, e que antes era utilizado conceito de dupla e tripla opressão. Ou ainda, quando estava em alguma entrevista em que a interlocutora falava “o conceito de gênero de Joan Scott”, e bem, existe certo entendimento de que ambas as pessoas desse diálogo entenderiam as implicações desses conceitos e um conhecimento sobre essas autoras.

entre antropologia e feminismo também inicia com um debate sobre a inclusão dos estudos sobre as mulheres nas diferentes sociedades ou grupos sociais, mas que, atualmente, incorpora críticas sobre as formas de fazer antropologia.

Por una parte, la teoría feminista ha cuestionado radicalmente e intentado minar las suposiciones, los métodos y las estructuras de disciplinas y discursos falocéntricos o patriarcales. Por otra parte, la teoría feminista simultáneamente ha intentado explorar y desarrollar alternativas a estos sistemas falocéntricos, creando perspectivas femeninas nuevas, hasta ahora inexpressadas, respecto del mundo. En otras palabras, ahora la teoría feminista está involucrada en un proyecto *antisexista* que implica desafiar y deconstruir discursos falocéntricos, así como en un proyecto positivo de construir y desarrollar otros modelos, métodos, procedimientos, discursos, etc (GROSS, 1995, p. 91).

As críticas realizadas pelas feministas às concepções de ciência dominantes não são aceitas de forma amistosa por toda a comunidade científica. Os ideais positivistas que estão presentes nas universidades são transmitidos e estão presentes nos diferentes discursos das pessoas que constroem a ciência. Essa é uma disputa teórica, mas também vivenciada pelas feministas que procuram abrir caminhos dentro das estruturas acadêmicas. Ademais, as *teorias feministas* são um campo do conhecimento, assim como outras áreas, que compelem a criação de mecanismos de sua transmissão. No caso mexicano, foram criados espaços importantes de formação feminista no seio das instituições educacionais. São esses espaços que foram propiciados por muitas das antropólogas feministas dessa pesquisa, e que são formados por avanços e entraves que exemplificam as disputas sobre o conhecimento científico.

Irei tratar sobre os espaços institucionais que foram criados nas últimas décadas de produção de conhecimento e formação de intelectuais feministas, os quais representam a expansão do feminismo acadêmico e uma aceitação, de certo modo, dessas teorias. A partir dos dados de campo que tenho, irei tratar, especialmente, de duas universidades que elaboraram a criação de novos campos de formação feminista. O caso da *Universidad Autónoma Metropolitana (UAM)*, com a criação da *Maestría en Estudios de la Mujeres* e, posteriormente, a criação do Doctorado en Estudios Feministas, bem como a constituição

do *Posgrado en Estudios y Intervenciones Feministas*, no *Centro de Estudios Superiores de México y Centroamérica*, da *Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas*.

Na Universidade Autônoma Metropolitana (UAM⁴²), em 1998, houve a criação da *maestría en Estudios de la Mujer*, qual se constituiu como o primeiro mestrado feminista no México e um dos primeiros programas de pós-graduação na América Latina a oferecer estudos com uma perspectiva de gênero. É também nessa universidade que se formou, em 2017, o *Doctorado en Estudios Feministas*, continuando essa tradição de estudo.

Se na Cidade do México os estudos feministas avançaram através da pós-graduação há algumas décadas, na cidade de San Cristóbal de Las Casas, a inovação veio através da própria concepção dos estudos. Foi formado o *Posgrado en Estudios y Intervenciones Feministas*, que conta com mestrado e doutorado. Assim, não apenas aponta para um debate a respeito do feminismo, mas também uma produção científica engajada na aplicação desse conhecimento na sociedade, ou seja, na intervenção feminista.

A criação desses espaços não ocorre de maneira individual. Pelo contrário, é a partir de grupos feministas que a elaboração desses programas se faz possível. Esses pequenos grupos são, também, formados dentro das universidades. Nesses espaços circulam não apenas teorias, mas também práticas, diálogos, ações, ideias. A criação da *Maestría de Estudios de la Mujer* foi criada a partir da organização de feministas de diferentes áreas que, conjuntamente, elaboraram a estrutura e procuraram trazer para dentro da universidade essa proposta de conhecimento.

Em muitos momentos do trabalho de campo, escutei como o referido mestrado “é um espaço de excelência acadêmica”, que constitui um “local rigoroso e sério de formação”, em que as acadêmicas que fazem parte dele foram “construindo espaços” em que há um reconhecimento da comunidade por parte de seus trabalhos. Entendo que essas falas também são *simbólicas*, ao colocarem essa forma de fazer ciência dentro de uma esfera de reconhecimento. Por isso, são importantes as adjetivações positivas e ligadas ao que é defendido por uma ciência séria e de qualidade.

⁴² Para saber mais acesse o site: <http://estudiosmujer.xoc.uam.mx/>

Inclusive, considero que esse reconhecimento da *maestría en Estudios de la Mujer* contribuiu para a abertura para a formação do doutorado. Porém, apesar disso, a criação dessas pós-graduações contou com entraves “burocráticos” para a sua realização:

Sí, enfrentamos un poco de obstáculos. En un dado momento el documento del doctorado se perdió, estaba en un carro metido. Entonces por eso no lo alcanzamos en mi gestión, porque de repente el documento no avanzó. Hicimos correcciones, pasamos por todas las instancias y al último... Comenzamos a mandar e-mails: “¿Qué pasó? ¿Qué pasó con mi doctorado?”. Hasta que dijeron: “no, estábamos esperando que ustedes manden”. Y decimos: “no, nosotras ya mandamos las correcciones”. “Ah, entonces déjeme ver...”. Y estaba perdido el documento. Esto tardó prácticamente un año en que el documento estuvo perdido. Eso que estoy contando se pasó en septiembre y el doctorado se aprobó en mayo del siguiente año. Pero sí hay un doble discurso en relación a eso (Entrevista nº5).

Em uma disciplina da graduação, há muitos anos, em uma aula com o Professor Caleb Faria Alves, estávamos conversando sobre como alguns problemas que acontecem em nossa sociedade são culpa da “burocracia”, do “sistema” ou da “tecnologia”. Ele nos disse algo como “todas as vezes que colocamos a culpa no sistema, nós, enquanto cientistas sociais, temos que perseguir os reais motivos disso, porque o “sistema” é feito por pessoas e seus mecanismos não são neutros”. Assim, quando a interlocutora me relatou as dificuldades, esquecimentos, perda de papéis que ocorreram na abertura do doutorado, me lembrou dos ensinamentos desse professor.

Parece que estamos diante de situações em que a própria criação desse doutorado, quando não encontra vazão de confronto através de argumentos, como ela mesma disse “atualmente é problemático se dizer contra as questões feministas”, são criados outros mecanismos para inviabilizar, ou retardar, essa criação. Não me parece aleatório que justamente esses papéis tenham sido perdidos.

Entrevistadora: ¿Y como fué para aprobar este doctorado?
Entrevistada: Muy difícil. Regular digamos. Yo creo que la gente... Yo pienso que hay un doble discurso, porque nadie puede decir ahora que los

*estudios de las mujeres, de género, feministas, no son importantes, ya todos los profesores, toda la ciencia, ... que tenía que pasar para ser aprobado pues estaba compuesto por grupos colegiados en que habían hombres y mujeres, sobretodo los hombres no decían que no, evidentemente nadie le puede decir. Te digo ahora que ... **Pero siempre estaba así “es que feminista creo que es militancia”. Claro que no, el pensamiento feminista ha desarrollado teorías, estudios, investigaciones. Fue muy difícil que entendieran eso. Tuvimos también hombres que como el director de división, siempre nos estuvo apoyando, siempre vio la importancia de aprobar el doctorado, pero todavía hay dificultades. Todavía la gente no acaba de comprender. Hay quien piensa que todavía somos separatistas, que queremos las mujeres y los hombres solas (Entrevista nº 5).***

O campo científico é formado por pessoas, por paradigmas que são aceitos (ou não) por pares de determinadas áreas. Isso também ajuda a entender porque determinadas áreas de conhecimento são mais propícias, ou abertas, a essas discussões. Quando a antropóloga diz que recebeu críticas como “es que feminismo creo que es militância”, aponta para uma discussão presente no interior das teorias feministas, que dialogam com o pensamento pós-moderno de crítica à ciência. Além disso, destaco, da entrevista acima, que há uma defesa do feminismo enquanto ciência quando ela diz “*Claro que no, el pensamiento feminista ha desarrollado teorías, estudios, investigaciones*”. Ou seja, uma defesa dos estudos feministas enquanto legitimamente científicos.

Ao mesmo tempo em que esses espaços são idealizações para a construção de "outra ciência", são também espaços de conflito e luta. Isso porque, apesar da aceitação mais ampla do movimento feminista, ainda existem muitos entraves para sua incorporação enquanto ciência. E aqui também é interessante pensar sobre as diferentes concepções sobre esses espaços, se são entendidos como espaços científicos ou não, o que isso traz de benefícios e entraves em estar classificados como científicos. Para uma das antropólogas, estar fora da “ciência” se traduz como um elemento importante para a produção do conhecimento, assumindo que não se trata, de fato, de uma produção que carregue os postulados que o “científico” exige. Por conseguinte, uma pós-graduação que carregue em seu nome não apenas os *estudios feministas*, mas também a *intervención feminista*.

*Entrevistada: Y a mí me ha costado mucho que los propios compañeros y compañeras entiendan el proyecto. **Porque hay una tendencia de hacer academia, y unir la práctica y la teoría es un reto que no todos aceptamos.***

Entrevistadora: Sí, pero también yo veo que la academia no tiene una lógica de ir a la práctica, como que si vas a práctica es la excepción dentro de la academia y mucha veces hay una crítica por hacer eso.

*Entrevistada: Sí, sí, todos quieren curar la salud pero no quieren hacer intervención, hacer práctica. **Porque eso no es ciencia. Entonces, como no queremos hacer ciencias, sino queremos hacer feminismo.** Entonces, ahí vamos, vamos marchando poco a poco (Entrevista nº 13).*

Deste modo, mesmo dentro do campo feminista, a concepção sobre ser ou não ciência está em disputa. Aliás, o trecho da entrevista destacado acima apresenta essa concepção de que, ao não fazer ciência, e sim feminismo, há uma forma diferente de produção de conhecimento. Para ela, essa forma de produção de conhecimento, que tem como intuito principal a intervenção feminista, busca entender as práticas que já são realizadas por feministas em diferentes contextos e produzir teorias em relação a isso.

Es un reto porque no hay una teoría de incidencia feminista, tenemos que construirla, y tenemos que construirla desde la práctica. Ha habido mucha incidencia, pero no ha habido sistematización, ni teoría sobre esa sistematización. Que no es lo mismo el enfoque de género, o lo que tu quieras, que hacer una teoría sobre la incidencia, sobre las formas que debe tomar esa incidencia, con una ética especial, con unos principios políticos muy definidos, con un respeto muy grande también, entonces todo eso son las bases que tenemos para empezar la teoría. Pero, es un reto, porque no existe, tenemos que construirla, entonces ahí estamos en eso, con esta preocupación (Entrevista nº 13).

Os princípios políticos de se fazer uma teoria sobre as incidências do feminismo consiste em organizar e sistematizar tudo que as feministas vêm realizando de intervenção social para pensar novas práticas para a atuação. E assim, demonstra uma intenção de que as *teorias feministas* apontem para seu viés transformador, que esse trabalho de transformação da sociedade seja um princípio claro que embase as práticas.

Se as concepções científicas irão alterar ao longo dos anos, ou se as antropólogas feministas abdicarão deste rótulo para produzir conhecimentos de outras formas, é algo que não está dado. Porém, o que todas essas propostas apontam é que a universidade se constitui como um espaço de produção das *teorias feministas*. Sejam elas científicas ou não.

O que o trabalho de campo mostra é que as antropólogas estão disputando as políticas acadêmicas. Estão construindo e modificando as políticas acadêmicas quando se esforçam para a criação de espaços próprios para pensar o fazer feminista. Nesse sentido, é interessante pensar na característica do movimento feminista de criação de espaços acadêmicos voltados para o ensino e aprendizagem de suas teorias. De diferentes maneiras e a partir de diversas concepções, as *teorias feministas* ganharam espaços dentro do meio universitário. E parece que não sairão com facilidade.

Os elementos simbólicos dessa disputa

Gostaria de refletir brevemente sobre as nomenclaturas dessas pós-graduações, pois entendo que elas simbolizam as transformações ocorridas, tanto em relação às concepções teóricas, quanto em relação ao espaço conquistado dentro da universidade. Se em meados da década de 1990 o mestrado se constitui a partir do nome “estudos da mulher”, as pós-graduações de finais da década de 2010 apontam para a inclusão do nome “feminismo” de forma explícita.

Porque o mestrado tem como adjetivo “estudos da mulher” enquanto o doutorado é em “estudos feministas”? Em que contexto estavam sendo criados esses espaços formativos? Porque recentemente é mais aceito falar em estudos feministas? Qual a carga política que ambas as denominações têm? São perguntas que trago sem a intenção de responder a todas elas, mas que podem instigar a reflexão sobre o que está envolvido neste processo de criação e manutenção destes espaços.

Em diálogo com uma das antropólogas sobre a escolha do nome *Maestría de los Estudios de la Mujer*, ela explicou que se deveu ao fato de haver maior aceitação naquele

momento de tratar sobre as “questões da mulher”, ao invés de pensar em “feminismo”. O nome também é uma forma de demarcar espaços, de representar, de simbolizar. Por isso, sua escolha passou por uma ampla discussão por parte das intelectuais que estavam construindo esse espaço. Naquele momento, pensavam em um mestrado feminista, porém, o contexto acadêmico, social e político não permitia essa denominação sem conflitos.

É após a consolidação deste mestrado, quando o feminismo também parece menos com uma ofensa, quando suas teorias ganham espaço dentro das diferentes áreas de conhecimento (principalmente a partir da categoria mais neutra de “gênero”), que se faz possível uma nomeação desta forma. De forma mais clara, o *posgrado em estudios y intervención feminista* consolidam em seu nome o caráter político de transformação social que esse conhecimento procura traduzir.

Compreendo que essas nomenclaturas explícitas sobre o ensino de perspectivas feministas simbolizam o avanço do movimento feminista no México. Dentro da academia e fora dela. Em seu interior porque as pessoas que compõem as universidades aprovam, ainda que com dificuldades, esses programas. Mas também fora delas porque o movimento feminista tem avançado e difundido suas ideias para a sociedade em geral. Deste modo, assim como nomear-se feminista se tornou menos estigmatizado, nomear o conhecimento como feminista passou por uma aceitação maior.

Ativismo universitário

Desde que estábamos en la licenciatura Marcela formó la Antropología de la Mujer, que después fue de Sexualidad y Cultura. Y desde ahí hacíamos activismo universitario, o como que nuestro perfil ha sido trabajar hacia dentro de la universidad. Lo cual es complicado, porque no es muy reconocido por las activistas fuera de universidad, y es muy criticado dentro de la universidad. Pues, por todas nosotras, todas mis amigas y colegas de Puebla, y después aquí en la universidad, hemos seguido esa pauta. Porque yo pertenecía sobretodo a grupos de mujeres universitarias que hacen feminismo dentro de la universidad, y por los propios temas que he trabajado con mujeres indígenas, he trabajado con organizaciones de mujeres indígenas (Entrevista nº9).

Entonces este labor de las académicas, o de las antropólogas, y algunas otras académicas para transformar las universidades ha sido realmente una trayectoria muy exitosa. Que coincide además con el trabajo que ha dedicado y del empeño de luchar, como militar no. Han logrado validar, por su rigurosidad y empeño, también por un contexto más amplio, que tiene que ver con las políticas de la ONU, o del Banco Mundial, también sobre el concepto de género. Que es un labor de las propias feministas, ¿no? Entonces yo creo que van dando pasos que, con alianzas, con transformar el activismo digamos práctico en un feminismo teórico, de hacer publicaciones (Entrevista nº 3).

Para antropólogas feministas que têm sua trajetória marcada pela formação universitária e têm como ambiente de trabalho esta instituição, é nela que serão realizadas práticas de transformações sociais. Entendo que a criação desses espaços formativos representa uma das formas de *ativismo universitário*.

Assim que retornei do trabalho de campo, tinha apenas uma certeza (e muitas dúvidas), de que a atuação das antropólogas feministas mexicanas era pautada por um forte engajamento social. Esse engajamento pode ser percebido no capítulo anterior com os Movimentos Sociais, mas é também pautado por um engajamento no interior da universidade. O *ativismo universitário* se constitui como uma ação que se realiza na universidade, que tem como propósito a sua transformação a partir da perspectiva feminista.

A criação desses programas de formação feminista é um exemplo de *ativismo universitário*, pois entendo que a criação desses locais, muitas vezes, se faz permeada de disputas internas e resistências por parte de outros colegas, de pessoas que compõem o corpo docente e administrativo das universidades e requer um esforço coletivo para sua realização e reconhecimento do feminismo neste campo.

Além disso, entendo que o *ativismo universitário* pode ser compreendido com a construção das *teorias feministas*, com a produção antropológica embasada nos pressupostos feministas. A produção teórica tem uma vinculação com temas que são diretamente ligados às reivindicações feministas de uma forma geral, por exemplo: aborto, violência de gênero, corpo, maternidade, etc. Contribuem com a expansão dessa área de conhecimento através da produção teórica e de pesquisas dentro da

área. Representam, também, um momento do feminismo que ganhou espaço no círculo universitário, que conta com um reconhecimento institucional, que permite sua discussão como uma área do conhecimento.

Além dessas formas de *ativismo universitário*, muitas antropólogas feministas mexicanas estão alterando as políticas acadêmicas por meio de respostas administrativas em relação ao machismo na universidade. São elas que criam a frente para o combate ao assédio nas universidades (tema vibrante em 2019 no país). Elaborando protocolos com orientações para combater as violências, criando centros de atendimento para as mulheres vítimas de assédio. Ou seja, investem tempo, conhecimento e energia para a formulação de órgãos administrativos que procuram coibir essas práticas dentro da universidade.

Deste modo, neste capítulo procurei trazer o debate sobre como o feminismo se constitui como um movimento teórico e acadêmico, construído e fomentado por antropólogas feministas. Seja de forma individual, seja de forma coletiva, elas estão trabalhando para que ocorram, também, transformações nos espaços acadêmicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No começo desta dissertação, fiz um convite para que você conhecesse um pouco da antropologia feminista mexicana, através do meu olhar. Foi isso que procurei trazer ao longo desses capítulos. A pergunta *o que é a antropologia feminista mexicana?* ainda paira em minha mente. Talvez eu ainda não tenha uma resposta definitiva para ela, mas trouxe alguns elementos para entendê-la.

Ao longo da dissertação, procurei trazer um pouco do México que conheci e das antropólogas feministas mexicanas que escutei. O primeiro capítulo é dedicado às questões metodológicas da pesquisa: expliquei como cheguei a este objeto de estudo, bem como refleti sobre a observação participante e as entrevistas, que foram as principais técnicas de pesquisa empregadas. Por fim, analisei as implicações subjetivas do trabalho em campo, quando feito por mulheres.

No Capítulo 2, *México e Seus Caminhos*, apresentei minha caminhada pela gigantesca Cidade do México e pela aconchegante *San Cristóbal de Las Casas*. Descrevi os lugares pelos quais passei como forma de fazer quem me lê viajar por esse país. A descrição visou, também, situar as formas como as entrevistas aconteceram e apresentar as antropólogas que contribuíram com essa dissertação de forma direta. Ao apresentar o grupo de antropólogas feministas mexicanas que escutei em campo, meu objetivo foi fazer circular nomes e teorias que são construídas no Sul Global, permitindo maior acesso a conhecimentos que são produzidos na América Latina.

Em *Antropólogas em movimento(s)*, Capítulo 3, foquei na estreita relação entre os Movimentos Sociais e a antropologia feminista mexicana. Nele, tentei explicar o início do movimento feminista mexicano, a partir das narrativas das antropólogas. Descrevi quem foram as *antropólogas pioneiras e como* foram as precursoras na articulação entre antropologia e Movimentos Sociais e como, a partir desta relação e participação em *grupos de autoconsciência*, passaram a se denominar feministas. Centrei a análise deste capítulo em duas esferas de articulação do feminismo mexicano: com os movimentos feministas urbanos e com os movimentos de mulheres indígenas.

Sobre os movimentos feministas urbanos, trouxe elementos para pensar como as antropólogas contribuem nas suas construções, engajadas em projetos que tenham como horizonte a transformação social. Tentei demonstrar como elas produzem a partir da antropologia feminista, teorias que contribuem na formulação de políticas públicas, particularmente em relação à legislação nacional de combate ao feminicídio e à violência contra as mulheres e como se envolvem na criação de grupos feministas na Cidade do México. O foco da análise do Capítulo 3 foi a articulação possível entre academia e movimento social.

Também no Capítulo 3 analisei a emergência do feminismo indígena, que se dá pela articulação com os movimentos de mulheres indígenas. A pesquisa de campo com feministas indígenas *afeta* algumas dessas antropólogas, de modo a transformá-las, a partir de suas interlocutoras, fazendo com que elas passem a se autodenominar feministas. Logo, com essa denominação, atuam para atender demandas desses movimentos, na medida em que colocam o conhecimento antropológico como um elemento de reciprocidade para encampar as lutas desses movimentos. A *antropologia sob demanda* é a categoria nativa que traduz essa forma particular de produção antropológica mexicana.

Por fim, o Capítulo 4, *Ciência, uma carta em disputa*, procurou focar no ambiente acadêmico mexicano e sua articulação com o feminismo. A partir da década de 1990, o *feminismo acadêmico* e as *teorias feministas* avançaram dentro das universidades, formando jovens antropólogas que se reconheceram enquanto feministas. Estas passaram a abrir caminhos dentro do ambiente acadêmico para o campo de conhecimento feminista, disputando esse espaço de poder, que é permeado por disputas internas. O *ativismo acadêmico*, uma categoria nativa dessas antropólogas, contribui para o avanço das discussões feministas no interior da academia, que pode ser percebido como um espaço cada vez mais consolidado de produção de conhecimento.

Através deste trabalho, busquei compreender algumas características da Antropologia Feminista Mexicana. Entendo que essa antropologia adjetivada representa uma forma de fazer antropologia distinta da antropologia em geral. Ela tem como marca

central a transformação da sociedade, principalmente pensando o combate às diferentes opressões sofridas pelas mulheres.

A transformação da sociedade é um objetivo que as antropólogas feministas mexicanas buscam alcançar de diferentes formas. Primeiro, através da produção de *teorias feministas* que abordem os problemas das mulheres, com o objetivo de buscar soluções para sua superação. Segundo, atuando em Organizações da Sociedade Civil, seja no interior de partidos políticos, seja em outros espaços de poder, através da produção teórica, que tem como meta a formulação de políticas públicas. Por fim, visam a transformação do meio acadêmico em que estão inseridas, através de programas de formação feminista ou através de suas teorias.

Deste modo, entendo que a antropologia feminista mexicana é formada pela imbricação desses dois elementos: movimento social e academia. São eles que retroalimentam essa forma do fazer antropológico engajado, que caracteriza uma forma de produção antropológica latino-americana, que procura alterar a sociedade. Neste campo, antropólogas feministas mexicanas parecem ter um lugar central.

Estas antropólogas que se reconhecem como feministas ocupam hoje um lugar importante no interior da antropologia mexicana como um todo. Elas fazem importante articulação entre as questões gerais da disciplina com a teoria feminista, fazendo uma antropologia com "lentes de gênero". Contribuem com essa perspectiva crítica pela incorporação das mulheres dentro da agenda geral de pesquisa antropológica sobre a sociedade mexicana. Contribuem, ainda, com um olhar sobre a história da antropologia mexicana, ao elencar antropólogas que produziram este conhecimento ao longo dos anos, trazendo visibilidade para questões antes pouco trabalhadas.

Elas representam, para os movimentos feministas mexicanos, uma forma de produção de conhecimento que procura atender demandas sociais do país. Utilizam os instrumentos fornecidos pela antropologia para pensar as mulheres na sociedade mexicana e propor mudanças. Suas escolhas de pesquisa passam pela articulação com esses movimentos, onde conhecer o outro não é apenas um interesse intelectual, mas um interesse político e social. Deste modo, representam um fazer antropológico comprometido com a alteração social.

A antropologia mexicana se constitui como um campo do saber que possibilita os debates feministas, talvez porque ele seja uma das formas mais bem acabadas do projeto antropológico mexicano de engajamento expresso na categoria nativa de *antropologia sob demanda*. Além disto, o exemplo do México, onde as antropólogas feministas possuem muita força, se constitui como um modelo importante para as antropologias latino-americanas e, quiçá, mundiais. A incorporação do conceito de gênero como elemento importante de análise antropológica global é um sinal de que as *teorias feministas* ganharam espaço na disciplina.

Os caminhos que não foram trilhados

A produção de uma dissertação se constitui através de escolhas. Escolhas sobre que aspectos analisar nesta etapa de minha trajetória acadêmica e que aspectos deixar para depois. Por isso, finalizo com alguns indicativos de questões que poderão ser aprofundadas em trabalhos futuros – por mim ou por outras pesquisadoras.

Um dos caminhos que não pude percorrer com mais profundidade nesta dissertação é o das antropólogas feministas que optaram por atuar fora da universidade, dedicando-se a construir o movimento feminista urbano mexicano, engajadas em sua prática cotidiana, em ONGs ou em órgãos públicos. Estas atuam diretamente na elaboração de projetos voltados para a situação das mulheres e na execução de políticas públicas. Deixo aqui algumas perguntas: como é a atuação das antropólogas nestes espaços? No que o conhecimento antropológico contribui para essas organizações? O que fizeram essas mulheres optarem por uma profissionalização nestes espaços? Como a antropologia feminista tem aportado teorias para essas organizações?

Muitas políticas públicas foram elaboradas por antropólogas feministas. Trouxe apenas como exemplo a *Ley General de Acceso de las Mujeres a una Vida Libre de Violencia*. Contudo, ela não foi um caso isolado da atuação dessas antropólogas. Pelo contrário, outras legislações foram pensadas e construídas a partir do engajamento das antropólogas, sejam elas municipais, regionais ou nacionais. E me pergunto: como ocorre a articulação entre antropologia feminista e poder público? Sobre quais aspectos as

antropólogas feministas conseguem legislar? Para quais temas a antropologia feminista traz aportes? Quais não avançam no âmbito legislativo?

Se no espaço urbano destaquei o papel do movimento feminista, no espaço rural o enfoque foi dado ao movimento de mulheres indígenas. Esse é um recorte que fiz de um movimento indígena mexicano que é extremamente diverso, amplo e rico. O Zapatismo é apenas a ponta do *iceberg* quando se trata de movimento indígena no México, porque existem articulações e resistências inspiradoras que são formadas em todo o território nacional. As interações com a antropologia mexicana e com as antropólogas feministas são transversais e incorporam diferentes esferas do fazer antropológico. Quais as resistências que são estabelecidas pelas mulheres indígenas? Como as antropólogas feministas percebem esses movimentos? De que forma ocorre o trabalho de campo com mulheres indígenas feministas? Quais os temas que emergem desses trabalhos? Como as antropólogas feministas contribuem para o debate sobre a questão indígena no México? Esses aportes podem ser utilizados pelos movimentos de mulheres indígenas da América Latina?

O feminismo indígena se fortalece com os dias e apresenta-se pulsante. Organizações foram criadas em diferentes esferas – do local ao global – e congressos estão sendo realizados atualmente para essa articulação. Corrente que no Brasil começa a aparecer, mas considero que o movimento feminista brasileiro pode beber dessa fonte de inspiração latino-americana para pensar sua própria articulação. Sobre o feminismo indígena mexicano, me pergunto: como as produções de feministas indígenas são incorporadas pelas *teorias feministas*? Qual a relação deste movimento com as demais esferas do movimento feminista mexicano? Como antropólogas feministas indígenas pensam a antropologia? Que aportes elas trazem para o conhecimento social?

Por fim, trago um dos elementos que apareceu com muita frequência nas narrativas das antropólogas: a maternidade. Como disse anteriormente, eu tive contato com acadêmicas que tiveram um longo investimento acadêmico em suas trajetórias: da graduação à docência, passaram por todos os estágios da vida acadêmica. E, com isso, aquelas que desejaram serem mães tiveram que articular vida acadêmica e maternidade. Nesse aspecto, gostaria apenas de destacar duas coisas. A primeira delas é a centralidade

de suas próprias mães no auxílio ao cuidado e criação dos filhos, que apareceram, em muitos relatos, como essenciais para conseguirem continuar suas carreiras. Em segundo lugar, pensar o trabalho de campo junto com as crianças. Como antropólogas, elas relatam que a realização do trabalho de campo com seus filhos é um elemento central para suas pesquisas. Em diferentes relatos sobre os trabalhos de campo, a presença das filhas era citada, era comentada, era pensada. Esse é um tema que me instiga a pensar: como essas antropólogas pensam a questão da maternidade? Como isso afetou as suas formações? Como ocorreu a interação de suas filhas nas comunidades estudadas? Como foi a experiência da maternidade na academia mexicana? Essas questões têm mudado ao longo dos anos?

Portanto, tentei elencar, neste item final, temas e questões que me instigaram na escrita dessa dissertação, sinalizando elementos da antropologia feminista mexicana que merecem atenção e aprofundamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLIER MONTANO, Eugenia. **Presentes-pasados del 68 mexicano**: Una historización de las memorias públicas del movimiento estudiantil, 1968-2007. *Rev. Mex. Sociol*, México, v. 71, n. 2, p. 287-317, jun. 2009. Disponible en http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-25032009000200003&lng=es&nrm=iso. Accedido en 23 sept. 2019.

ÁVILA GONZÁLEZ, Yanina. **Mujeres frente a los espejos de la maternidad**: las que eligen no ser madres. *Desacatos 17* (2005): 107-126.

BARTA, Eli. **Tres décadas de neofeminismo en México**. In: BARTRA, Eli; PONCELA, Anna M. Fernández; LAU, Ana. *Feminismo en México Ayer y Hoy*. Ciudad de México: Molinos de Viento, 2002.

_____. **El movimiento feminista en México y su vínculo con la academia**. *Revista de Estudios de Género, La Ventana*, v. 1, n. 10, p. 214-233, 1999.

BARTRA, Eli; PONCELA, Anna M. Fernández; LAU, Ana. **Feminismo en México Ayer y Hoy**. Ciudad de México: Molinos de Viento, 2002.

BLOOR, David. **Conhecimento e imaginário social**. São Paulo: UNESP, 2008. PGS.

BONETTI, Alinne de Lima.. **Feminismo acadêmico e a antropologia no Brasil: mapeando a constituição da antropologia feminista brasileira**. Anais do 18th IUAES World Congress - World (of) encounters: the Past, Present and Future of Anthropological Knowledge. Volume 1, 2018.

_____. **Antropologia feminista: O que é esta antropologia adjetivada?** In: BONNETI, Alinne de Lima; SOUZA, Ângea Maria Freire de Lima. *Gênero, mulheres e feminismos*. EDUFBA; NEIM, 2011.

BONFIL BATALLA, Guillermo. **México profundo**: una civilización negada. México: Grijalbo, 1990.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRIGGS, Charles. **Learning how to ask**: A sociolinguistic appraisal of the role of the interview in social science research. Cambridge University Press, 1986.

CASTAÑEDA SALGADO, Martha Patricia. **Perspectivas feministas para fortalecer los liderazgos de mujeres jóvenes**. Universidad Nacional Autónoma de México, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades, 2013.

_____. **Antropólogas y feministas**: apuntes acerca de las iniciadoras de la antropología feminista en México. *Cuadernos de antropología social*, n. 36, p. 33-49, 2012.

_____. Conferencia magistral a cargo de la Dra. Martha Patricia Castañeda Salgado. **Inauguración del Diplomado Internacional en estudios de las Mujeres, Feminismo y Descolonización**. Oaxaca. 1 de Agosto. 2013. Disponible em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v1cQFXm2zew>>

_____. **Metodología de la investigación feminista**. Guatemala Centro de Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades (CEIHC). Universidad Autónoma de México–Fundación Guatemala, 2008.

CUMES, Aura. La presencia subalterna en la investigación social. In: Leyva, Xochitl et al. **CONOCIMIENTOS Y PRÁCTICAS POLÍTICAS: REFLEXIONES DESDE NUESTRAS PRÁCTICAS DE CONOCIMIENTO SITUADO (TOMO II)**. Chiapas, Ciudad de México, Ciudad de Guatemala y Lima: CIESAS, UNICACH, PDTG-UNMSM, 2011.

DAMIÁN, Gisela Espinosa. **Cuatro vertientes del feminismo en México**. Ciudad de México: UAM Xochimilco. 2009.

_____. **Movimientos de mujeres indígenas y populares en México: encuentros y desencuentros con la izquierda y el feminismo**. *Filosofía, política y economía en el Laberinto*, n. 29, p. 9-28, b2009.

DE DIPUTADOS, Cámara; DE LA FEDERACIÓN, Diario Oficial. **Ley general de acceso de las mujeres a una vida libre de violencia**. Diario Oficial de la Federación, 2007.

EZLN. **El Despertador Mexicano**, órgano informativo del EZLN, México, 1 de diciembre. 1993.

FAVRET-SAADA, Jeanne. "Ser afetado". **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.

FONSECA, Claudia. **O anonimato e o texto antropológico**: dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'. *Teoria e Cultura*, v.2, n.1 e 2, p. 39-53, 2008.

FOUREZ, Gerard. **A construção das ciências**: introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo: Unesp, 1995.

FREEMAN, Jo. **A Tirania das Organizações Sem Estrutura**, 1970. Disponível em: <https://www.nodo50.org/insurgentes/textos/autonomia/21tirania.htm> . Acesso em 16 dez. 2019.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GOLDSMITH, Mary. **Antropología de la mujer**: ¿antropología de género o antropología feminista. In: *Debate feminista* (6): 341-3, 1992.

_____. **Debates antropológicos en torno a los estudios sobre la mujer**. In: *Nueva Antropología* (30): 149-171, 1986

_____. **Disputando fronteras**: la movilización de las trabajadoras del hogar en América Latina. *Amérique Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM. Les Cahiers ALHIM 14* (2007).

_____. **Los espacios internacionales de la participación política de las trabajadoras remuneradas del hogar**. *Revista de Estudios Sociales* 45 (2013): 233-246.

GONZALBO, Pablo Escalante et al. **Nueva historia mínima de México ilustrada**. Cidade do México, El Colegio de México, 2008.

GROSS, Elizabeth. **¿Qué es la teoría feminista?** In: *Debate Feminista*, vol.12, año 6, México, octubre de 1995, pp. 85-105.

GROSSI, Miriam Pillar. **Trabalho de Campo, Etica e Subjetividade**, Florianópolis/Tubarão, Editora Tribo da Ilha/Copiart, 2018.

_____. et al. **O conceito de gênero: um novo" coração de mãe" nas pesquisas sobre a mulher**. Anais, 1989.

_____. Na busca do outro encontra-se a si mesmo. in GROSSI, Miriam et alli (org) **Trabalho de Campo, Etica e Subjetividade**, Florianópolis/Tubarão, Editora Tribo da Ilha/Copiart, 2018.

_____.; BONETTI, Alinne L. (Org.). **Caminhos do Feminismo no Brasil**: Teorias e Movimentos Sociais. 1. ed. Florianópolis/Tubarão: Tribo da Ilha/Copiart, 2018. v. 1. 264p

_____. **Mauss segundo suas alunas**. Florianópolis: NAVI, 2002 (vídeo).

_____.; RIAL, Carmen. **Germaine Tillion: lá où il y a danger on vous trouve toujours.** Florianópolis: NAVI, 2007 (vídeo).

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados:** a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.

HERITIER, Françoise. **Masculino, Feminino, Pensamento da Diferença.** Lisboa: Editora Instituto Piaget, 1996.

HERRERA BAUTISTA, Martha Rebeca; PALMA, Patricia Molinar. **Creciendo en la adversidad.** Facultad de Medicina-Universidad Autónoma de Sinaloa, México (2009).

_____. **Mujer otomí:** la jornada interminable de una vida alfombradamente áspera. Universidad Autónoma de Sinaloa, 2005.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. 283 p.

HUACUZ ELÍAS, María Guadalupe. **¿Violencia de género o violencia falocéntrica?:** variaciones sobre un sis/tema complejo. Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2018.

_____; Rodríguez Cabrera, Verónica. (coords.). **Estudios sobre ética de la investigación y violencia de género en México.** México: UAM-Xochimilco/Itaca, 2014.

Huerta, Tonatiuh Meléndez. **El Periódico La Revuelta... Y las brujas conspiraron.** 2017.

JIMÉNEZ-ESQUINAS, Guadalupe. **Mujeres y hombres en el mundo global.** Antropología feminista en América Latina y España (Carmen Gregorio Gil, Martha P. Castañeda Salgado, Coord.). *AIBR. Revista de Antropología Iberoamericana* 8.3 (2013): 399-401.

JIMENO, Myriam. **La vocación crítica de la antropología en Latinoamérica.** *Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología*, n. 1, p. 43-65, 2005.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva:** um guia para pesquisa de campo. Editora Vozes Limitada, 2013.

KROTZ, Esteban. **La generación de teoría antropológica en América Latina:** silenciamientos, tensiones intrínsecas y puntos de partida. *Maguaré*, n. 11-12, 1996.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas.** 5a. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres:** madresposas, monjas, putas, presas y locas. No. 305.4 L3.. 2015.

LAU, Ana. **El nuevo movimiento feminista mexicano a finales del milenio**. In: BARTRA, Eli; PONCELA, Anna M. Fernández; LAU, Ana. *Feminismo en México Ayer y Hoy*. Ciudad de México: Molinos de Viento, 2002.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. (orgs.). **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2010.

LÓPEZ GUERRERO, Jahel, Abigail Dely García López y Jimena Sánchez Barrenechea . **Uso y distribución del tiempo en mujeres y hombres oficiales de policía de la Ciudad de México**. In: *International Journal of Latin American Studies*. Vol. 3, No. 1, enero-junio, pp. 151-174, 2013.

_____, et al (coords.) **Investigadoras de la UNAM: trabajo académico, productividad y calidad de vida**. México: CEIICH-UNAM, pp. 29-56, 2013.

_____. **Relaciones de género e interétnicas entre jóvenes indígenas migrantes en la ciudad de México**. In: *Revista Géneros*, núm. 12/ Época 2/ Año 19, septiembre 2012-febrero 2013, (Des)Conexiones entre la teoría feminista y la teoría de género], pp. 139-160, 2013.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Ubu, 2018.

MELO, Anahi Guedes; FERNANDES, Felipe Bruno Martins; GROSSI, Miriam Pillar. Entre pesquisar e militar: engajamento político e construção da teoria feminista na Brasil. In: GROSSI, M. P.; BONETTI, A. L. (Org.). **Caminhos do Feminismo no Brasil: Teorias e Movimentos Sociais**. 1. ed. Florianópolis/Tubarão: Tribo da Ilha/Copiart, 2018. v. 1. 264p.

MIGNOLO, Walter. **The geopolitics of knowledge and the colonial difference**. *The South Atlantic Quarterly*, v. 101, n. 1, 2002.

MOORE, Henrietta L. **Antropología y feminismo**. Universitat de València, 1991.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007;

MUÑOZ, Elsa. **Cuerpo, representación y poder: México en los albores de la reconstrucción nacional, 1920-1934**. Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Azcapotzalco, 2002.

OLIVERA, Mercedes. **Sobre la explotación y opresión de las mujeres acasilladas en Chiapas**. In: *Cuadernos Agrarios*, Vol. 4 (9): 43-55, 1979.

_____. **.. La opresión de la mujer en el sistema capitalista.** *Historia y Sociedad*, Nro. 6: 3-12, 1975.

ORTNER, Sherry. **Está a mulher para a natureza, assim como o homem para a cultura.**

ROSALDO, Michelle Z.; LAMPHERE, Louise. *A mulher, a cultura, a sociedade.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PEIRANO, Mariza G. S. **A favor da etnografia.** Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1995.

_____. **A teoria vivida: e outros ensaios de antropologia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

PONCELA, Anna M. Fernández. **Feminismo y opinión pública hoy.** Apuntes para una reflexión. In: BARTRA, Eli; PONCELA, Anna M. Fernández; LAU, Ana. *Feminismo en México Ayer y Hoy.* Ciudad de México: Molinos de Viento, 2002.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder e classificação social.* In: B.S. Santos e M. P. Menezes (orgs.). **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Almedina. 2009.

RAMOS, Leonardo M. **Outros olhares sobre a história da antropologia:** experiências pedagógicas de formação na preparação do 18th IUAES World Congress. In: 31ª Reunião Brasileira de Antropologia - realizado em Brasília/DF, de 09 a 12 de dezembro de 2018.

RIBEIRO, Gustavo Lins & ESCOBAR, Arturo. **Antropologias Del Mundo: Transformaciones disciplinarias dentro de sistemas de poder,** Wenner Gren/CIESAS/Envion, Popalan/Colombia, 2008.

RODRÍGUEZ CABRERA, Verónica. **Las Redes De La Sexualidad En Tehuantepec.** La Cifra: Ciudad de México. 2015

_____. **Liderazgo femenino y los caminos de la mujer en Rancho Nuevo de la Democracia,** Guerrero. Diss. Tesis, maestría en desarrollo rural, UAM-Xochimilco, 2000, México, 2000.

ROSALDO, Michelle Z.; LAMPHERE, Louise. **A mulher, a cultura, a sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RUBIN, Gayle. **Trafico de mulheres:** notas sobre a “economia politica” do sexo. SOS Corpo: Recife, 1993.

SALAS-VALENZUELA, Monserrat, Torre Medina-Mora, and María del Pilar. **El concepto género en documentos gubernamentales sobre salud y nutrición en México.** *Salud colectiva* 2: 35-45. 2006

SEGATA, Jean. "Dos cibernautas às redes". In: SEGATA Jean; RIFIOTIS, Theophilos (orgs.). **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: ABA Publicações, 2016, p. 91-114.

SERRET, Estela. **El feminismo mexicano de cara al siglo XXI**. *El Cotidiano*, vol. 16, núm. 100, marzo-abril, 2000, pp. 42-5

SILVA, Vagner Gonçalves Da. **O Antropólogo e sua Magia: Trabalho de Campo e Texto Etnográfico nas Pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-brasileiras**. 1a ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

_____. Uma relação incômoda: o caso do feminismo e da antropologia. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 2, p. 83-104, 2009.

TURNER, Victor Witter. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974. 248 p.

VALLADARES, Laura (Coord). **Nuevas Violencia en América Latina**. Los derechos indígenas ante las políticas extractivistas y las políticas de seguridad, 2014.

_____. Sufragistas del nuevo milenio: La lucha de las mujeres indígenas por espacios de representación política. In: Tejera, Héctor, Pablo Castro y Emmanuel Rodríguez (coords), Continuidades, rupturas y regresiones. **Contradicciones y paradojas de la democracia mexicana**, México, UAM-CONACYT, Juan Pablos editor, 2014.

VÁZQUEZ LEÓN, Luis. **Las metamorfosis de la antropología crítica: conocimiento y poder en México**. *Estudios del hombre*, n. 8, p. 95-118, 1998.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

WARMAN, Arturo et al. **De eso que llaman antropología mexicana**. Editorial Nuestro Tiempo, 1970.

WARMAN, Arturo. **De eso que llaman antropología mexicana**. Editorial Nuestro Tiempo, 1970.